

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO - FAGED
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL: HABILITAÇÃO EM JORNALISMO

NADJA MORAES RABÊLO NOBRE

**AGÊNCIA LUPA E O PROJETO TRUCO: ANÁLISE DOS SENTIDOS
PRODUZIDOS PELAS AGÊNCIAS DE CHECAGENS SOBRE CANDIDATOS À
PRESIDÊNCIA NAS ELEIÇÕES DE 2018**

UBERLÂNDIA

2018

**AGÊNCIA LUPA E O PROJETO TRUCO: ANÁLISE DOS SENTIDOS
PRODUZIDOS PELAS AGÊNCIAS DE CHECAGENS SOBRE CANDIDATOS À
PRESIDÊNCIA NAS ELEIÇÕES DE 2018**

Monografia apresentada ao Curso de Comunicação Social: Habilitação em Jornalismo da Universidade Federal de Uberlândia, como exigência parcial para a obtenção do título de bacharel em Comunicação Social: Habilitação em Jornalismo.

Orientação: Prof^ª. Dr^ª. Ivanise Hilbig de Andrade

UBERLÂNDIA

2018

NADJA MORAES RABÊLO NOBRE

**AGÊNCIA LUPA E O PROJETO TRUCO: ANÁLISE DOS SENTIDOS
PRODUZIDOS PELAS AGÊNCIAS DE CHECAGENS SOBRE CANDIDATOS À
PRESIDÊNCIA NAS ELEIÇÕES DE 2018**

Monografia apresentada ao Curso de Comunicação Social: Habilitação em Jornalismo da Universidade Federal de Uberlândia, como exigência parcial para a obtenção do título de bacharel em Comunicação Social: Habilitação em Jornalismo.

Prof^a. Dr^a. Ivanise Hilbig de Andrade
Orientadora – FAGED/UFU

Prof. Dr. Israel de Sá
Examinador – ILEEL/UFU

Prof. Dr^a. Raquel Timponi Pereira Rodrigues
Examinadora – FAGED/UFU

Uberlândia, 11 de dezembro de 2018.

À minha querida professora de Língua Portuguesa, Marília Verechia,
que usando as lentes da sensibilidade, peculiares aos bons mestres,
enxergou mais longe e me levou aos 13 anos de idade para conhecer o
estimulante e tumultuado espaço da redação de um jornal.
Ali, entre repórteres escrevendo, fotógrafos, televisores ligados
e telefones tocando, me descobri!

Dez anos depois...

Jornalista.

AGRADECIMENTOS

Agradecimento. Ato de gratidão. Retribuir. Afetos, cuidado, carinho, investimento financeiro, conhecimento, amor, incentivo e tudo mais que recebi durante esses quatro anos. Como retribuir da mesma forma? Impossível. Porém, uma das lições que aprendi no curso de Comunicação Social: habilitação em Jornalismo é que o Jornalista deve escrever de forma afetuosa e contar histórias. Então, de forma simples e singela tento fazer isso como um exercício ao meu coração para não esquecer das pessoas que escreveram essa história comigo. Ao autor da minha fé que sempre esteve comigo, Jesus Cristo.

Aos meus queridos pais, Heloísa e Theófanês, por sacrificarem tantas coisas para que hoje eu pudesse me formar, vocês são meus maiores incentivadores. Muito obrigada também, pai, por revisar a ortografia e a gramática desse trabalho.

Aos meus queridos irmãos, Anneli e Nathan, enxergam o meu potencial e me ajudam a ver o que muitas vezes eu ainda não consigo.

À minha querida família uberlandense, Harry e Helena Scates, por todo amor e acolhimento. Levarei preciosas lições desse tempo que estive com vocês.

Aos meus amigos, mais que família, tornaram essa jornada mais leve e divertida. Ensinarão tantas coisas, tornei-me uma pessoa melhor por causa de vocês - Lara Rodrigues, Paula Nohanna, Brenda Galvão, Gabriel Rodrigues, Nágela Soares, Bianca, Vítor e Lorryanne Ferrolla.

Às minhas amigas que compartilham comigo a casa, as contas, as panelas sujas, alegrias e dificuldades. Obrigada por todo carinho, Bianca Guaraldo e Ana Carolina Troiano.

À minha querida professora Ivanise Hilbig por aceitar o desafio de orientar esse trabalho. Por acreditar em mim, compartilhar seus conhecimentos e me fazer encantar pela área da Pesquisa em Comunicação. Muito obrigada por todo carinho e me mostrar que o processo também pode ser leve.

À querida Ellen Melo por todas as contribuições e revisar as normas desse trabalho. Obrigada.

Aos amigos da sexta turma. Compartilhamos os desafios do curso e alegrias. Agradeço pela oportunidade de ter aprendido com e junto vocês.

A todos os queridos professores da graduação. Obrigada, por estimularem meu pensamento crítico e desafiarem meus limites em cada trabalho. Com certeza vocês me ensinaram aquilo que a jornalista Eliane Brum diz: “o repórter tem que aprender a escutar com todos os sentidos”.

Ao grupo do Programa de Educação Tutorial – Conexão de Saberes e a querida tutora Adriana Omena. Vocês me acolheram e contribuíram para que minha formação fosse além dos muros acadêmicos e realmente ganhasse significado junto daqueles que pagam, com seus impostos, a universidade pública. Embora, muitos não consigam ultrapassar seus portões.

Aos técnicos-administrativos e faxineiros da Faculdade de Educação que também tornaram possível minha jornada acadêmica.

Muito obrigada por escreverem essa história comigo.

“Bons repórteres são bons escutadores da realidade.

O mais difícil é justamente aprender a escutar
com todos os sentidos.”

Eliane Brum

NOBRE, Nadja Moraes Rabêlo. **AGÊNCIA LUPA E O PROJETO TRUCO: Análise dos sentidos produzidos pelas Agências de Checagens sobre candidatos à Presidência nas eleições de 2018**. 2018. 151 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social: Habilitação em Jornalismo) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2018.

RESUMO

Esta pesquisa analisa os sentidos produzidos pela Agência Lupa e pelo Projeto Truco (Agência Pública) nas checagens sobre os presidentiáveis brasileiros Ciro Gomes e Jair Bolsonaro, durante as eleições de 2018. O trabalho das agências de checagem se insere em um contexto de mediatização, com maior produção e circulação de informações – inclusive falsas –, e de polarização do discurso político. Tal cenário impacta a rotina produtiva dos *media* noticiosos, constituindo-se, assim, as condições de produção de sentidos acerca dos presidentiáveis. Para tanto, foram analisadas oito checagens publicadas em 2018, utilizando-se da base teórico-metodológica da Análise de Discurso de linha francesa, a fim de compreender as semelhanças e diferenças de produção de sentidos sobre cada candidato nas checagens realizadas pelas duas agências. Verificou-se que a Lupa atribui mais etiquetas falsas à Bolsonaro, enquanto que para Ciro Gomes a etiqueta que mais se repetiu foi exagerado. Já o Projeto Truco atribuiu mais etiquetas falsas tanto para Ciro Gomes quanto para Bolsonaro. No Truco, as declarações de Ciro apontam para seus erros e exageros, acompanhadas de fotos em que o presidentiável é valorizado; enquanto os sentidos construídos sobre o Bolsonaro evidenciam o posicionamento ideológico do presidentiável sobre a questão do armamento. Já na Lupa, as checagens sobre o Ciro são menos rígidas, utilizando-se de perguntas na construção dos títulos; com relação à Bolsonaro, a Lupa é mais enfática ao evidenciar seus erros.

Palavras-chave: Jornalismo; Análise de Discurso; Checagem de Fatos; Agência Lupa; Projeto Truco

NOBRE, Nadja Moraes Rabêlo. **AGÊNCIA LUPA E O PROJETO TRUCO: Análise dos sentidos produzidos pelas Agências de Checagens sobre candidatos à Presidência nas eleições de 2018**. 2018. 151p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social: Habilitação em Jornalismo)– Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2018.

ABSTRACT

This research analyzes the meanings produced by the Agência Lupa and the Projeto Truco (Agência Pública) in the checks on the Brazilian presidential candidates Ciro Gomes and Jair Bolsonaro during the 2018 elections. The work of the check agencies is inserted in a context of mediation, with greater production and circulation of information - including false - and polarization of political discourse. Such a scenario impacts the productive routine of the news media, thus constituting the conditions for the production of meanings about every presidential candidate. In order to do so, we analyzed eight checks published in 2018, using the theoretical-methodological basis of the French Speech Analysis, in order to understand the similarities and differences of sense production of the candidates's speeches, in the checks carried out by the two agencies. It was verified that Agência Lupa attributes more false labels to Bolsonaro, whereas for Ciro Gomes the label exaggerated was repeated many times. Projeto Truco attributed more false labels to both Ciro Gomes and Bolsonaro. In the Projeto Truco, the statements of Ciro point to its errors and exaggerations, accompanied by photos in which the candidate is valued; while the senses built on the Bolsonaro show the ideological position of the candidate about the issue of armament. Concerning to Agência Lupa, the checks on the Ciro are less rigid, using questions in the construction of the titles; in relation to Bolsonaro, Agência Lupa is more emphatic in evidencing its errors.

Keywords: Journalism; Discourse Analysis; Fact-Check; Agência Lupa; Projeto Truco

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - Ecossistema da Desinformação	27
FIGURA 2 - “Em sabatina, Ciro Gomes erra ao falar de segurança no RJ após intervenção”	68
FIGURA 3 - “Ciro: R\$ 1,2 trilhão da dívida pública vence em até quatro dias. Será?”	69
FIGURA 4 - “Ciro diz que números de presas aumentou 500% em três anos. Será?”	70
FIGURA 5 - “Bolsonaro no Roda Viva: erros e acertos do candidato do PSL à Presidência”	71
FIGURA 6 - “Bolsonaro erra ao dizer que general, capitão e sargento ganham basicamente a mesma coisa”	71
FIGURA 7 - “Bolsonaro derrapa ao falar sobre morte de jornalista na ditadura militar”	73
FIGURA 9 - “Bolsonaro dispara dados falsos de economia, saúde e educação”	75

SUMÁRIO

1.INTRODUÇÃO.....	12
2 A CHECAGEM DE FATOS EM UM CONTEXTO DE MEDIATIZAÇÃO	15
2.1 Jornalismo e Mediatização	17
2.2 As rotinas produtivas do Jornalismo	19
2.2.1 <i>A apuração jornalística.....</i>	<i>20</i>
2.2.2 <i>Da Pauta ao material jornalístico.....</i>	<i>22</i>
2.3 Notícia falsa ou desinformação?.....	24
2.4 Agência Lupa e Projeto Truco.....	29
3. O DISCURSO JORNALÍSTICO: POLARIZAÇÕES POLÍTICAS	
MEDIATIZADAS.....	33
3.1 Condições de produção dos discursos das checagens	36
3.1.1 O discurso político polarizado e mediatizado.....	37
3.2 Procedimentos de análise	42
4. OS SENTIDOS DA CHECAGEM: ANÁLISE DOS DISCURSOS SOBRE OS	
PRESIDENCIÁVEIS	46
4.1 Lupa e Truco: Os sentidos produzidos sobre o candidato Ciro Gomes.....	49
4.2 Lupa e Truco: Os sentidos produzidos sobre o candidato Jair Bolsonaro	56
4.3 Lupa: Bolsonaro e Ciro no Roda Viva	64
4.4 Títulos e imagens: espaços privilegiados de construção de sentidos.	67
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	78
REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA.....	82
APÊNDICES.....	88
ANEXOS	95

1 INTRODUÇÃO

Os fenômenos mediáticos ampliaram a capacidade de comunicação pelo alcance e velocidade de propagação das informações. Nesse contexto, os meios digitais começaram a fazer parte do cotidiano das instituições sociais, favorecendo os diferentes atores da sociedade a produzirem conteúdos na rede (HJARVARD, 2012) como, por exemplo, a Primavera Árabe. Em tempo real, vídeos foram gravados acerca das manifestações e postados nas redes sociais, sobretudo no Twitter, pelos cidadãos da Tunísia, país onde começou esse movimento. No Egito, ocorreu a mesma situação: a queda do ditador Hosni Mubarak foi divulgada através de fotos e vídeos nas plataformas digitais. Assim sendo, milhões de pessoas ao redor do mundo puderam acompanhar o que estava acontecendo nesses e em outros países árabes, simultaneamente aos eventos.

No Brasil, nas jornadas de junho de 2013, com celulares e câmeras nas mãos, milhares de pessoas possibilitaram, em tempo real, o acompanhamento das manifestações que começaram em função do aumento das passagens de ônibus, em São Paulo. Depois, outras manifestações tomaram lugar, usando essa mesma rede, com reivindicações na área da saúde, educação, segurança pública, etc.

Para Eliseo Verón (2014), essa relação da sociedade com os fenômenos mediáticos pode ser denominado como mediatização. A Internet, segundo ele, é um desses fenômenos que modificaram a sociedade, justamente em função das características explicitadas anteriormente: o alcance e a velocidade. Com os novos atores em cena, para além de receptores de conteúdo, as pessoas assumem papel de produtores de conteúdo. Assim, as mídias passam a amplificar e disseminar conteúdos, com novas narrativas, não mais vinculadas, necessariamente, aos tradicionais meios de comunicação (ALVES, 2006).

Dessa forma, a produção jornalística, campo historicamente privilegiado de construção de sentidos, tem passado por adaptações, como equipes cada vez mais reduzidas e a busca por novos modelos de financiamento, segundo Rosental Alves (2006). E todo esse contexto, tem impactado diretamente na qualidade da notícia e reportagem. Importante ressaltar que a diferença entre esses novos produtores e os jornalistas é que somente esses últimos, os profissionais, têm o comprometimento, o dever ético e a rigorosidade na apuração dos fatos.

Com a visibilidade das redes sociais, a profusão da circularidade das informações e os novos produtores de conteúdo, torna-se propício o terreno para a criação e disseminação de notícias falsas – ou, como preferem alguns pesquisadores e jornalistas como Claire Wardle (2017),

as desinformações. Além disso, conforme Pablo Ortellado (2018), elas ganham ainda mais espaço e impulso no atual e polarizado momento político brasileiro.

Nesse cenário de efervescência política, social, econômica e cultural, em que há o aumento do volume de notícias falsas, ou “desinformações”, é que surgem, segundo afirma Souza (2017), projetos e agências de checagem de fatos tais como: a Agência Lupa (2015), a primeira especializada em checagem de fatos no Brasil, e o Projeto Truco (2014), que nasceu dentro da Agência Pública – a qual tem como enfoque o Jornalismo Investigativo.

As agências de checagem retomam um trabalho primário de verificação, a fase basilar dos tradicionais métodos de apuração jornalística, a fim de que se possa manter a qualidade da produção. Lupa e Truco não só checam boatos que intencionam impactar o debate público, como também dados proferidos em eventos, entrevistas e matérias jornalísticas por personalidades e políticos.

Como define Amanda Diniz (2017), as agências são “um novo nicho do mercado”. Portanto, são quase inexistentes as pesquisas acadêmicas sobre o assunto e que façam reflexões críticas sobre a produção discursiva desempenhadas por elas. No levantamento bibliográfico inicial, foram encontrados apenas os artigos de Diniz (2017) e Rogério Souza (2017) que refletem sobre o trabalho da checagem de fatos no Brasil

Considerando que as agências de checagem também estão imersas neste contexto de sociedade em processo de mediatização e politicamente polarizada, é importante compreender qual o trabalho realizado, atualmente, por tais agências, bem como observar que o resultado desse processo de apuração e de checagem implica na produção de discursos outros, diferentes do conteúdo original que foi checado. Esses discursos, por sua vez, produzem sentidos sobre o assunto e as pessoas nele envolvidas.

Diante do exposto, surge o questionamento: Quais são os sentidos produzidos pelas agências de checagens Lupa e Truco sobre candidatos à Presidência nas eleições de 2018? Através da análise discursiva do conteúdo produzido pelas agências é possível compreender quais significados emergem das checagens sobre Ciro Gomes (PDT) e Jair Bolsonaro (PSL).

O critério de escolha dos presidenciáveis foi o posicionamento ideológico diferente, um de esquerda e outro de direita, a fim de evidenciar com mais clareza a comparação e a análise dos discursos jornalísticos construídos pela Lupa e Truco sobre esses presidenciáveis.

O *corpus* de análise é composto por oito textos: seis da agência Lupa e duas checagens do Projeto Truco. Foram selecionados mais textos da Agência Lupa para a análise por dois motivos: primeiro, a agência publica maior quantidade de checagens e, segundo, os textos produzidos pelo Truco são maiores e mais densos. Dessa forma, consideramos que a seleção

de quatro textos da Lupa e dois do Truco seriam suficientes para a análise comparativa proposta nesta pesquisa. São textos que compreendem o período de pré-campanha eleitoral entre os meses de abril e início de agosto de 2018. A seleção dos textos baseou-se no tamanho deles, como também nos assuntos mais checados no período: economia, segurança pública e questões trabalhistas.

A análise da pesquisa buscou, primeiramente, compreender as semelhanças e diferenças de produção de sentidos sobre cada candidato ao longo dos textos da checagem; em seguida a análise se ateve em como a Agência Lupa construiu discursivamente a participação dos dois pré-candidatos, na época, no programa Roda Viva da TV Cultura. Por último, foi feita a análise da composição (título, linha-fina, foto), que visou compreender os sentidos produzidos sobre Ciro Gomes e Jair Bolsonaro pela Lupa e Truco.

A pesquisa sobre checagem de fatos tem por objetivo contribuir com as discussões no campo da Comunicação, diante da relevância de sua função social no cenário político brasileiro, especialmente, pela polarização atual, em que há profusão de desinformação. O jornalismo procura dar uma resposta à sociedade, qualificar a produção jornalística e o debate público através das agências de checagem.

Além disso, a pesquisa busca compreender a produção de sentidos dos discursos jornalísticos, da Lupa e Truco, em meio a esse contexto e propor reflexões acerca das experiências de checagem de fatos no Brasil.

Esse trabalho está organizado por três capítulos, além da introdução e considerações finais. O segundo capítulo buscou refletir sobre o contexto de sociedade mediatizada e a relação com os fenômenos mediáticos, especificamente com a Internet, e o impacto para a produção jornalística. Também discutiu-se o surgimento das agências de checagem de fatos e reflexões acerca de como acontece o trabalho realizado por elas. No terceiro capítulo, foram levantadas questões sobre as condições da produção discursiva jornalística em que está inserida a Agência Lupa e Pública (Projeto Truco) e o detalhamento dos procedimentos de análise. No quarto capítulo, encontram-se os resultados da análise dos sentidos da checagem sobre os presidentes Ciro Gomes e Jair Bolsonaro, a partir dos textos citados.

2. A CHECAGEM DE FATOS EM UM CONTEXTO DE MEDIATIZAÇÃO

Este capítulo tem como proposta contextualizar a prática de checagem de fatos realizada por projetos e agências especializadas e o atual processo de mediatização da sociedade. Essa monografia começa a dar alguns passos para tentar entender essa profusão de circularidade de informações nos meios digitais, e a resposta do Jornalismo com a criação de agências de checagens, localizando esta prática de apuração de informações como parte dos fenômenos mediáticos.

Segundo o semiólogo argentino Eliseo Verón (2014), a mediatização é o longo processo histórico da relação da sociedade com os fenômenos mediáticos, desde as primeiras ferramentas que o *homo sapiens* criou (como o machado) até os *smartphones*. É também o estudo da influência e das modificações que os meios de comunicação trouxeram para a cultura. Santana (2016) evidencia que a noção de mediatização é complexa e que os teóricos de áreas como sociologia, comunicação e semiótica têm perspectivas diferentes sobre esse tema. Para esta pesquisa, refletimos sobre algumas mudanças que a mediatização trouxe para a sociedade no século XXI, buscando compreender como a produção jornalística tem sido impactada por essas transformações.

Enquanto Verón acredita na mediatização por uma perspectiva antropológica e histórica, como “um resultado operacional, de uma dimensão nuclear de nossa espécie biológica, mais precisamente, sua capacidade de semiose” (VERÓN, 2014, p. 14); Hjarvard defende que “a mediatização não é um processo universal que caracteriza todas as sociedades”, mas que ganhou força no fim do século XX e XXI, em países ocidentais intensamente industrializados (Europa, Japão, Estados Unidos e Austrália) (HJARVARD, 2012, p. 5). De acordo com Ferreira e Andrade (2015), a questão da mediatização emerge novamente no campo das Teorias da Comunicação por conta das grandes transformações de produção, acesso e circulação de informação que aconteceram nas últimas décadas, com os multimeios e a inserção dos hipertextos.

Os fenômenos mediáticos estão imersos na sociedade contemporânea de uma forma que não dá para dissociar das instituições sociais, culturais, comunicacionais, conforme Hjarvard (2012). “A mídia é, ao mesmo tempo, parte do tecido da sociedade e da cultura e uma instituição independente que se interpõe entre outras instituições culturais e sociais e coordena sua interação mútua” (HJARVARD, 2012, p. 54-55).

Verón (1991, apud FERREIRA e ANDRADE, 2015, p. 5) argumenta que os meios de comunicação assumem a posição de instituições autônomas ao longo da história. E, hoje, com as tecnologias da comunicação cada vez mais presentes no cotidiano da sociedade, faz com que novas formas de relações com esses meios de comunicação se estabeleçam.

E sobre essas novas relações entre instituições sociais, meios de comunicação e sujeitos, Santana (2016), fundamentando nas ideias do pesquisador Verón (1997), explica que não são lineares. São, por outro lado, “complexas redes de circuitos de *feedbacks* [...] uma troca interacional, embora assimétrica, com pendor a uma maior influência da mídia nos outros campos” (SANTANA, 2016, p. 69-70).

Outra modificação que a mediatização provoca na sociedade é o que Hjarvard (2012) chama de “virtualização das instituições sociais”, com os meios de comunicação atuando e impactando nessas esferas. Hjarvard (2012) cita o exemplo da política, como uma das instituições que só atuava em espaços físicos: prefeitura, parlamento, salas de reunião. Hoje, não é somente nesses locais específicos que a política acontece. Os meios de comunicação também atuam nesse contexto, possibilitando que os sujeitos, que até então não teriam condições, consigam participar da política (através da leitura de jornais, ouvindo o rádio, utilizando internet e smartphones, por exemplo), independentemente de sua localização física.

Sendo assim, nesse contexto de sociedade mediatizada “os meios de comunicação não são apenas tecnologias que as organizações, os partidos ou os indivíduos optam por utilizar ou não utilizar [...] eles se tornaram uma parte integral do funcionamento de outras instituições” (HJARVARD, 2012, p. 54).

Outras três consequências da mediatização podem ser destacadas são:

Em termos percieanos, mais uma vez, sua primeiridade consiste na autonomia dos emissores e receptores dos signos materializados, como resultado da exteriorização; sua secundidade é a subsequente persistência no tempo dos signos materializados: as alterações de escalas de espaço e tempo se tornam inevitáveis, e a narrativa justificada; sua terceiridade é o corpo das normas sociais definindo as formas de acesso aos signos já autônomos e persistentes (VERÓN, 2014, p. 15).

Em outros termos, autonomia, persistência no tempo e acesso são consequências observadas ao longo da história, que têm permitido aos fenômenos mediáticos se manterem e circularem Verón (2014). Alguns desses momentos históricos podem ser ressaltados como: o surgimento da escrita (que gerou autonomia ao que era produzido), os livros (que garantiram acesso e persistência no tempo do conteúdo) a ascensão dos jornais (mais acesso à informação).

Para Eliseo Verón (2013; 2014), os momentos cruciais da mediatização aconteceram com a criação da televisão e, depois, com a invenção e ascensão da Internet. Conforme Ferreira e Andrade (2015, p. 13), Verón (2013) considera que “o surgimento da Internet é o maior momento de ruptura na história da mediatização [...] suas características decisivas são o alcance e a velocidade, resultados da automatização”. A Internet altera decisivamente a questão do acesso e da circulação de informações uma vez que qualquer usuário pode produzir e disponibilizar conteúdos na rede, algo que tem impactado o Jornalismo, enquanto campo historicamente privilegiado de produção de sentido mediatizado.

2.1 Jornalismo e Mediatização

Como discutido anteriormente, o alcance e a velocidade são duas características expressivas que a Internet trouxe ao processo de mediatização. Os meios digitais começaram a fazer parte do cotidiano das instituições sociais, favorecendo os diferentes atores da sociedade a produzirem conteúdos na rede, como explica Hjarvard (2012). “Dessa forma, os meios de comunicação contemporâneos são orientados por uma lógica de duas faces: profissionalismo e o conteúdo gerado por usuários” (HJARVARD, 2012, p. 74).

Nesse sentido, a rotina produtiva do Jornalismo não está imune aos efeitos dos fenômenos mediáticos, principalmente depois da inserção da Internet nas redações (SANTANA, 2016). Com o tempo mais curto para produção e com o alcance expressivo das ferramentas digitais, grande parte da apuração jornalística acontece por esses meios, como expõe Ferrari (2014). A autora faz críticas à produção que é feita em pouco tempo pois, segundo ela, isso abre margem para um conteúdo final que pode estar com muitos erros. A jornalista ainda lança a indagação: “tudo é perdoado em virtude do curto espaço de tempo da edição. Será isso mesmo?” (FERRARI, 2014, p. 56).

No entanto, como explica Rosental Alves (2006), nos primeiros dez anos da internet, os veículos de comunicação ao tentarem fazer a convergência para as plataformas digitais, imitavam a mesma linguagem de seus meios tradicionais. Alves (2006) afirma que só depois da primeira década da Internet os veículos começaram a entender as especificidades da nova ferramenta e a produzir conteúdo específico para essas plataformas.

Fidler observou que o nascimento de um novo meio de comunicação causa uma espécie de terremoto no ambiente midiático. Durante esse abalo, os meios tradicionais passam por uma metamorfose para se adaptar à nova realidade. Assim, depois do terremoto e das falsas profecias de que os velhos meios desaparecerão, o meio novo, que a princípio simplesmente reproduzia

o que se fazia nos meios tradicionais, encontraria sua própria linguagem, ou seja, o seu código comunicacional (ALVES, 2006, p. 94).

Assim como é fundamental os veículos tradicionais entenderem as especificidades de linguagem, forma e conteúdo para os meios digitais como exposto acima, os meios de comunicação também precisam compreender a relação dos sujeitos com essa nova configuração mediatizada. “A mídia tradicional tem cada vez mais de se adequar a um leitor- espectador-ouvinte-navegador que perambula em várias mídias, que não se detém em apenas um produto mediático, mas em vários concomitantemente, em uma dinâmica na qual eles se movem” (SANTANA, 2016, p. 76).

Uma das potencialidades que as plataformas digitais proporcionam é a interação entre os meios e os sujeitos. Os veículos de comunicação tradicionais desenvolveram novos canais de comunicação como: SMS, e-mail e blogs para fomentar a relação com os receptores, receber *feedbacks* e poder distribuir mensagens ao maior número de pessoas, assim como o alcance que os meios de massa, jornais, rádio e televisão têm (HJARVARD, 2012).

O contexto digital também possibilitou maior empoderamento aos usuários, pois agora há a chance de escolher qual conteúdo quer consumir, produzir fotos, textos e vídeos e publicar. Alves (2006) reflete que se trata, sobretudo, “de uma transferência importante de poder ou de privilégio, que passa do emissor para o receptor, numa evidente ruptura dos modelos fechados que se conheciam até agora” (ALVES, 2006, p. 97).

Tais processos de mediatização e circularidade das produções jornalísticas impactam, assim, o próprio discurso jornalístico. “A possibilidade de produção de efeitos discursivos não se restringe a um lado do polo da situação de enunciação, mas de uma circularidade cada vez mais complexa entre os sujeitos discursivos a partir dos mais diferentes meios de comunicação e interação tecnológica” (SANTANA, 2016, p. 76).

Segundo o mesmo pesquisador, uma nova modalidade relacional se estabelece. O jornalista, especificamente o editor, considerado um *gatekeeper* (“porteiro de informações”), responsável pela informação que vai circular, se transforma em “*gatewatcher*” (vigia da informação). Devido a essa nova configuração mediática em que a informação não está mais centralizada na mão dos jornalistas, o “*gatewatcher*”, agora, vigia o que circula na esfera tecnológica. Entretanto:

Não se afirma que o jornalismo, enquanto sistema informativo, enfraqueceu-se ao ponto de não poder mais escolher as notícias que irão circular nos meios de comunicação [...] O que se coloca é que há uma nova dinâmica informacional que afeta a instituição jornalística, reconfigurando algumas de suas ações (SANTANA, 2016, p. 77).

Por fim, sintetizando as ideias apresentadas até aqui, se por um lado a mediatização trouxe mudanças como a Internet: velocidade e alcance, proporcionando maior facilidade para que as redações jornalísticas exerçam seu trabalho; ao mesmo tempo, como exposto por Alves (2006), há a ruptura de um modelo que predominou por muitas décadas, em que apenas o Jornalismo detinha a produção da informação e o controle sobre o acesso. Agora, os usuários podem escolher que tipo de informação querem consumir e até mesmo produzir novos sentidos no meio digital.

E o Jornalismo? Segundo Alves (2006), ele passa por momentos de transição, de reinventar-se a partir da configuração atual e pensar em novas formas de financiamento econômico. Além disso, os jornalistas buscam diferentes abordagens de fazer o Jornalismo. Como o Nexo Jornal, por exemplo, que busca ir além da notícia diária e propõe um jornalismo que visa dar explicações mais aprofundadas sobre o contexto que os fatos estão inseridos. Conforme explica a diretora executiva do Nexo, Marina Menezes, ao Centro Knight de Jornalismo para as Américas¹: “não estamos preocupados com furo, não somos um jornal de cobertura quente. Queremos qualificar o debate público”. Essa tem sido uma das alternativas que grupos de comunicação têm encontrado para seguir na contramão do mar de informações imediatistas que circulam nas redes sociais.

Pela demanda que o Jornalismo recebe diariamente, de ter que produzir cada vez mais rápido, em dar o famoso furo, é que muitas vezes acontecem os erros de apuração jornalística apontados por Ferrari (2014) em sua crítica. E, como mais pessoas que não são jornalistas estão produzindo, propicia também que sejam criadas informações parcial ou totalmente falsas, como afirma Souza (2017). É nesse contexto que surgem as iniciativas de agências de checagem de fatos. Para reforçar e garantir a credibilidade jornalística, fortalecer o trabalho das redações e promover um debate mais qualificado, principalmente, nos meios digitais – (SOUZA, 2017; DINIZ, 2017).

2.2 As rotinas produtivas do Jornalismo

A criação das agências de checagem de fatos não inauguram uma nova prática jornalística, de acordo Diniz (2017), como será discutido ao longo desse capítulo. Na verdade, as iniciativas de checagem se baseiam nos princípios éticos da profissão que toda redação

¹ Disponível em: <<https://knightcenter.utexas.edu/books/PIPortugues.pdf>>. Acesso em: 20 out. 2018.

jornalística deve seguir também. Como o que está descrito no Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros (2007), no Capítulo II - Da conduta profissional do jornalista: “Art. 4º: O compromisso fundamental do jornalista é com a verdade no relato dos fatos, razão pela qual ele deve pautar seu trabalho pela precisa apuração e pela sua correta divulgação”.

Para cumprir tais condutas com transparência, o Jornalismo tem uma rotina de produção que prevê as fases de pré-apuração, elaboração da pauta, apuração, checagem, redação, edição e finalização. Em todo esse processo devem ser checados exhaustivamente os fatos e dados, como defende Pereira Junior (2010). E esse tópico debruça-se em detalhar as fases da rotina produtiva.

Nas rotinas das produções jornalísticas são almeçadas certas práticas e condutas do jornalista, e algumas delas foram pontuadas por Bucci (2000 apud PEREIRA JÚNIOR, 2010), como três níveis de transparência: primeiro, manter um diálogo com os colegas e chefes de redação, compartilhar conflitos internos sobre os fatos que estão sendo apurados e não falsear, adquirindo uma postura de neutralidade em relação ao que está sendo apurado. Segundo: o jornalista precisa se autoconhecer, saber dos seus princípios e convicções. Terceiro: os veículos de comunicação precisam estar dispostos em desvelar e debater com o público, episódios que estejam cercados de conflitos de interesses. Outros princípios chamados de regra da transparência também foram descritos por Kovach e Rosenstiel (2003 apud PEREIRA JUNIOR, 2010), tais como: nunca aumentar nada, não enganar o público e ter transparência em revelar os métodos utilizados para apurar uma informação. “A regra da transparência mostra o respeito do jornalista por seu público, que passa a ter reais condições de julgar a validade da informação” (PEREIRA JUNIOR, 2010, p. 39).

2.2.1 A apuração jornalística

A primeira fase da construção de uma notícia ou reportagem é a apuração. Tudo começa com o repórter na desafiante tarefa de buscar “evidências soterradas em camadas de versões, procurar certezas em situações de incerteza [...] o jornalista é um processador das camadas verificáveis da realidade” (PEREIRA JUNIOR, 2010, p. 71). Além disso, o repórter deve apurar e checar, de forma que, na matéria, não fique apenas uma fonte contradizendo a outra.

Conforme Pereira Junior (2010), o levantamento dos dados e informações feitos pelo repórter precisa derivar do seu comprometimento com uma visão plural sobre cada fato que pretende ser apurado. Para o autor, uma visão plural é a ligação entre dois fatores: “o nível de incerteza: a consciência da fragilidade dos resultados, de como é relativa a validade do que se apurou. A necessidade de solidez: a sensibilidade de saber o quanto o destinatário da informação deseja um chão sólido para posicionar-se” (PEREIRA JUNIOR 2010, p. 73). Sendo assim, o jornalista não pode esquecer ou ignorar as múltiplas versões que um mesmo fato pode ter.

Para Kovach e Rosenstiel (2003 apud PEREIRA JUNIOR, 2010), não há um consenso sobre os métodos de checagem jornalística entre os profissionais. Na maioria das vezes, os métodos são informações gerais que cada veículo desenvolve. Porém, é fato que as ferramentas digitais revolucionaram o modo com que os jornalistas apuram as informações. Diniz (2017) cita o exemplo do *Facebook* e *Twitter*. Segundo a autora, ambos podem ser utilizados para checar informações quentes e são bons instrumentos para fazerem circular os conteúdos jornalísticos das redações. Além da ferramenta do *Tweet Deck*, que é uma extensão de geolocalização que ajuda no processo de apuração para identificar e descobrir locais, como explicado pela jornalista Bárbara Libório no curso “Como desbancar fake news e nunca mais chamá-las por esse nome”, ofertado pelo Centro Knight de Jornalismo para as Américas, em parceria com a Associação Nacional de Jornais (ANJ), em 2018².

As ferramentas tecnológicas permitem que o jornalista consiga fazer uma apuração de qualidade, como explicado no módulo quatro do mesmo curso do Centro Knight, pelo jornalista Fábio Gusmão. As ferramentas de geolocalização podem agilizar o processo de verificação das informações. Por exemplo, através do *Google Maps* e o recurso de *street view* o jornalista pode checar endereços e medir distâncias entre locais. O recurso de *street view* também permite que o profissional possa ver as alterações que aconteceram ao longo do tempo sobre qualquer rua que esteja interessado. No mesmo curso, Libório também ensinou sobre outras ferramentas que auxiliam a apuração como o site *Pipl* que ajuda a rastrear pessoas, através do nome e localização, para obtenção de informações profissionais e e-mails.

Porém, Pereira Junior (2010) ressalta que o processo de apuração é complexo, não há uma fórmula matemática que possa ser aplicada a cada matéria. Nem sempre o procedimento escolhido para verificar uma informação garante sucesso e confiabilidade de uma comprovação. “O cotidiano do jornalista é, no talo das vezes, alimentado por realidades nem

² Disponível em: < <https://journalismcourses.org/DFN0918.html>>. Acesso em: 13 ago. 2018

sempre verificáveis, por constatações duvidosas, fatos sem testemunho direto, *press releases* não raro farsantes, histórias plantadas” (PEREIRA JUNIOR, 2010, p. 74).

O processo de apuração jornalística é nomeado por Wolf (2009) como recolha dos materiais informativos. O autor explica que os repórteres costumam verificar informações por meio das fontes institucionais e agências, por acreditarem que estão pisando em um solo seguro, e por ser uma forma de garantir que as matérias serão finalizadas dentro do prazo. Por isso, a preferência em entrevistar as mesmas fontes que já conquistaram um certo grau de credibilidade nos veículos de comunicação.

Outra realidade que tem impactado as rotinas produtivas do jornalismo são as redações cada vez mais enxutas. Conforme Pereira Junior (2010), um dos desafios que as redações de jornalismo enfrentam é muitas vezes ter que trabalhar com um número reduzido de repórteres. Isso acaba sobrecarregando esses profissionais que precisam cumprir prazos curtos. O mesmo pesquisador ainda reforça que o processo de investigação também é caro e exige tempo e esforço. Diante desse contexto que enfrentam as redações:

Resultados de uma lógica de investimentos sistematicamente voltada para a modernização tecnológica e a infraestrutura (equipamentos, prédios, rotativas) e nem sempre para a produção de conteúdo qualificado. É vítima de manuais e compêndios de jornalismo, cuja ênfase recai na pedagogia do estilo, não na apuração. Sofre tentações da era da internet, com o acesso fácil a dados sem que se faça investigação, e das assessorias de imprensa, que mastigam informação para Redações despovoadas e sobrecarregadas, em ofertas *fast-food* (PEREIRA JUNIOR, 2010, p. 75).

Citados os motivos acima, prazos curtos, equipe reduzida, apuração rasa feita através da internet, dificuldades financeiras, não é incomum que jornalistas incorram em erros e divulguem informações equivocadas. Assim, surgem cada vez mais agências especializadas em checar informações para, justamente, contribuir com a qualidade e manter a credibilidade jornalística num contexto de grande circulação de informações, nem sempre verídicas, provocada pelos meios digitais.

Entretanto, a verificação de informações, uma das obrigações do jornalista, não acontece somente na fase inicial das primeiras ideias de pauta, mas devem acontecer durante todo o processo de construção da notícia ou reportagem. No momento do planejamento e elaboração da pauta, quando a matéria está pronta e durante as últimas edições antes da publicação, como defende Pereira Junior (2010).

2.2.2 Da pauta ao material jornalístico

Depois da fase preliminar de verificações de informações e viabilidade da produção de determinada notícia, surge o momento de escrever a pauta, explica Pereira Junior (2010). Segundo o autor, produzir uma pauta é lançar dúvidas sobre um aspecto da realidade. Ela ajuda a traçar um plano de ação, o ângulo e o que deve ser apurado com mais profundidade.

A escolha das fontes no momento de elaboração da pauta é um fator decisivo para a qualidade da informação nas matérias. Segundo Wolf (2009), há a distinção entre as fontes propriamente ditas e as agências de informação. Essas agências são empresas especializadas que desenvolvem um material jornalístico, que será adquirido pelos veículos de comunicação. Enquanto as fontes, essas fornecem informação sem produzir um tipo de material.

Pereira Junior (2010) faz uma crítica sobre a escolha das fontes e alerta para que os jornalistas não caiam “no círculo vicioso da hierarquia rígida entre as fontes de informação, dar trela a oficialismos ou *lobbies* e fazer do veículo de informação uma tribuna para o jornalismo declaratório” (PEREIRA JUNIOR, 2010, p. 82). Além disso, os repórteres não podem se satisfazer com apenas um aspecto da história. É preciso checar as informações com outras fontes. “Na linha da produção da notícia, o levantamento e o rigor na checagem estabelecem a qualidade da informação” (PEREIRA JUNIOR, 2010, p. 87).

Outra fonte escolhida pelas redações são as agências internacionais de informação. São contratadas pelos veículos basicamente por questões econômicas (WOLF, 2009). Os custos para uma empresa jornalística enviar um correspondente para outros países são altos, porém, ao utilizar os materiais elaborados por essas agências, cria-se “uma forte homogeneidade e uniformidade das definições daquilo que constitui notícia [...] é inevitável desde o momento em que três ou quatro agências fornecem a base para cobertura das notícias externas em quaisquer redações espalhadas por todo o mundo” (WOLF, 2009, p. 232).

Com a matéria finalizada chega o momento de mais uma vez serem checadas as informações, declarações feitas pelas fontes, dados apurados pelos repórteres. Uma reportagem pode evidenciar, no momento da revisão, como foi o processo de construção. “Um editor pode fazer um tira-teima das informações apuradas e checar a validade do que é noticiado” (PEREIRA JUNIOR, 2010, p. 88). O mesmo autor também explica que pode ser criado um *check-list* na redação com perguntas que ajudem o repórter a verificar se todas as informações foram colocadas no texto corretamente.

Por fim, Pereira Junior (2010) faz uma síntese da situação das rotinas produtivas, criticando o acúmulo de funções e tarefas desempenhadas pelos repórteres, os quais têm prazos curtos e, muitas vezes, não conseguem apurar de forma aprofundada as informações, porque isso exige uma equipe maior. O autor ressalta que “a disciplina de verificação é um

suporte para a edição, que melhor se realiza quanto mais planejado for o processo de produção da notícia” (PEREIRA JUNIOR, 2010, p. 92).

Assim, as rotinas produtivas (apuração, elaboração da pauta, elaboração do texto jornalístico e finalização) estão cada vez mais sendo adaptadas com a inserção de novas ferramentas digitais, como citado mais acima, e têm sido alvo desses processos de mediatização. Isso pode contribuir bastante para ser feita uma apuração de qualidade ao mesmo tempo que, como citou Pereira Junior (2010), fazer os jornalistas cederem à tentação de obter informações de forma mais rápida pela internet sem, no entanto, apurar profundamente. É nesse contexto que são criadas as agências de checagem de fatos e que o próximo tópico debruça-se.

2.3 Notícia falsa ou desinformação?

Como discutido até o momento, a mediatização trouxe mudanças para a sociedade. Uma delas foi a possibilidade de novos atores, até então considerados apenas como receptores passivos, produzirem conteúdos no ambiente digital (HJARVARD 2012); (ALVES, 2006). Souza (2017) explica que os grupos de comunicação utilizaram a estratégia do jornalismo “eu-repórter” em que as pessoas enviavam conteúdos, vídeos e fotos para as redações. Porém, o autor argumenta que “os indivíduos começaram a preferir enviar o que eles consideravam notícia não mais para os grandes jornais, mas para seus amigos da própria rede social” (SOUZA, 2017, p. 5). Combinado isso com a falta de conhecimento do rigor de apuração das informações e a rápida velocidade de circulação dos conteúdos nos meios digitais, a “proliferação das notícias falsas aumentou exponencialmente” (SOUZA, 2017, p. 1). Além dos jornalistas também falharem no processo de apuração e elaboração das reportagens, devido aos motivos explicitados no tópico anterior (dificuldades financeiras, equipe reduzida e prazos curtos para cumprir a demanda).

Para o Coordenador do Grupo de Políticas Públicas de Acesso à Informação da Universidade de São Paulo (GPoPAI-USP), Pablo Ortellado (2018), a questão das inverdades que circulam hoje nas mídias digitais tem alguns elementos novos, como explica no mesmo curso do Knight Center³. Principalmente quando o tema é política, as mentiras ganham maiores proporções e circularidade⁴. No entanto, a mentira “com propósito político não é

³ Disponível em: < <https://journalismcourses.org/DFN0918.html>>. Acesso em: 13 ago. 2018

⁴ VALENTE, Jonas. Pesquisa: notícias falsas circulam 70% mais do que as verdadeiras na internet. **Agência Brasil**, Brasília, março 2018. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/pesquisa-e>

recente”, conforme afirma Ortellado (2018). São dois elementos novos que podem ser destacados quando o assunto são as mentiras no atual contexto de mediatização:

- 1- “O jogo político que antigamente atuava na forma de boatos se deslocou para estrutura de notícias”.

Ortellado (2018) explica que o boato geralmente se espalha por causa de uma testemunha que presencia um fato importante e conta para outras pessoas. A força de persuasão está no relato. Hoje, o fenômeno contemporâneo presenciado é da persuasão que advém da suposta verificação jornalística. O conteúdo é totalmente estruturado na forma de notícia com manchete, linha fina e lide. Há uma simulação de que aquele conteúdo é uma notícia, porém, não houve o procedimento de apuração jornalística.

- 2- “Vetor de fusão depende de uma sociedade civil que esteja polarizada”

Ortellado (2018) argumenta que os sites falsos não são tão conhecidos pela sociedade e que, por isso, esses sites têm sempre uma página no *Facebook* também. Isso porque na rede social é mais fácil de engajar um conteúdo. No entanto, as postagens só viralizam porque atualmente existe um contexto de sociedade polarizada politicamente.

Em suma, em um cenário de polarização política, cuja mediatização cria possibilidades de maior circularidade de informações e de novos produtores de conteúdo, a proliferação de inverdades também aumenta. Além da situação profissional do jornalista que pode muitas vezes incorrer em erros de apuração e divulgar dados e informações equivocadas. Outro fator da circulação de informações falsas são pessoas que fabricam conteúdos com interesses próprios e até escusos, como é a situação explicada pelo repórter Fábio Victor na reportagem “Como funciona a engrenagem das notícias falsas no Brasil”, publicada em fevereiro de 2017 no *Jornal Folha de São Paulo*⁵.

O repórter relata histórias de alguns sites brasileiros que têm a fama de espalhar informações falsas e sensacionalistas. E aprofunda-se no caso do site “Pensa Brasil”. De acordo com a reportagem, o site é rotulado como ideologicamente de direita e se sustenta com propagandas veiculadas na página. Com teor sensacionalista e informações falsas, os textos atraem muitos cliques. A reportagem estima que os anúncios do site geram de R\$ 100 mil a R\$ 150 mil por mês. Pela entrevista feita por Fábio Victor com o diretor do site em questão,

inovacao/noticia/2018-03/pesquisa-noticias-falsas-circulam-70-mais-do-que-verdadeiras-na>. Acesso em: 13 ago. 2018

⁵ VICTOR, Fábio. Como funciona a engrenagem das notícias falsas no Brasil. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 19 fev. 2017, Ilustríssima. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2017/02/1859808-como-funciona-a-engrenagem-das-noticias-falsas-no-brasil.shtml>> Acesso em: 22 out. 2018.

Aberto Silva, fica evidente que o site está focado em lucrar com a publicidade e não têm nenhum interesse em seguir algum rigor jornalístico de apuração e, aproveita-se do contexto atual político polarizado para engajar os conteúdos falsos e sensacionalistas.

Para os jornalistas e pesquisadores Claire Wardle e Hossein Derakhshan⁶, o termo *Fake News* (Notícia Falsa) não é a nomenclatura mais adequada para ser utilizada quando referimos à informações equivocadas ou mal apuradas, o termo é ambíguo e simplista segundo os pesquisadores. Wardle, em entrevista ao Observatório da Imprensa⁷, em 2017, explica que um conteúdo, denominado de notícia, pode ter alguns aspectos falsos ou descontextualizados, mas nem sempre totalmente mentirosos. Por exemplo, uma notícia atual com uma foto de uma situação ocorrida anos atrás (utilizando foto de arquivo, algo corriqueiro no Jornalismo). Isso cria um falso contexto, em que os conteúdos (tanto a foto quanto a notícia) são verdadeiros, mas como são compartilhados algum tempo depois, podem gerar desinformação por conta desse falso contexto.

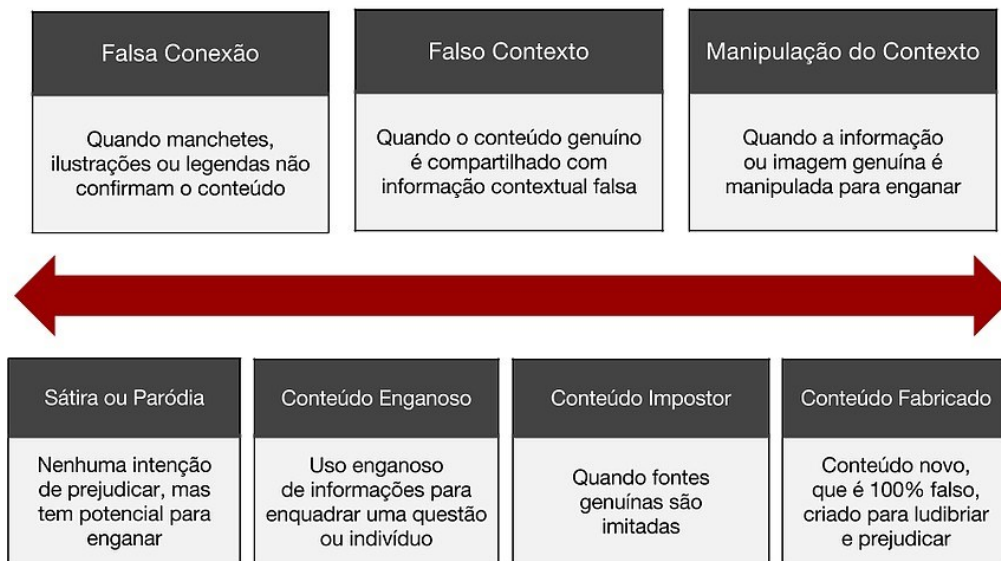
Para explicar esse cenário, Wardle criou um gráfico chamado de “Ecossistema da desinformação” (2017). Segundo o ecossistema, há sete categorias enganosas que um conteúdo noticioso pode ter. São eles: “Manipulação do Contexto”, “Falsa Conexão”, “Falso Contexto”, “Sátira ou Paródia” (segundo a jornalista, não há a motivação de prejudicar, porém, tem potencial para enganar), “Conteúdo Impostor”, “Conteúdo Enganoso”, “Conteúdo Fabricado” (nesse caso, cria-se um material que é 100% mentiroso). O gráfico abaixo elucida e expõe a complexidade em denominar uma notícia de propriamente falsa (Figura 1).

⁶ MANUAL DA CREDIBILIDADE. Desenvolvido pelo Instituto para o Desenvolvimento do Jornalismo (Projor) e Universidade Estadual Paulista Júlia de Mesquita Filho (Unesp). Disponível em: <<https://www.manualdacredibilidade.com.br/desinformacao>>. Acesso em: 13 ago. 2018

⁷ WARDLE, Claire. Claire Wardle: combater a desinformação é como varrer as ruas. Entrevistador: Angela Pimenta. **Observatório da Imprensa**, 14 nov. 2017. Disponível em: <http://observatoriodaimprensa.com.br/credibilidade/claire-wardle-combater-desinformacao-e-como-varrer-as-ruas/>>. Acesso em: 13 ago. 2018

Figura 1: Ecossistema da desinformação

O ecossistema da desinformação



Fonte: Claire Wardle/First Draft News (2017)/ Extraído do Observatório da Imprensa

Além disso, o termo *Fake News* ficou conhecido quando o presidente Donald Trump passou a usá-lo em seus discursos⁸ para atacar jornalistas e repudiar as investigações da imprensa. Portanto, segundo Wardle (2017), o termo mais adequado é desinformação, devido à complexidade de situações abordadas no quadro acima e a possível aderência do termo por políticos com o intuito de ir contra a liberdade da imprensa.

Diante desse contexto de mediatização da sociedade, que impacta na produção de conteúdo noticioso, a boa apuração e a checagem de informação tornaram-se pauta constante entre quem produz e quem reflete sobre a produção jornalística. Diniz (2017) afirma que projetos independentes e com uma proposta de serem apartidários surgem em diversos locais do mundo, com a proposição de realizar checagens e apurações que, *a priori*, deveriam ser garantidas pelos veículos de comunicação noticiosos. “Um exemplo são as plataformas especializadas em *fact-checking*” (DINIZ, 2017, p. 25).

Conforme Diniz (2017), as agências especializadas em checagem seguem os pilares da profissão, principalmente a apuração de informações e dados. O que acontece, para a autora, é que “a verificação de factos está a ganhar fôlego devido à propagação das notícias falsas

⁸ IANDOLI, Rafael. Trump, “fake news” e a guerra declarada contra a imprensa. **Jornal Nexo**, 3 jul. 2017. Expresso. Disponível em: <<https://www.nexojournal.com.br/expresso/2017/07/03/Trump-%E2%80%98fake-news%E2%80%99-e-a-guerra-declarada-contra-a-imprensa>>. Acesso em: 28 ago. 2018

(*fake news*), especialmente na cena político-eleitoral” (DINIZ, 2018, p. 27). O trabalho das agências contribui, então, para manter a credibilidade jornalística, reforçar o trabalho que acontece nas redações e manter o compromisso previsto no Código de Ética dos Jornalistas.

De acordo com texto da Agência Lupa (2015), intitulado “Mas de onde vem o fact-checking?”⁹, as primeiras experiências de checagem foram criadas na campanha eleitoral dos Estados Unidos, em 1991, em que disputavam o presidente do partido republicano George Bush e o democrata Bill Clinton.

O jornalista Brooks Jackson foi incumbido pelo seu chefe da CNN, em Washington, a checar os anúncios de TV dos candidatos. Assim, foi fundada a *Ad Police*, “a primeira equipe especializada em checar propaganda eleitoral de que se tem notícia”. Em 2003, o jornalista criou o primeiro site independente de *fact-checking*, o “FactCheck.org”, com o apoio da Universidade Pensilvânia e do Annenberg Public Policy Center.

Conforme Diniz (2017), a verificação de informações ganhou extrema importância na última eleição presidencial dos Estados Unidos, em 2016. Além disso, gerou preocupações e discussões entre acadêmicos, o *Facebook*, a *Wikipédia* e o *Google* sobre a profusão de conteúdos mentirosos disseminados nas plataformas.

Até 2017, foram contabilizadas pelo centro de jornalismo Duke Reporters’s Lab¹⁰ 114 agências de checagem em 47 países. No Brasil, em 2018, segundo levantamento realizado para esta pesquisa, haviam cinco projetos como este: “Agência Lupa”, o “Projeto Truco”, da Agência Pública, “Aos Fatos”, “Comprova” (que reúne 24 veículos de comunicação para verificar conteúdos durante a campanha eleitoral de 2018) e “É ou não é”, do portal de notícias da Globo (G1).

Com o aumento dessas organizações em várias partes do mundo, surgiu a ideia de alguma delas se unirem para criar a primeira “Rede Internacional de Checadores” (International Fact-Checking Network), coordenada pelo *Poynter Institute* (DINIZ, 2017). A Rede foi criada com o objetivo de aproximar agências do mundo todo para a troca de experiências.

Segundo Diniz (2017), a Rede Internacional de Checadores criou uma série de princípios para nortear as agências que estão ligadas à Rede. A fim de que o trabalho

⁹ Mas de onde vem o fact-checking?. **Agência Lupa**, 15 out. 2015. Disponível em: <<https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2015/10/15/de-onde-vem-o-fact-checking/>>. Acesso em: 28 ago. 2018

¹⁰ STENCEL, Mark. International fact-checking gains ground, Duke census finds. **Reporters Lab**, 28 fev. 2017. Disponível em: <<https://reporterslab.org/international-fact-checking-gains-ground/>>. Acesso em : 28 ago. 2018

desempenhado por cada uma dessas agências possa ser independente, comprometido com a precisão, a verdade dos fatos, serem apartidárias e visarem apenas o interesse público. Para fazer parte da Rede, as agências e projetos de checagem precisam estar alinhadas com os seguintes princípios:

O compromisso com o apartidarismo e a isenção; o compromisso com a transparência das fontes; o compromisso com a transparência da organização e do financiamento; o compromisso com a transparência da metodologia; o compromisso com as correções abertas e honestas (DINIZ, 2017, p. 28).

Para que o veículo receba o selo de Checador Internacional, ele precisa passar por uma avaliação em que são verificados esses itens apontados acima. Na América Latina, conforme mostra o site “*International Fact-Checking Network*”¹¹ há sete projetos e agências de checagem com o selo da Rede.

2.4 Agência Lupa e Projeto Truco

Em um cenário de *fake News* e de resignificação de paradigmas no jornalismo, essa prática se apresenta como um caminho para recuperar a credibilidade e fortalecer as coberturas jornalísticas sobre os temas de interesse público [...] É neste entrecruzamento de tradição e inovação que o *fact-checking* se consolida como um novo nicho de mercado para os jornalistas (DINIZ, 2017, p. 35).

No Brasil, a primeira agência especializada em checagem de fatos é a “Agência Lupa”, criada em 2015, na cidade do Rio de Janeiro. A agência possui o selo da Rede Internacional de Checadores e se mantém vendendo suas reportagens checadas com o investimento financeiro da Editora Alvinegra, empresa do documentarista João Moreira Salles, criada para publicar a revista Piauí. Na equipe da Agência Lupa trabalham jornalistas com a direção de Cristina Tardáguila, segundo informações publicadas na seção “Quem Somos” do site, em junho de 2018¹². As checagens são feitas em declarações de políticos, celebridades e líderes sociais em eventos e também nos diversos veículos de comunicação (programas de tv, rádio, jornais, revistas e internet).

As agências de checagens, como citado acima, possuem metodologias próprias que são geralmente expostas no site para que o leitor tenha a oportunidade de, se desejar, refazer o caminho da apuração que a agência fez para chegar à resposta. Por exemplo, a Agência Lupa

¹¹ Poynter – A global leads in journalism. **International Fact-Checking Network**. Disponível em: <<https://ifencodeofprinciples.poynter.org/signatories>>. Acesso em : 13 ago. 2018

¹² AGÊNCIA LUPA. Quem Somos. Disponível em: <<http://piaui.folha.uol.com.br/lupa/quem-somos/>>. Acesso em: 17 set. 2018.

expõe o passo a passo¹³ de como realiza as verificações. Cada frase checada recebe uma etiqueta. São elas: “Falso (a informação está comprovadamente incorreta), Contraditório (a informação contradiz outra difundida pela mesma fonte antes), Verdadeiro (a informação está comprovadamente correta), Ainda é cedo para dizer (a informação pode vir a ser verdadeira. Ainda não é.), Exagerado (a informação está no caminho correto, mas houve exagero de mais de 10% e de menos de 100% frente ao total real), Subestimado (os dados reais são ainda mais graves dos que o mencionado e a informação foi minimizada de 10% a 100%), Insustentável (não há dados públicos que comprovem a informação), Verdadeiro, mas (a informação está correta, mas o leitor merece um detalhamento) e De olho (etiqueta em monitoramento)”. Além disso, a Agência Lupa explicita na seção “Entenda as etiquetas da Lupa”¹⁴ que, dependendo da necessidade das checagens, pode criar ou retirar etiquetas.

O Projeto Truco, da Agência Pública, é uma outra experiência de checagem brasileira que faz parte da Agência Pública. O Truco foi criado em 2014, na cidade de São Paulo, e foi fundado no período de campanha eleitoral. Assim como a Agência Lupa, o Truco também explica os métodos utilizados no site para que o leitor possa acompanhar as checagens. Segundo o que consta no site¹⁵: “o trabalho de *fact-checking* do Truco é uma das modalidades de jornalismo investigativo produzidas pela Redação da Agência Pública”.

A Agência Pública sobrevive financeiramente com *Crowdfunding*, financiamento dos leitores, com o patrocínio de eventos e projetos, doações de fundações privadas nacionais e internacionais, sendo uma delas a Ford Foundation (norte-americana) e a OAK Foundation (sediada na Suíça). O Truco possui o selo da Rede Internacional de Checadores e, na seção “Como funciona” explica que as checagens são feitas sobre declarações que tenham importância para o debate público. Em uma análise geral do site, observou-se que as checagens são de declarações feitas em eventos e nos diversos veículos de comunicação (programas de tv, rádio, jornais, revistas e internet).

A equipe do Projeto Truco é composta por quatro repórteres específicos para trabalhar com a checagem; porém, recebe apoio da equipe de redação da Agência Pública, que possui mais cinco repórteres. O Truco também utiliza classificações nas frases que são verificadas. De forma lúdica, usam a figura do personagem Coringa do baralho de cartas para representar

¹³ AGÊNCIA LUPA. Como fazemos nossas checagens. Disponível em: <<http://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2015/10/15/como-fazemos-nossas-checagens/>>. Acesso em: 17 set. 2018.

¹⁴ AGÊNCIA LUPA. Entenda nossos pinguins. Disponível em: <<https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2015/10/15/entenda-nossos-pinguins/>>. Acesso em: 17 set. 2018.

¹⁵ AGÊNCIA PÚBLICA. Checagem | Truco. Disponível em: <<https://apublica.org/checagem/>>. Acesso em: 17 set. 2018.

os tipos de selos. São eles: “Verdadeiro (a análise dos dados e de outras fontes mostra que a afirmação é verdadeira), Sem contexto (a afirmação está correta, mas deixa de explicar o contexto), Contraditório (a afirmação contradiz declarações anteriores feitas pelo mesmo autor), Discutível (a conclusão sobre a frase varia de acordo com a metodologia adotada), Exagerado (a afirmação não usa dados certos, mas aponta um conceito verdadeiro ou uma tendência correta), Distorcido (os dados foram usados na afirmação para produzir uma falsa interpretação da realidade), Impossível provar (não existem dados confiáveis – oficiais ou de outras fontes – que comprovem a afirmação) e Falso (a análise dos dados e de outras fontes mostra que a afirmação é falsa)”.

Diniz (2017) também faz críticas às agências e projetos de checagem, reforçando que por mais que haja o procedimento não partidário e a busca por se aproximar da neutralidade, as experiências de checagem não estão livres de serem influenciadas por questões políticas e ideológicas. Isso por que, segundo a autora, “todo discurso, inclusive o jornalístico, é atravessado por convicções pessoais e coletivas e, portanto, deve ser observado de maneira crítica, ainda que alegue a utópica neutralidade” (DINIZ, 2017, p. 35).

A checagem de factos está a instaurar um novo nicho de mercado, que possui uma lógica de funcionamento própria, responsável por oferecer um serviço altamente especializado e concebido com DNA digital [...] Cabe ressaltar, porém, que a checagem de factos como é feita pela maioria das plataformas não se afasta o suficiente da matriz jornalística para caracterizar um novo tipo de proposta informativa; ao contrário, bebe dos fundamentos estruturais do jornalismo para legitimar sua atuação e instrumentalizar seus produtos e serviços. (DINIZ, 2017, p. 28)

Sendo assim, a experiência de checagem cumpre um papel importante para a sociedade - fiscalizar a produção jornalística e reforçar as boas práticas da profissão, em um contexto como o descrito até aqui, de mediatização, maior circularidade de informações de conteúdos produzidos por sujeitos que nem sempre têm a devida formação técnica e o compromisso como o dos profissionais da área. Ao mesmo tempo em que os jornalistas trabalham numa realidade nem sempre favorável ao exercício de seu ofício - equipe reduzida, prazos curtos, problemas financeiros etc.

A agência de checagem Lupa e o projeto Truco surgem desse contexto, com proposta de serem apartidárias, transparentes em relação a suas fontes e financiamentos. Porém, conforme Diniz (2017), o discurso jornalístico não consegue ser neutro, no sentido de que, ele é permeado por opiniões pessoais e do próprio veículo, nem sempre feita de maneira consciente. Portanto, é necessário também ter um olhar crítico em relação ao conteúdo produzido pelas agências. Justamente, para que a produção jornalística da Lupa e Truco,

objetos dessa pesquisa, estejam alinhadas ao que elas mesmas defendem e consequentemente, aos fundamentos da deontologia do Jornalismo.

Por isso, é fundamental a realização de pesquisas científicas sobre esse “novo nicho do mercado” descrito por Diniz (2017). Para que novas reflexões e investigações sejam feitas sobre as experiências de checagem de fatos no Brasil. Diante do exposto, o próximo capítulo trata do discurso jornalístico, das condições de sua produção, além da mediatização já mencionada; bem como apresenta os procedimentos metodológicos que foram utilizados na análise dos sentidos produzidos pelas agências Lupa e Truco nas checagens sobre os candidatos Jair Bolsonaro e Ciro Gomes.

3. O DISCURSO JORNALÍSTICO: POLARIZAÇÕES POLÍTICAS MEDIATIZADAS

Considerando que os sentidos emergem da produção discursiva, essa monografia buscou analisar os sentidos produzidos pelas agências de checagens Lupa e Truco sobre os candidatos à presidência Jair Bolsonaro e Ciro Gomes. Cabe, então, compreender primeiramente o que é discurso e como acontecem as análises dos textos jornalísticos na perspectiva de Verón (2004), Maingueneau (2011) e Benetti (2006).

Verón (2004) explica e define o que é a “Análise dos Discursos”:

Deve-se observar que a expressão está no plural: "análise *dos* discursos". Isso para indicar uma diferença em relação àqueles que falam em "a análise *do* discurso", concebendo assim O Discurso como uma espécie de homólogo de A Língua e do qual se poderia fazer uma teoria geral "fora de contexto". O que é produzido, o que circula e o que produz efeitos dentro de uma sociedade são sempre *discursos* (evidentemente, *tipos* de discurso, cujas classes devem ser identificadas e cuja economia de funcionamento deve ser descrita) (VERÓN, 2004, p.61)

Os discursos presentes na comunicação verbal, segundo Maingueneau (2011), possuem características. Por mais que o autor se refira a oralidade, as mesmas especificidades podem ser aplicadas aos discursos do texto escrito.

A primeira característica: “o discurso é orientado” (MAINGUENEAU, 2011, p. 52), o autor explica que o enunciador assume a condução do discurso e que é construído com base num propósito e finalidade. Por meio de expressões, escolha de palavras, que ajudam o enunciador antecipar e retomar a ideia do que está falando. Enfim, o emissor planeja as formas do que vai dizer com base no objetivo que é pretendido. Às vezes de maneira linear, quando é somente o enunciador falando, ou dialogal quando há interferências no enunciado.

“O discurso é contextualizado” (MAINGUENEAU, 2011, p. 54). Todo discurso está dentro de um contexto, sendo necessário entender de onde partem os discursos para compreender o sentido do enunciado. Ao mesmo tempo o próprio discurso também define seu contexto. Novas relações podem ser construídas no momento em que dois enunciadores estão conversando.

“O discurso é uma forma de ação” (MAINGUENEAU, 2011, p. 53). O autor explica que toda enunciação é um ato que planeja mudar um contexto. E os discursos são presentes nos diversos gêneros, como numa reportagem, uma bula de remédio, um telejornal. O ato de enunciar e produzir discursivamente os sentidos também implica o destinatário do enunciado.

Outra característica do discurso é a interatividade, “cuja marca nos enunciados encontra-se no binômio EU - VOCÊ da troca verbal.” (MAINGUENEAU, 2011, p. 53). E até mesmo na escrita, em que o destinatário não está evidente, há a presença de interatividade (dialogismo) que pode ser de forma implícita ou explícita “com outros enunciadore, virtuais ou reais” (MAINGUENEAU, 2011, p. 54).

Segundo Benetti, “o discurso não existe por si mesmo, ele só existe em um espaço entre sujeitos” (2006, p. 3). Para a autora, a intersubjetividade dos discursos evidencia que não existe uma verdade intrínseca. Sendo assim:

Assumir essa característica como um dos pressupostos do jornalismo leva-nos a, obrigatoriamente, reconhecer que o texto objetivo é apenas uma intenção do jornalista, restando-lhe elaborar um texto que no máximo direcione a leitura para um determinado sentido, sem que haja qualquer garantia de que essa convergência de sentidos vá de fato ocorrer. (BENETTI, 2006, p. 3)

O jornalismo é, dessa forma, um discurso dialógico, e pode ser classificado como intersubjetivo, como citado acima, e também interdiscursivo. A interdiscursividade “diz respeito ao permanente diálogo nem sempre simétrico e harmonioso, existente entre os diferentes discursos que configuram uma comunidade, uma cultura, uma sociedade” (BENETTI, 2006, p. 3). Como o procedimento em um texto de checagem, primeiro as fontes oficiais são consultadas sobre determinados dados que o político disse, depois o jornalista compara as informações obtidas, através das fontes oficiais, com a declaração do político. Em seguida, os repórteres dão etiqueta para a afirmação. Desta forma, os discursos presentes nos textos de checagem são cheio de vozes que nem sempre são simétricas e harmoniosas.

Maingueneau (2011) também explica que um discurso constitui-se de discursos - o interdiscurso. As várias modalidades de gênero possuem especificidades para trabalhar com as relações interdiscursivas, como por exemplo uma cartilha com um plano de governo não aborda e nem cita os mesmos dados que um livro de receita culinária.

Além do discurso jornalístico ser dialógico, ele pode ser definido como: “polifônico; opaco; ao mesmo tempo efeito e produtor de sentidos; elaborado segundo condições de produção e rotinas particulares” (BENETTI, 2006, p. 2-3). Polifônico é a ideia de múltiplas vozes que apresentam-se no discurso jornalístico. Essas vozes, segundo Benetti (2006), podem ser as fontes e o repórter que assina a própria matéria. A autora ainda elucida que, para ser polifônico, não basta uma matéria ter muitas vozes, é preciso analisar se esse discurso é polifônico no nível da enunciação também. Isto é, se as vozes falam sobre o assunto tratado no texto por perspectivas diferentes. “Se todas as quatro fontes enunciarem sob a mesma

perspectiva, filiadas aos mesmos interesses e inscritas na mesma posição de sujeito, apenas complementando-se umas às outras, podemos dizer que configuram um único enunciador” (BENETTI, 2006, p. 8-9). As múltiplas vozes no discurso possibilitam os vários percursos de leitura e interpretação de um texto jornalístico, por isso, ele é considerado opaco, aquilo que não é transparente.

Para compreensão do funcionamento do discurso jornalístico é preciso analisar as matérias significantes, isto é, os vários elementos que o compõem. O conceito é explicado por Verón (2004, 60-61): “Em primeiro lugar, é preciso salientar que, em seu sentido amplo, a noção de discurso não designa apenas a matéria linguística, mas qualquer conjunto significativo considerado como tal (isto é, considerado como lugar de investimento de sentido), quaisquer que sejam as matérias significantes em questão (a linguagem propriamente dita, o corpo, a imagem etc)”.

No caso da análise realizada nesta pesquisa, as matérias significantes são as unidades discursivas tais como conteúdo escrito, títulos, fotos e etiquetas, que compõem os textos da checagem¹⁶. Todos os itens formam um objeto complexo e constituem um discurso jornalístico, como elucida Andrade (2017).

Maingueneau (2011) quando explica as características do discurso traz a ideia de enunciação e enunciado. Os dois termos possuem diferenciações importantes na análise dos discursos. O enunciado “é da ordem do conteúdo” (VERÓN, 2004, p. 216). É o que compõe os textos ou as falas. E enunciação pode ser compreendida como “não ao que é dito, mas ao *dizer* e suas modalidades, os *modos* de dizer” (VERÓN, 2004, p. 216). Como por exemplo, as frases: Maria estava feliz ou Acredito que Maria estava feliz, o atributo a Maria não mudou de uma frase para outra. Porém, a enunciação mudou, em uma frase há a certeza e em outra a dúvida, que pode abrir espaço para refutar. O enunciado, por sua vez, não foi alterado.

De acordo com Benveniste (1989, p. 82), enunciação pode ser definida como o “colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização”. Para o mesmo autor, a língua, antes da enunciação, é apenas uma possibilidade. “Depois da enunciação, a língua é efetuada em uma instância de discurso, que emana de um locutor, forma sonora que atinge um ouvinte e que suscita uma outra enunciação de retorno” (BENVENISTE, 1989, p. 84).

O homem não dispõe de nenhum outro meio de viver o agora e de torná-lo atual senão realizando-o pela inserção do discurso no mundo (...) Cada enunciação é um ato que serve o propósito direto de unir o ouvinte ao

¹⁶ Como descrito no capítulo 2, as etiquetas são conferidas às frases verificadas pelas agências.

locutor por algum laço de sentimento, social ou de outro tipo. Uma vez mais, a linguagem, nesta função, manifesta-nos, não como um instrumento de reflexão mas como um modo de ação (BENVENISTE, 1989, p. 85-90).

Então, enunciação pode ser definida como o ato e o enunciado, o conteúdo, onde emergem os discursos. Entretanto, existem as condições de produção que são determinantes para o estabelecimento dos discursos presentes nos enunciados.

Com isso, se produz o dispositivo da enunciação e se estabelece a relação do enunciador com os destinatários, como aborda Verón (2004). Para o autor, existe a imagem de quem fala e também o que ele diz em seu discurso. Por sua vez, o discurso tem como objetivo alcançar os destinatários. E essa relação entre os dois “é proposta no e pelo discurso” (VERÓN, 2004, p. 218). O autor ainda acrescenta, “que um mesmo emissor poderá, em discursos diferentes, construir enunciadores diferentes, conforme, por exemplo, o alvo visado; pelo mesmo motivo construirá, cada vez diferentemente, seu destinatário” (VERÓN, 2004, p. 218).

Portanto, essa relação entre enunciadores e coenunciadores (ou seja, entre produtores e receptores) impactam na produção do discurso. Em um contexto de sociedade em processo de mediatização, conforme explicitado no capítulo anterior, essa relação entre produtores e consumidores de produtos mediáticos está em mutação, impactando, assim, o fazer jornalístico. Os consumidores também produzem conteúdos, porém, não é com o mesmo rigor de apuração jornalística que um profissional da área deve ter. E, justamente, esse é um dos motivos pelos quais surgem as agências de checagem.

3.1 Condições de produção dos discursos das checagens

Levando em consideração que o discurso jornalístico se constitui a partir de condições de produção (BENETTI, 2006; VERÓN, 2004) nesse tópico serão destacadas algumas delas que devem ser observadas durante uma análise comparativa de textos¹⁷. Verón (2004) cita o exemplo da imprensa escrita e explica que a primeira condição de comparação é o gênero textual, por exemplo, analogias entre revistas semanais, mensais e jornais diários. “Pois os gêneros se co-determinam, uns pressupõem os outros” (VERÓN, 2004, p. 93). Portanto, é necessário que se compare textos que pertençam a um mesmo formato de texto jornalístico. No caso da análise dessa pesquisa, checagens da Lupa e Truco. Mesma periodicidade também

¹⁷ Textos são entendidos, no âmbito desta pesquisa, como os discursos da informação produzidos pelas agências de checagem dos conteúdos sobre os presidentes brasileiros.

é outra condição citada por Verón, seja ela semanal, mensal, diária por exemplo, pois dependendo da frequência, impacta no tipo do assunto e como ele será abordado. Um texto de um jornal diário é diferente de uma revista mensal. Os assuntos deste último precisam ir além de narrar um acontecimento, como um diário que aborda fatos do momento.

A terceira condição é a função, exemplo: informativa, entretenimento e educativa. Conforme explica Verón (2004), a função pode acontecer de formas diferentes dependendo de qual seja a periodização. “A função nunca é exclusiva: trata-se antes de uma função predominante, que não impede outras funções secundárias (as revistas semanais de informação podem assim conter, por exemplo, reportagens especiais)” (VERÓN, 2004, p. 93). Essas reportagens especiais não precisam ser necessariamente sobre os acontecimentos da mesma semana que foi lançada a revista.

Verón (2004) também ressalta a importância de se conhecer as técnicas de produção de um texto para poder analisá-lo e conseguir identificar os sentidos que emergem dele. Como por exemplo, a Lupa e o Truco têm um procedimento de conferir etiquetas as frases daqueles que estão sendo checados. O significado de cada uma delas também está implícito a formação de discursos, na própria escolha dos nomes. O mesmo caso das chamadas retrancas no jornalismo, são modos de nomear o discurso, o acontecimento.

Outro aspecto que faz parte das condições de produção do discurso jornalístico é o seu modo de circulação e consumo, uma vez que, segundo Verón (2004), esse sistema de relações sempre passa pelo texto. “Em outras palavras, o texto é justamente o lugar em que tal sistema se constitui enquanto produção discursiva de sentido” (VERÓN, 2004, p. 101).

Por fim, as condições de produção do discurso jornalístico produzido pelas agências Lupa e Pública (Projeto Truco) são textos noticiosos do gênero jornalístico informativo produzidos por repórteres. Veiculados em seus sites na internet e seguem rotinas produtivas similares como apuração, checagem, redação e edição.

3.1.1 O discurso político polarizado e mediatizado

Outra condição de produção jornalística que tem impactado no trabalho das agências de checagem e também é fruto do atual contexto de mediatização é o discurso político polarizado, como mostram as pesquisas publicadas no artigo “2016: o ano da polarização?”, dos autores Solano, Moretto e Ortellado (2017). Importante ressaltar que a matéria prima do discurso jornalístico produzido pelas agências de checagem analisadas nesta pesquisa são os discursos proferidos pelos presidencialistas. É válido salientar, portanto, que as análises desta

pesquisa concentram-se sobre o discurso jornalístico produzido pelas agências com base no discurso político (polarizado) dos candidatos.

Para Charaudeau (2006), que tem um livro extenso sobre o discurso político, a questão é estudada por diversos campos do conhecimento, a Filosofia, Psicologia Social, a Sociologia, as Ciências Políticas, etc, com enfoques diferentes. Porém, Charaudeau explica como o discurso político é estudado pela Análise do Discurso, destacando as diferenças para as outras áreas de conhecimento:

Contrariamente às disciplinas precedentes, não se questiona sobre a legitimidade da racionalidade política, nem sobre os mecanismos que produzem esse ou aquele comportamento político, nem sobre as explicações causais, mas sobre os discursos que tornam possíveis tanto a emergência de uma racionalidade política quanto a regulação dos fatos políticos (CHARAUDEAU, 2006, p. 37).

Nesse sentido, Charaudeau defende que não existe política sem ação e que esta acontece nas relações. “A linguagem, em virtude do fenômeno de circulação dos discursos, é o que permite que se constituam espaços de discussão, de persuasão e de sedução nos quais se elaboram o pensamento e a ação políticos” (CHARAUDEAU, 2006, p. 39).

O discurso político pode ter três lugares de fabricação, segundo Charaudeau (2006). O primeiro é o sistema de pensamento que é derivado da atividade discursiva que visa instituir uma aspiração política, “que deve servir de referência para a construção das opiniões e posicionamentos. É em nome dos sistemas de pensamento que se determinam as filiações ideológicas” (CHARAUDEAU, 2006, p. 40). O segundo lugar é o ato de comunicação que está relacionado com quem participa da comunicação política, e que tem como papel fomentar as opiniões. Quem participa dessa comunicação pode tanto rejeitar quanto abraçar as ideias políticas. Há a organização de comícios, *slogans*, debates e manifestações. O discurso político, nesses casos, utiliza de artifícios da sedução, persuasão e retórica. O terceiro é o discurso político como comentário, cuja característica visa ser um discurso sobre o político, como por exemplo um comentário com amigos numa sala de reuniões ou bar. Nesse caso, não mobiliza nenhum grupo e são apenas atos conversacionais entre sujeitos que não têm a proposição de mobilizar para uma ação.

A política também passou por processos de transformação com a mediatização, uma vez que novos espaços de discussão política foram criados, descentralizando de prefeituras e salas de reunião, (HJARVARD, 2012), a mediatização política pode ser definida como o “processo pelo qual a instituição política gradualmente se torna dependente das instâncias

mediáticas e de sua lógica” (HJARVARD, 2014 apud SANTANA, 2016, p. 76). Nesse sentido, a visibilidade que acontece através dos meios promove maior aproximação da política com os eleitores (SANTANA, 2016).

Conforme Santana (2016), quando há a necessidade de um posicionamento político, primeiro é feita uma averiguação nos meios para certificar se há apoio do público, uma vez que os políticos buscam estar em consonância e também porque sabem da relevância dos meios de comunicação. Assim, as assessorias de comunicação assumem papel fundamental nesse processo. “Efetivamente, a comunicação através das assessorias tornou-se central na interação entre os dois eixos comunicativos, o mediático e político, uma vez que é a partir dele - mas não só dele -, que os políticos tentam pautar a mídia e dialogar com o eleitorado” (SANTANA, 2016, p. 71).

Santana (2016), baseado nas ideias do pesquisador Muniz Sodré (2011), também acrescenta que os meios veem no ator político uma oportunidade para que esse atenda aos seus interesses comerciais, e, assim, o político é “mais uma mercadoria no mercado de ofertas mediáticas” (SANTANA, 2016, p. 72). O autor observa que não apenas a mediatização trouxe mudanças para a política como outros fatores de ordem econômica, social e mesmo política foram importantes para trazer transformações.

No atual contexto de sociedade mediatizada, o discurso político, assim como o jornalístico, tem passado por transformações. No Brasil, observa-se o fenômeno da polarização do discurso político, tendo como marco importante as jornadas de junho de 2013, que surgiram pela mobilização do Movimento Passe Livre (MPL) que reivindicava a diminuição do preço das passagens do transporte público. Inicialmente, as jornadas envolveram a esquerda clássica, sindicatos, movimentos sociais e outras pessoas que não necessariamente eram ligadas a esses movimentos, mas que se viam representadas por essa pauta do transporte público Solano, Moretto e Ortellado (2017).

No entanto, as manifestações tomaram maiores proporções e se tornaram momentos de debates de várias outras pautas (por melhores condições de saúde, educação, segurança pública, etc) e insatisfações gerais com o atual governo daquele momento, o Partido dos Trabalhadores (PT). Novas manifestações surgiram a partir disso e o PT não conseguiu dar uma resposta rápida às ruas. Então, outros movimentos de direita liberal como o Movimento Brasil Livre (MBL) e o Vem Pra Rua começaram a ganhar força e apoiadores. Estava estabelecida aí uma forte oposição antipetista que canalizou todas as frustrações de brasileiros descontentes com a situação econômica e com Partido dos Trabalhadores. Toda essa

movimentação social e política culminou com o *impeachment* da presidente Dilma Rousseff (PT), no fim de 2016 (CASTRO, 2018; SOLANO, MORETTO, ORTELLADO, 2017).

Os autores Solano, Moretto e Ortellado (2017) realizaram pesquisas entre os anos 2015 e 2016 para compreender a polarização e entender o perfil das pessoas que participaram dos protestos entre os dois anos e sobre a mobilização das redes sociais. Segundo eles, os jovens brasileiros não estão totalmente inseridos nessa polarização. “Porque não tem no PT um centro simbólico organizador da vida política, como a geração anterior, com faixa etária média de 40 anos, que é tipicamente mobilizada em torno a este tema” (SOLANO, MORETTO, ORTELLADO, 2017, p. 1).

Sobre o perfil dos manifestantes de direita e de esquerda, a pesquisa também apontou que o campo progressista se divide entre aqueles que possuem críticas aos anos de PT e aqueles que não têm. Porém, ambos acreditam que o *impeachment* de Dilma Rousseff foi golpe. Já aqueles que pediram *impeachment* “para os quais o PT é o partido mais corrupto do Brasil e que definem sua identidade de direita ou conservadora não sobre pautas programáticas e sim sobre um antipetismo, que é o conceito que os une e que dá coesão a sua identidade” (SOLANO; MORETTO, ORTELLADO, 2017, p. 5).

Com relação à pesquisa sobre a polarização na rede social Facebook, os pesquisadores inicialmente levantaram a hipótese de que o debate político girava em torno da figura do PT entre aqueles que são antipetistas e os “anti-antipetistas”. Com base na análise de diversas páginas do Facebook de espectros da esquerda, centro e direita, os autores constataram que:

- O Facebook é uma importante ferramenta de informação política
- As páginas políticas do Facebook estão altamente polarizadas
- O PT é o centro desta polarização virtual, é o organizador do debate político na rede social
- Os usuários de páginas políticas dividem-se numa relação de oposição entre os anti-petistas e os que rejeitam este sentimento de antipetismo (defensores do PT e críticos do partido, mas com posições de esquerda) (SOLANO; MORETTO, ORTELLADO, 2017, p. 12).

Esse é um dos aspectos do contexto dentro do qual a produção jornalística está inserida. Uma conjuntura em que a imprensa tenta lutar pela credibilidade do seu material num mar de desinformações; em que os boatos foram deslocados para a forma de notícia e possuem todas as características de uma matéria jornalística, porém sem ter passado pelo tratamento da apuração. É nesse cenário que são criadas as agências de checagem de fatos do Brasil, a partir de 2014.

Segundo a pesquisadora Medeiros (2017) que faz uma resenha sobre o livro *The Filtre Bubble*, do autor Eli Pariser, a noção do “filtro bolha” para o autor diz respeito as redes sociais como Facebook, em que os algoritmos dessas páginas selecionam para os usuários, matérias, propagandas e outros conteúdos que possam ser de interesse para ele. Isso ocasiona com que os usuários só vejam e leiam assuntos que lhe agradam e não se defrontam com opiniões contrárias. A jornalista Ana Freitas, que escreveu a matéria para o Nexo Jornal “O que acontece quando você só vê opiniões parecidas com as suas”¹⁸, publicada em 18 de março de 2016, trouxe um trecho do livro *The Filtre Bubble* que afirma: “O filtro bolha tende a amplificar dramaticamente o viés de confirmação. De certa forma, ele é feito para isso. Consumir informações que corroborem com suas ideias de mundo é fácil e prazeroso; consumir informações que nos desafiem a pensar de novas formas ou questionar nossas presunções é frustrante e difícil”.

Nesse contexto de sociedade brasileira, polarizações e filtro bolhas, o trabalho das agências de checagem têm sido alvo de elogios e críticas. Uma das críticas foi com relação à parceria feita entre as agências de checagem Lupa e Aos Fatos com o *Facebook*, em 2018, a fim de melhorar a qualidade das informações que circulam na rede social no período eleitoral. Os jornalistas que trabalham nessas agências e os seus veículos começaram a ser acusados por páginas do *Facebook* de trabalharem à serviço da esquerda e censurar a direita. Fotos pessoais dos jornalistas e de seus familiares foram disseminadas pela rede como forma de perseguição.

Em resposta, a Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (ABRAJI) emitiu uma nota¹⁹ em defesa do trabalho dos profissionais e das agências de checagem, repudiando o ataque. O diretor Alexios Mantzarlis, da *International Fact-Checking Network* (IFCN), escreveu um texto de opinião no Jornal Folha de São Paulo²⁰, em 18 de maio de 2018, também defendendo o trabalho das agências e reforçando o papel que elas têm para a democracia, principalmente num contexto de eleições. Seu texto ressalta a transparência que

¹⁸ FREITAS, Ana. O que acontece quando você só vê opiniões parecidas com as suas. **Jornal Nexo**, São Paulo, 18 mar. 2016, Expresso. Disponível em: <<https://www.nexojornal.com.br/expresso/2016/03/18/O-que-acontece-quando-voc%C3%AA-s%C3%B3-v%C3%AA-opini%C3%B5es-parecidas-com-as-suas>>. Acesso em: 17 out. 2018.

¹⁹ Grupos promovem ataques a agências de checagem de fatos. **Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo**, São Paulo, 16 mai. 2018. Disponível em: <<http://abraji.org.br/noticias/grupos-promovem-ataques-virtuais-a-agencias-de-checagem-de-fatos>>. Acesso em: 14 out. 2018.

²⁰ MANTZARLIS, Alexios. Em defesa da checagem de fatos. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 18 mai. 2018. Opinião. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/opiniaio/2018/05/alexios-mantzarlis-em-defesa-da-checagem-de-fatos.shtml?loggedpaywall#__>. Acesso em: 14 out. 2018.

as agências de checagem têm em disponibilizar em seus sites os métodos que utilizam.

Mantzarlis também aponta que:

Uma campanha organizada para tirar a credibilidade desse trabalho é equivocada e diminui a capacidade da sociedade de distinguir as verdades das mentiras. Isso tem bem menos a ver com os checadores em si. Tem a ver com os fatos. E os fatos importam - e nós precisamos defendê-los. (MANTZARLIS, 2018, s/p)

Partindo do entendimento desse contexto de mediatização, em que o Jornalismo passa por transformações, com novos atores produzindo nas redes sociais, e a crescente desinformação e informação que circulam nos meios, mobilizando os jornalistas a criarem as agências de checagem, buscamos compreender como se processa a construção de sentido dos discursos produzidos por tais agências. Justamente por considerar sua importância nesse cenário, por colaborarem e reforçarem a qualidade das práticas jornalísticas que acontecem nas redações, as que, por vezes, pela rotina exaustiva com um quadro reduzido de repórteres, não há fôlego e tempo para aprofundar as investigações jornalísticas.

Pontuado isso, o discurso jornalístico está inserido nesse contexto do discurso político polarizado, como discutido nesse capítulo. Então, dada a atual conjuntura, cabe lançar a pergunta: *“Quais são os sentidos produzidos pela Lupa e Truco sobre os candidatos à presidência Jair Bolsonaro e Ciro Gomes?”* Reafirmando o que explica Diniz, mesmo que os discursos jornalísticos busquem imparcialidade, ele é “atravessado por convicções pessoais” (2017, p. 35) portanto, é necessário analisar de forma crítica os discursos. Além da pergunta central cabe responder outros questionamentos, como por exemplo, se o desenvolvimento do trabalho das agências acontece da mesma forma tanto para o candidato de centro-esquerda quanto o de direita.

3.2 Procedimentos de Análise

Para analisar os discursos é preciso considerar algumas condições de produção, como citado anteriormente. Verón (2004) explica que para realizar uma análise comparativa entre textos é necessário que eles dialoguem sobre um mesmo gênero, tenham função e periodicidade similares. No caso da análise dessa pesquisa, os textos são os conteúdos de checagem produzidos pela Agência Lupa e pelo Projeto Truco (da agência de notícias Pública).

Também é importante distinguir que texto e discurso não são equivalentes, conforme Verón (2004). Texto pode ser designado como um conjunto de matérias significantes (corpo

da matéria, foto, etiquetas- das checagens), e os discursos, por sua vez, perpassam os enunciados. O autor também defende que uma análise discursiva não é meramente uma somatória das propriedades enunciativas que compõem os discursos, por isso, destaca que os discursos sejam determinados num espaço-tempo pois, “há uma organização significativa do espaço do discurso” (VERÓN, 2004, p. 62).

Uma análise discursiva também centra-se nas diferenças entre os discursos. “Do ponto de vista de uma teoria da produção *social* de sentido, um texto não pode ser analisado em si mesmo, mas apenas em relação a invariantes do sistema produtivo de sentido” (VERÓN, 2004, p. 62). Por isso, o autor ressalta que a comparação é o fundamento para a análise dos discursos.

Partindo, então, do que foi percorrido até aqui, a análise que propõe esta pesquisa se enquadra como qualitativa: “não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização etc [...] as características são a objetivação do fenômeno, hierarquização das ações de descrever, compreender e explicar” (SILVERIA; CÓRDOVA, 2009, 31, 32).

Para responder à questão que norteia essa pesquisa foram selecionados, de início, os objetos de análise: a agência Lupa (2015) por ser a primeira agência especializada em checagem de fatos no Brasil e a agência Pública que tem como enfoque o Jornalismo Investigativo. Sendo que em 2014, esta agência iniciou também a checagem de fatos- Projeto Truco.

Depois foi feito um levantamento inicial das checagens publicadas entre os meses de abril e início de agosto de 2018 nas Agência Lupa e Projeto Truco sobre os pré-candidatos à presidência da república. O período escolhido justifica-se porque a partir do mês de abril os pré-candidatos começaram a participar de debates eleitorais nos meios de comunicação, a fazer publicações para a imprensa e utilizar massivamente as redes sociais, até agosto, quando os candidatos se registraram no Tribunal Superior Eleitoral (TSE). Dessa primeira pesquisa exploratória foram contabilizadas 42 checagens na Lupa e 15 do Truco²¹.

Com essas checagens levantadas, foram feitas tabelas (apêndice A e B) para ajudar a visualizar todos os conteúdos. As tabelas contêm o título de cada checagem, a data da publicação da checagem, o nome do evento ou veículo de comunicação que o candidato concedeu a entrevista com sua data, os temas abordados, o resumo do assunto e o *link* para acessar na íntegra a checagem. As tabelas revelam dados interessantes, pois no momento da

²¹ Isso porque o Truco é um projeto de checagem que acontece dentro da Agência Pública. Diferentemente da Lupa que é uma agência especializada em checagem.

produção já foi possível observar o desempenho dos pré-candidatos nas entrevistas e em eventos e veículos de comunicação, qual informação eles erram mais, exageram ou acertam, além de indicativos iniciais de como a Lupa e o Truco constroem os enunciados sobre os candidatos.

A partir das tabelas e de posse de mais informações sobre cada checagem foi possível selecionar o *corpus*. O primeiro critério de seleção foi considerar um candidato de um partido de esquerda e outro de direita, para poder realizar comparações e analisar como Lupa e Truco constroem o discurso jornalístico desses candidatos. O segundo, as temáticas mais recorrentes e iguais tanto na Lupa quanto no Truco. Os assuntos mais checados no período de definição do *corpus* foram: economia, segurança pública e questões trabalhistas.

O terceiro critério foi o tamanho do texto e a quantidade de etiquetas em cada checagem, para ser possível estabelecer comparações equilibradas e poder realizar em tempo hábil essa pesquisa. E, por fim, o quarto critério estabelecido diz respeito aos pré-candidatos²² da esquerda e direita que estivessem mais à frente nas pesquisas eleitorais. Portanto, foram selecionadas²³ checagens realizadas sobre os pré-candidatos Jair Bolsonaro (PSL) e Ciro Gomes (PDT). As checagens para realização da análise foram: “Ciro: R\$ 1,2 trilhão da dívida pública vence em até quatro dias. Será?” (Anexo A), “Em sabatina, Ciro Gomes erra ao falar de segurança no RJ após intervenção” (Anexo B), “Bolsonaro derrapa ao falar sobre morte de jornalista na ditadura militar” (Anexo C), “Bolsonaro erra ao dizer que general, capitão e sargento ganham basicamente a mesma coisa” (Anexo D), da Agência Lupa. E as checagens: “Ao falar do Brasil, Ciro Gomes usa dados falsos e exagerados” (Anexo E) e “Bolsonaro dispara dados falsos de economia, saúde e educação” (Anexo F), da Agência Pública do Projeto Truco. São só duas checagens porque em questão de tamanho dos textos é equivalente as quatro checagens da Lupa e assim, permite comparações equilibradas.

Além das seis checagens selecionadas foram escolhidas mais duas da Lupa, porque a agência produz mais textos que o Truco. Então, a partir da pesquisa exploratória o critério de seleção das checagens foram entrevistas concedidas por Ciro (Anexo H) e Jair (Anexo G) no programa Roda Viva da Tv Cultura. Então, o *corpus* de análise dessa pesquisa é formado por oito textos. Duas checagens do Projeto Truco e seis da Agência Lupa.

²² Importante explicar que em toda pré-campanha o Partido dos Trabalhadores tinha o Lula como pré-candidato. Porém, por estar preso, foi impossibilitado pelo STF de conceder entrevistas. Portanto, não havia checagens do pré-candidato petista. Outra mudança foi que durante o período de abril-agosto a Manuela D’Ávila era candidata a presidente pelo PCdoB. Porém, quando o STF barrou a candidatura de Lula, Manuela assumiu como vice na chapa com o Haddad.

²³ Vale ressaltar que na pesquisa exploratória foram encontradas checagens de todos os pré-candidatos como pode ser conferido nos apêndices A e B

Para finalizar, importante destacar quais foram os operadores de análise aplicados ao estudo do funcionamento discursivo das checagens selecionadas. Conforme Andrade (2017), as matérias significantes (título, texto, fotografia e todos os outros elementos que compõe o conteúdo jornalístico) podem ser analisados a partir dos operadores: dêiticos, ou seja, “a posição do discurso em relação à situação de enunciação [pessoa, espaço e tempo]” (ANDRADE, 2017, p. 11); vocabulário, que diz respeito a como os enunciados qualificam, nomeiam, descrevem o fato abordado – a exemplo das checagens, quais palavras (substantivos, adjetivos, verbos assertivos etc) são empregadas para descrever as declarações dos candidatos. Além disso, tanto as figuras discursivas, isto é, como as pessoas citadas nos enunciados são apresentadas, e as vozes discursivas, quais são presentes nos discursos do enunciador, também foram observadas.

Por fim, todos os operadores citados (dêiticos, vocabulário, figuras discursivas e vozes discursivas), podem ser aplicados na Análise de Discurso e revelam o funcionamento discursivo e os efeitos de sentidos do discurso jornalístico que a Agência Lupa e o Projeto Truco produzem sobre os presidentiáveis Jair Bolsonaro e Ciro Gomes.

4. OS SENTIDOS DA CHECAGEM: ANÁLISE DOS DISCURSOS SOBRE OS PRESIDENCIÁVEIS

A análise está organizada da seguinte forma nesse capítulo: primeiro foram observadas as semelhanças e diferenças de produção de sentidos sobre cada candidato ao longo dos textos da checagem. Em um segundo momento, a análise se detém em como a Lupa²⁴ construiu discursivamente a participação dos dois pré-candidatos no programa Roda Viva da TV Cultura. E, para finalizar, o terceiro momento se aprofunda nas matérias significantes título, linha fina e foto, buscando observar como as figuras discursivas de Ciro Gomes e Jair Bolsonaro foram construídas tanto pela Lupa quanto pelo Truco.

A Agência Lupa e o Projeto Truco, como explicitado nos capítulos anteriores, possuem etiquetas que classificam as frases checadas. Nesta análise, elas fazem parte da construção de sentidos sobre os candidatos à presidência em 2018: Jair Bolsonaro (PSL) e Ciro Gomes (PDT). A Agência Lupa possui as seguintes etiquetas: “Falso (a informação está comprovadamente incorreta), Contraditório (a informação contradiz outra difundida pela mesma fonte antes), Verdadeiro (a informação está comprovadamente correta), Ainda é cedo para dizer (a informação pode vir a ser verdadeira. Ainda não é.), Exagerado (a informação está no caminho correto, mas houve exagero de mais de 10% e de menos de 100% frente ao total real), Subestimado (os dados reais são ainda mais graves dos que o mencionado e a informação foi minimizada de 10% a 100%), Insustentável (não há dados públicos que comprovem a informação), Verdadeiro, mas (a informação está correta, mas o leitor merece um detalhamento) e De olho (etiqueta em monitoramento)”.

O Projeto Truco da Agência Pública utiliza a figura do coringa para classificar as frases. O palhaço, representado nas cartas de um jogo de baralho, é um personagem neutro que pode assumir a posição ou o valor de outras cartas. De forma lúdica, a agência criou uma categoria para cada coringa, são elas: “Verdadeiro (a análise dos dados e de outras fontes mostra que a afirmação é verdadeira), Sem contexto (a afirmação está correta, mas deixa de explicar o contexto), Contraditório (a afirmação contradiz declarações anteriores feitas pelo mesmo autor), Discutível (a conclusão sobre a frase varia de acordo com a metodologia adotada), Exagerado (a afirmação não usa dados certos, mas aponta um conceito verdadeiro ou uma tendência correta), Distorcido (os dados foram usados na afirmação para produzir

²⁴ Foram selecionados mais textos da Agência Lupa para a análise por dois motivos: primeiro, a agência publica maior quantidade de checagens e, segundo, os textos produzidos pelo Truco são maiores e mais densos. Dessa forma, consideramos que a seleção de quatro textos da Lupa e dois do Truco seriam suficientes para a análise comparativa proposta nesta pesquisa.

uma falsa interpretação da realidade), Impossível provar (não existem dados confiáveis – oficiais ou de outras fontes – que comprovem a afirmação) e Falso (a análise dos dados e de outras fontes mostra que a afirmação é falsa).” E cada coringa possui uma cor.

Conforme explicado na seção sobre metodologia da Lupa²⁵, os critérios de seleção para a escolha das declarações que serão checadas têm como princípio três tópicos: “quem fala”, “o que fala” e “que barulho faz”. A Lupa tem como preferência checar frases de políticos e personalidades que sejam relevantes no cenário nacional e de interesse público. Como explica a agência, eles verificam “o grau de veracidade” das declarações.

Depois de selecionadas as frases, a agência faz um levantamento de tudo que já foi produzido e pesquisado sobre a temática em jornais, revistas, sites, com base em dados oficiais. Se necessitar, recorre a especialistas para contextualizar o assunto, para não haver nenhum erro de interpretação dos dados.

Com a checagem finalizada, a Lupa entra em contato com quem foi checado e “solicita posição oficial [...] dando-lhe tempo e ampla oportunidade para se explicar”. A resposta é publicada ao final do texto da checagem bem como se houve alteração de alguma etiqueta depois da publicação. A agência tem o cuidado de colocar os motivos da mudança, data e horário de alteração. Por fim, a Lupa diz que o texto checado pretende ser “objetivo, repleto de links que ajudarão a reconstituir o caminho percorrido pelo chegador e a entender suas conclusões”.

O Projeto Truco da Agência Pública tem uma metodologia²⁶ semelhante à da Lupa. O Truco também só checa frases que têm relevância para o debate público, que “contenha um dado, faça referência a leis, permissões, proibições, situações verificáveis ou traga informações categóricas”. São escolhidas afirmações de personalidades e autoridades políticas. E o Truco explica que é feito um rodízio entre os checados, para que tenha equilíbrio nas publicações. O segundo passo da metodologia é pedir às fontes dos dados e informações do autor das afirmações. Ao mesmo passo que o Truco também faz a própria apuração, procura fontes oficiais ou não e especialistas. Assim, a agência faz comparação entre os resultados obtidos por sua apuração com os dados utilizados pelo autor das frases e, então, o Truco classifica as afirmações com o selo.

É importante contextualizar também um pouco da vida política dos candidatos que as agências checaram. Ciro Ferreira Gomes disputou as eleições presidenciais pelo Partido

²⁵ AGÊNCIA LUPA. Como fazemos nossas checagens. Disponível em: <<http://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2015/10/15/como-fazemos-nossas-checagens/>>. Acesso em: 17 set. 2018.

²⁶ Metodologia. **Agência Pública**, São Paulo, Como funciona. Disponível em: <https://apublica.org/checagem/> Acesso em: 06, nov, 2018.

Democrático Trabalhista (PDT), ao qual é filiado desde 2015. A senadora Kátia Abreu foi vice na sua chapa. Conforme explica o cientista político da Fundação Getúlio Vargas (FGV), Cláudio Couto, em entrevista²⁷ ao Jornal Estadão, o PDT pode ser classificado no espectro político como centro-esquerda. A reportagem do Nexo Jornal²⁸ - “A trajetória de Ciro Gomes, candidato do PDT à Presidência”, publicada em 09 de agosto de 2018, conta que Gomes cresceu em Sobral (CE) e cursou a Faculdade de Direito da Universidade Federal do Ceará. Sua família tem trajetória na política e ainda na Universidade, Gomes, já envolveu-se com o movimento estudantil.

Começou em 1982 a vida pública disputando o cargo de Deputado Estadual do Ceará. Exerceu por quase dois mandatos, mas não chegou a terminar, porque se candidatou para a prefeitura do Ceará. Foi prefeito da cidade, depois disputou a eleição para governador e venceu no primeiro turno (1990). Convidado para assumir o Ministério da Integração Nacional em 2003, pelo presidente Lula, ficou no cargo por três anos quando resolveu sair para disputar as eleições para Deputado Federal pelo Ceará, sendo eleito em 2006. Também disputou as eleições presidenciais em 1998 e 2002 e chegou a ser filiado a sete partidos.

Conforme a mesma matéria do Nexo Jornal, Gomes se define como “um socialista democrático em permanente revisão”. O candidato defende “que o Estado deve ter papel atuante no desenvolvimento econômico do país e defende políticas fiscais que cortem privilégios para preservar os mais pobres. Uma das alternativas propostas por ele é fazer uma reforma tributária que taxe heranças” (VENTURINI, 2018, s/p).

O candidato Jair Messias Bolsonaro é filiado ao Partido Social Liberal (PSL) desde o dia 07 de março de 2018 e concorreu à Presidência da República pela primeira vez. Seu vice na chapa foi o General Mourão. De acordo com o cientista político da Fundação Getúlio Vargas (FGV), Cláudio Couto, para a mesma entrevista ao Jornal Estadão, o partido pode ser classificado como extrema-direita. As principais pautas do PSL²⁹ são, segundo a reportagem: o liberalismo econômico, menor interferência do Estado e apoio à privatização.

²⁷ MORAES, Igor. O que significa esquerda, direita e centro na política? **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 18 mai. 2018, Eleições. Disponível em: <<https://politica.estadao.com.br/noticias/eleicoes,o-que-significam-direita-esquerda-e-centro-na-politica,70002314116>> Acesso em: 10 nov. 2018.

²⁸ VENTURINI, Lilian. A trajetória de Ciro Gomes, candidato do PDT à Presidência. **Nexo Jornal**, São Paulo, 09 ago. 2018, Expresso. Disponível em: <<https://www.nexojornal.com.br/expresso/2018/08/09/A-trajet%C3%B3ria-de-Ciro-Gomes-candidato-do-PDT-%C3%A0-Presid%C3%A2ncia>> Acesso em: 10 nov. 2018.

²⁹ VENTURINI, Lilian. O que é o PSL, partido que Bolsonaro escolheu para se candidatar à Presidência. **Nexo Jornal**, São Paulo, 8 jan. 2018, Expresso. Disponível em:

Conforme a reportagem do Nexo Jornal, “A trajetória de Bolsonaro, candidato do PSL à Presidência”³⁰, publicado em 07 de agosto de 2018, Jair é capitão da reserva e atualmente Deputado Federal pelo estado do Rio de Janeiro. Formou-se na Academia Militar das Agulhas Negras em 1977, engajou-se na vida pública em 1988, quando foi eleito pelo Partido Democrata Cristão (PDC) vereador da cidade do Rio de Janeiro. Porém, não chegou até o fim no cargo, pois disputou em 1990 o cargo para Deputado Federal, quando foi eleito. Bolsonaro foi Deputado Federal por sete mandatos (1991-2018). O candidato já se filiou a sete partidos, porém foi no Partido Progressista (PP) onde permaneceu por mais tempo (2005-2016).

Bolsonaro é conhecido por carregar um discurso conservador e antipestatista. Já fez várias declarações consideradas homofóbicas e racistas, conforme a mesma reportagem do Jornal Nexo. O Deputado defende a manutenção da família tradicional e, é contra a liberação do aborto e a legalização das drogas.

4.1 Lupa e Truco: Os sentidos produzidos sobre o candidato Ciro Gomes

Como abordado ao longo dos capítulos, as agências produzem discursos jornalísticos e esses, por sua vez, produzem sentidos. Neste primeiro tópico, estão os resultados da análise das semelhanças e diferenças discursivas identificadas nas checagens sobre o candidato Ciro Gomes realizadas pela Lupa e pelo Truco. Os textos analisados nesta etapa foram: “Em Sabatina, Ciro Gomes erra ao falar de segurança no RJ após intervenção” (Anexo A) e “Ciro: R\$ 1,2 trilhão da dívida pública vence em até quatro dias. Será?” (Anexo B), publicados na Agência Lupa; e “Ao falar do Brasil, Ciro Gomes usa dados falsos e exagerados” (Anexo C), publicado no Projeto Truco. As checagens foram veiculadas no dia 22 de maio, 20 de julho e 17 de abril de 2018, respectivamente. Como explicado anteriormente, os dois textos da Lupa equivalem, em tamanho, a um único texto produzido pelo Truco por conta da quantidade de frases checadas, que foram oito.

A Lupa checkou cinco frases dentre as declarações feitas por Ciro Gomes durante sabatina promovida pelo SBT, Folha e UOL, dia 21 de maio. O resultado foi publicado na

<<https://www.nexojornal.com.br/expresso/2018/01/08/O-que-%C3%A9-o-PSL-partido-que-Bolsonaro-escolheu-para-se-candidatar-%C3%A0-Presid%C3%Aancia>> Acesso em: 10 nov. 2018

³⁰ CHAPOLA, Ricardo. A trajetória de Bolsonaro, candidato do PSL à Presidência. **Nexo Jornal**, São Paulo, 07 ago, 2018. Expresso. Disponível em: <<https://www.nexojornal.com.br/expresso/2018/08/07/A-trajet%C3%B3ria-de-Bolsonaro-candidato-do-PSL-%C3%A0-Presid%C3%Aancia>> Acesso em 10 nov. 2018

matéria “Em Sabatina, Ciro Gomes erra ao falar de segurança no RJ após intervenção”³¹ (Anexo B), dos jornalistas Chico Marés e Nathália Afonso, publicada no dia 22 de maio de 2018. A checagem verificou uma frase sobre a questão da criminalidade depois da intervenção federal no Rio de Janeiro. A declaração ganhou a etiqueta “falsa”. Para chegar a tal resultado a Lupa utilizou os dados do Instituto de Segurança Pública (ISP).

A segunda frase foi sobre a reforma trabalhista e o Ciro utilizou dados que foram considerados “exagerados” pela Agência. A Lupa consultou como fonte os Dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED).

A terceira e quarta frases dizem respeito a declarações sobre índice de desemprego e o número de assassinatos de policiais no Rio. As duas frases foram consideradas “verdadeiro, mas” (que significa “a informação está correta, mas o leitor merece de mais explicações”). Para chegar a tais conclusões a Lupa consultou a CAGED, a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua Trimestral (Pnadc/T), a assessoria da Polícia Militar e Civil.

E por fim, a última declaração escolhida foi sobre o número de carteiras assinadas no Brasil que também ganhou a etiqueta de “verdadeiro, mas”, a fonte consultada foi a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua Trimestral (Pnadc/T) e o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Em suma, essa checagem conteve três frases classificadas como “Verdadeiro, mas”, uma “Exagerada” e outra “Falsa”. Ao fim do texto, a Lupa cita que a checagem foi publicada na versão impressa do jornal Folha de S. Paulo no dia 22 de maio. Isso demonstra como a Lupa mantém trabalho em parceria com outros veículos de comunicação mais tradicionais. Pode-se concluir que a estratégia discursiva cumpriu aquilo que a Lupa afirma fazer: um texto objetivo e com links para que o leitor possa acompanhar os passos dos repórteres. Em geral, como observado, utilizam uma fonte ou duas para verificar cada uma das frases checadas. O texto da Lupa também pode ser classificado como didático, porém a leitura não é densa.

O outro texto da Lupa, “Ciro: R\$ 1,2 trilhão da dívida pública vence em até quatro dias. Será?”³² (Anexo A), do jornalista Chico Marés, publicado no dia 20 de julho de 2018, se refere à entrevistas do Programa Roda Viva da TV Cultura que aconteceu dia 28 de maio, e ao

³¹ MARÉS, Chico; AFONSO, Nathália. Em sabatina, Ciro Gomes erra ao falar de segurança no RJ após intervenção. **Lupa**, Rio de Janeiro, 22 mai. 2018. Disponível em: < <https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2018/05/22/sabatina-ciro-gomes-folha/> > Acesso em: 10 nov. 2018

³² MARÉS, Chico. Ciro: “R\$ 1,2 trilhão da dívida pública vence em até quatro dias”. **Lupa**, Rio de Janeiro, 20 jul. 2018. Disponível em: < <https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2018/07/20/ciro-operacoes-divida/> > Acesso em: 10 nov. 2018

Canal [do youtube] Sol de Outubro do dia 14 de novembro de 2017. Foram analisadas três frases.

No parágrafo de abertura do texto a Lupa faz um rápido resumo do que o Ciro disse e a Agência lança uma pergunta. “Mas o quanto disso é verdade? E - mais importante- o que significa tudo isso?” Ao indagar quantificando se são verdadeiras as afirmações feitas pelo Ciro, a Lupa usa de estratégia para atrair os leitores a continuarem a leitura, para descobrirem o resultado das checagens.

A primeira declaração checada foi sobre a dívida pública do Brasil e as operações compromissadas. Interessante observar que mais uma vez a Lupa coloca-se numa posição de explicar ao leitor o que são esses termos de economia. Nessa questão, os repórteres utilizam os dados e informações do Banco Central e Secretaria do Tesouro Nacional. A frase foi classificada como “verdadeira”.

A segunda frase, também é sobre operação compromissada e os repórteres utilizaram as mesmas fontes, porém a afirmação foi considerada “falsa”. O que chama atenção nessa checagem em específico é que o Ciro errou sobre o prazo de vencimento do R\$1,2 trilhão das operações compromissadas e a Lupa escreve: “Assim sendo, em quatro dias, não venceu R\$ 1,2 trilhão como vem dizendo Ciro”. Isso indica que não é a primeira vez que Ciro erra essa informação e que, portanto, a Lupa tem acompanhado as declarações do candidato sobre essa temática.

A terceira frase também sobre dívida pública foi considerada “exagerada” e foram consultadas as fontes Dívida Bruta do Governo Geral (DBGG) e Banco central. Essa foi a única declaração verificada sobre a entrevista ao Canal Sol de Outubro, que aconteceu em 2017. Por causa disso, os repórteres tiveram o cuidado de também trazer dados recentes para contextualizar o leitor sobre a questão da dívida pública. Ao fim do texto, a Lupa diz que o Ciro foi procurado, mas não retornou. Isso demonstra para o leitor os desdobramentos da checagem e de sua produção. Por fim, a Lupa revelou que das três frases apenas uma é “verdadeira”, outra “falsa” e a terceira é “exagerada”.

O texto da Pública que foi comparado ao da Lupa é: “Ao falar do Brasil, Ciro Gomes usa dados falsos e exagerados”³³ (Anexo E) e possui a seguinte linha fina: “Presidenciável citou números errados sobre segurança, dívida pública e Previdência ao participar de fóruns e entrevistas na Europa”. Foi publicado no dia 17 de abril de 2018 e produzido pelos repórteres

³³ RUDNITZKI, Ethel; MORAES, Maurício; FIGUEIREDO, Patrícia. Ao falar do Brasil, Ciro Gomes usa dados falsos e exagerados. **Pública**, São Paulo, 17 abr. 2018, Truco. Disponível em: < <https://apublica.org/2018/04/truco-ao-falar-do-brasil-ciro-gomes-usa-dados-falsos-e-exagerados/> > Acesso em: 10 nov.2018

Ethel Rudnitzki, Maurício Moraes e Patrícia Figueiredo. As frases checadas eram de uma entrevista à Rádio Francesa Internacional (RFI) do dia 29 de março de 2018 e da palestra na Universidade Sorbonne, em 28 de março de 2018.

A primeira diferença com a Lupa pode ser percebida no início do texto. O Truco insere linha fina em suas checagens. Isso faz com que o repórter dê mais elementos, explicações, sobre o que a checagem vai abordar durante o texto. Antes de começar as checagens propriamente, os repórteres escrevem um pequeno texto de abertura contextualizando os eventos e a pré-campanha do Ciro Gomes e explicando que o candidato foi procurado, porém não divulgou as fontes dos dados. Também, no início do texto, os repórteres já indicam para o leitor o que o resultado das análises das afirmações mostrou. Isso significa que o leitor, na verdade, continua a leitura para saber dos motivos que levaram o Truco a considerar a maioria das afirmações como falsas.

O tema da primeira declaração de Ciro Gomes foi sobre o índice de homicídio no Brasil. O Truco classificou a frase como “impossível provar” devido aos dados que o candidato usa. Para fazer a verificação, os repórteres utilizaram o Anuário Brasileiro de Segurança Pública, publicado pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública (2017) e dados das secretarias de Segurança Pública. Interessante observar que, ao final dessa análise, a Agência diz que Ciro já tinha utilizado o mesmo dado de 64.700 homicídios no Brasil, porém ele havia afirmado que se referia à 2017. E agora, ele utiliza o mesmo número e diz que corresponde aos últimos doze meses. Essa explicação da Agência mostra que o veículo está acompanhando as falas do candidato e também para que o leitor saiba que é um dado que Ciro está errando repetidamente.

A segunda frase é sobre o número de homicídios que são esclarecidos no país. Ela foi considerada “falsa”. Para a checagem os repórteres utilizaram os dados do Instituto Sou da Paz, o documento oficial da Estratégia Nacional de Segurança Pública (Enasp), a Associação Brasileira de Criminalística e o livro “O Inquérito Policial no Brasil: uma pesquisa empírica”. Além disso, utilizou documentos do Ministério da Justiça e dados do estudo “A Investigação de Homicídios no Brasil”. Toda essa pesquisa para mostrar e comprovar que, atualmente não é possível encontrar um dado padronizado, em nível nacional, sobre o índice de homicídios esclarecidos. Além disso, os repórteres também informam que a taxa sobre esclarecimentos de homicídios “costuma ser bastante repetida por figuras públicas”. E, dá exemplos do Gilmar Mendes ministro do Supremo Tribunal Federal (STF) e o senador Wilder Moraes (PP-GO) autor do Estatuto do Desarmamento.

Os repórteres vão construindo o texto com o caminho percorrido em cada pesquisa - documento e apontam o que eles dizem. Além disso, nessa segunda frase checada, os jornalistas colocaram um gráfico que mostra as pesquisas feitas no Brasil sobre os dados de homicídios resolvidos, mas não há uma padronização que dê condições de afirmar um número para o país todo.

A terceira frase checada é sobre a Dívida Pública brasileira e a data de vencimento para o pagamento. Também ganhou o “coringa falso”. Devido ao dado que o candidato utiliza. Os repórteres começam contextualizando em que momento da entrevista o candidato fez a afirmação. E para verificar, os repórteres utilizaram o Relatório da Dívida Pública Federal.

A quarta frase: Ciro afirma que existe atualmente um déficit da Previdência e cita dados sobre a questão. A sentença foi considerada “falsa” e a checagem se debruça em explicar o porquê é discutível, se existe ou não déficit e também a razão do número utilizado por Ciro ser falso. O texto explica que há diferentes metodologias para calcular o déficit. E traz como fonte os dados do Ministério do Planejamento.

A quinta frase é sobre a desindustrialização do Brasil. O truco deu o selo de “discutível”. Observa-se que o Truco aborda nessa checagem a complexidade do tema. Os repórteres se debruçam para mostrar como a questão pode ser analisada sob pontos de vista diferentes, e como eles estão coerentes também. Os jornalistas trazem diversas pesquisas e especialistas como fontes. O estudo “Desindustrialização: Luzes e Sombras no Debate Brasileiro”, dados do Banco Mundial, entrevista do economista Ha-Joon Chang ao *EL País*, IBGE: nessa checagem também foi necessário o Truco fazer entrevista com especialista do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA). Também traz como fonte o relatório de 2016 da Conferência das Nações Unidas para Comércio e Desenvolvimento. Pode-se depreender que o Truco faz uma ampla e aprofundada pesquisa para conferir se o país está ou não se desindustrializando, a partir de uma frase do Ciro.

Na sexta frase Ciro disse sobre a taxa de câmbio nos governos da Dilma e do Lula. Essa declaração foi feita numa palestra na Sorbonne. O Truco avaliou como “exagerado (a afirmação não usa dados certos, mas aponta um conceito verdadeiro ou uma tendência correta)”. E para isso consultou os dados do Banco Central e entrevistou um professor da Universidade de São Paulo (USP) da Faculdade de Economia e Administração.

O tema da penúltima frase também aconteceu na Sorbonne e tem relação com a Intervenção Federal no Rio. Ciro disse que por esse motivo estava suspenso fazer concurso público. A frase foi classificada como “falsa”. E para chegar a tal conclusão os repórteres

pesquisaram no Termo de Compromisso que foi firmado entre o presidente Temer e o governador Luiz Fernando de Souza Pezão (MDB).

A última frase checada, e a única classificada como “verdadeira” foi sobre a distribuição de renda e a concentração de fortunas no Brasil. Mesmo com o resultado positivo a agência investigou o porquê dos dados apresentados sobre o assunto serem verdadeiros. Eles consultaram o estudo “Recompensem o trabalho, não a riqueza” da *Oxfam*, confederação de ONGs, o banco de dados *World Inequality Database* (WID) e a “Pesquisa Desigualdade Mundial 2018”.

Um dos apontamentos que pode ser feito com a análise da última frase checada, classificada como “verdadeira” pelo Truco, fica evidente que além de simplesmente checar o candidato e dar uma etiqueta, a agência acaba exercendo um papel de aprofundar as temáticas, contextualizar e explicar para o leitor um assunto que foi agendado pelo político. Muitas vezes, a agência precisa fazer isso, justamente para mostrar a complexidade dos temas e da onde surgem os números citados, para que o leitor possa ter exata compreensão.

Por fim, o texto analisado do Truco “Ao falar do Brasil, Ciro Gomes usa dados falsos e exagerados”, contém quatro frases classificadas como “falsa”, uma “exagerada”, outra “discutível”, a penúltima “impossível provar” e a última “verdadeira”.

As primeiras semelhanças observadas nas checagens realizadas pelas duas agências são com relação aos nomes de tratamento que as duas conferem à Ciro Gomes. Ao longo dos textos, o político é mencionado como: “Ciro Gomes”, “candidato”, “pré-candidato” e “Gomes”. Percebe-se que, para não repetir o mesmo termo, as agências vão alternando a forma de tratamento ao longo dos textos. Assim como os jornais impressos, digitais e revistas, por exemplo, costumam fazer também. Segundo, as três checagens possuem título, uma foto do candidato no início do texto e as declarações que são seguidas pelas explicações. Terceiro, as duas colocam hiperlinks nos textos que direcionam para estudos, sites, que as agências usaram como referência para verificar os dados e informações. Os hiperlinks são importantes não só para comprovar a veracidade daquilo que a agência está apontando, como também dar a oportunidade para o leitor de refazer os passos do modo como foi feita a verificação.

Quarto, as duas fazem um parágrafo de abertura, citando quais declarações foram checadas, além do evento ou entrevista em que o candidato fez tais afirmações. Esse parágrafo inicial, como o lead jornalístico, serve para contextualizar e mostrar de onde partem as falas dos candidatos. Ademais, as agências colocam o hiperlink para que o leitor possa acessar, na íntegra, as declarações do candidato; uma vez que as agências selecionam algumas frases, apenas, de cada entrevista ou depoimento dos candidatos.

Quinta semelhança: as fontes que são escolhidas tanto pela Lupa quanto Truco geralmente são mais oficiais. Órgãos e secretarias públicas, pesquisas de diversos institutos como o IBGE, teses acadêmicas, artigos de pesquisadores, etc. E, quando é necessário, entram em contato com as assessorias de comunicação dos candidatos e entrevistam especialistas sobre o assunto que está sendo pesquisado. Porém, foi observado que o mais comum é a utilização de dados que já estão disponíveis em relatórios e sites na internet.

Pode-se afirmar que Lupa e Truco exercem um jornalismo de dados ao ter que garimpar índices, números de arquivos e pesquisas; como por exemplo nos assuntos de economia e segurança pública. Porém, foram identificadas algumas diferenças nesses procedimentos de checagem que serão abordadas mais adiante.

A sexta semelhança são as escolhas dos verbos dos enunciados. As agências dão preferência para verbos dicendi como por exemplo: “informa”, “explica”, “afirmou”, “confirma” e “declara”. A escolha por se posicionar dessa forma, quando Lupa e Truco expõem algum dado, informação ou até mesmo na entrevista de um algum especialista, revela uma maneira de tentar manter imparcialidade nos discursos; da mesma forma que os veículos tradicionais de comunicação geralmente buscam fazer nas reportagens e notícias.

Também é interessante observar a escolha das etiquetas. De maneira geral, os três textos de checagem sobre o Ciro giram em torno das temáticas sobre dívida pública, previdência e segurança pública. Tanto Lupa quanto Truco apontaram que algumas declarações são falsas e exageradas. Percebe-se que as duas chegaram a resultados semelhantes nas checagens.

Ao final das checagens, Lupa e Truco costumam deixar um espaço para avisar ao leitor sobre possíveis correções e atualizações. As duas agências têm essa política de transparência com o leitor de não apenas alterar alguma informação no texto, mas também contar o que foi alterado.

Em um mesmo texto também é possível encontrar declarações feitas em contextos diversos, como eventos e entrevistas distintos. Nesse caso, as agências geralmente usam como critério as temáticas, como por exemplo quando Ciro falou sobre orçamento público em uma entrevista e depois disse algo parecido em uma palestra. Quando isso acontece, as agências optam por reunir as declarações para checar.

Para finalizar, é possível afirmar que a Lupa, ao checar as falas de Ciro Gomes, o faz em conformidade com o que propõe sua metodologia: “um texto objetivo, repleto de links que ajudarão a reconstituir o caminho percorrido pelo checador e a entender suas conclusões.” Cumpre um papel educativo ao explicar o leitor os diversos temas que aparecem nas

declarações. Não tem como objetivo dar apenas uma resposta ao leitor sobre as declarações utilizando as etiquetas: “Falso, Contraditório, Verdadeiro, Ainda é cedo para dizer, Exagerado, Subestimado, Insustentável, Verdadeiro, mas e De olho”; mas também se propõe a explicar de onde surgem os dados que o Ciro utiliza e até mesmo aponta ao leitor se o candidato tem repetido as mesmas afirmações em outras entrevistas.

A análise das checagens mostrou que das três frases proferidas por Ciro sobre economia, uma é “verdadeira”, outra é “falsa” e a terceira é “exagerada”. Das duas declarações sobre segurança: uma é “falsa” e outra “Verdadeiro, mas”. E das três afirmações relacionadas com questões trabalhistas: duas foram classificadas como “Verdadeiro, mas” e outra “exagerada”.

O Truco, ao checar, também cumpre o que diz em sua metodologia: mostra ao leitor o caminho percorrido na análise dando oportunidade dele mesmo ter acesso aos mesmos dados que os repórteres. O texto também cumpre uma função didática de ir além de dar um resultado com os coringas: “Verdadeiro, Sem contexto, Contraditório, Discutível, Exagerado, Distorcido, Impossível provar e Falso.” O Projeto também contextualiza os assuntos provenientes das declarações, aprofunda a análise dos dados, mostra de onde surgem as afirmações que o candidato citou. Traz ainda muito mais fontes para comprovar o que está explicando, diferentemente da Lupa que traz uma quantidade menor.

O texto também é mais extenso e muitas vezes evidencia um silenciamento da voz do Ciro, que se dilui no texto jornalístico com grande volume de outras vozes que circulam no enunciado dilui no meio do texto jornalístico, com grande volume de outras vozes que circulam nos enunciados. A análise das checagens identificou que, das três afirmações de Ciro Gomes sobre assuntos relacionados à segurança pública e criminalidade: duas são “falsas” e uma “impossível provar”. Sobre economia, duas são “falsas”, uma “exagerada” e outra “verdadeira”. Houve uma única declaração sobre questão da industrialização no país, essa foi classificada como “discutível”. Gomes errou a mesma quantidade de declarações sobre segurança/criminalidade e economia. E só foi nesse último assunto, economia, que acertou uma declaração.

4.2 Lupa e Truco: Os sentidos produzidos sobre o candidato Jair Bolsonaro

Neste tópico, são apresentados os resultados da análise das semelhanças e diferenças discursivas identificadas nas checagens sobre o candidato Jair Bolsonaro realizadas pela Lupa e pelo Truco. Os textos analisados nesta etapa foram: “Bolsonaro erra ao dizer que general,

capitão e sargento ganham basicamente a mesma coisa” (Anexo D), “Bolsonaro derrapa ao falar sobre a morte de jornalista na ditadura” (Anexo C) em comparação com o texto do Projeto Truco: “Bolsonaro dispara dados falsos de economia, saúde e educação” (Anexo F). As checagens foram publicadas dias 28 de maio, 13 de julho e 18 de maio de 2018, respectivamente.

O Truco (Agência Pública) segue uma metodologia (rever página 46) que visa trabalhar de forma mais transparente possível, segundo informação no seu site. O texto que foi comparado com outros da Lupa tem como título: “Bolsonaro dispara dados falsos de economia, saúde e educação”³⁴, foi publicado no dia 18 de maio de 2018 e produzido pelos repórteres Ethel Rudnitzki, Felipe Sakamoto, Maurício Moraes e Patrícia Figueiredo. As declarações foram feitas na entrevista à rádio Super Notícia, no dia 11 de maio de 2018.

Antes de começar propriamente o texto da checagem, os repórteres ressaltam que a entrevista à rádio Super Notícia ganhou repercussão por conta do que Bolsonaro disse em relação ao relatório da *Central Intelligence Agency* (CIA), que foi divulgado pelo pesquisador Matias Spektor. O relatório mostra que o presidente Geisel autorizou o assassinato de opositores do regime militar. Sobre essa denúncia, Bolsonaro comentou: “Quem nunca deu um tapa no bumbum do filho e, depois, se arrependeu?”, argumentando que o relatório foi divulgado com pretexto de prejudicar sua candidatura.

Os repórteres afirmam que a assessoria do Bolsonaro foi procurada, mas não se pronunciou quando pediram as fontes das informações utilizadas e também quando recebeu o resultado da checagem.

O tema da primeira frase checada foi sobre o índice de violência depois que refugiados venezuelanos chegaram a Roraima. A frase recebeu o “coringa falso” porque o presidentiável disse que a “violência multiplicou-se por quatro”. Para chegar à conclusão os repórteres consultaram o Fórum Brasileiro de Segurança Pública, destrincharam as informações e demonstraram, a partir dos números, que o índice de violência não se multiplicou por quatro.

A segunda frase checada foi sobre a relação da falta de saúde bucal com partos prematuros. Bolsonaro afirmou que a doença “é responsável por 30%” dos bebês que nascem antes da 37ª semana. A frase foi classificada como “falsa” e os repórteres ressaltam que não é a primeira vez que o candidato diz isso e colocam o link de uma outra entrevista para exemplificar.

³⁴ RUDNITZKI, Ethel; SAKAMOTO, Felipe; MORAES, Maurício; FIGUEIREDO, Patrícia. **Pública**, São Paulo. 18 mai. 2018, Truco. Disponível em: < <https://apublica.org/2018/05/truco-bolsonaro-dispara-dados-falsos-sobre-economia-saude-e-educacao/> > Acesso em: 10 nov. 2018

Para chegar à esta conclusão, os checadores investigaram os dados no Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde (DataSUS), o guia de recomendações pré-natais e neonatais da Organização Mundial da Saúde e os Estudos Multicêntricos de Investigação de Prematuridade (EMIP), desenvolvidos por pesquisadores da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Os repórteres colocam também uma tabela desse estudo que mostra quais são os principais fatores de risco que levam à prematuridade. Ainda consultam uma cirurgia dentista sobre o assunto.

A terceira declaração foi sobre o índice de educação do Brasil de acordo a prova do Programa Internacional de Avaliação de Alunos (Pisa). Bolsonaro disse que o país tinha ficado nos últimos lugares, em comparação com outros países, na penúltima prova. A frase foi classificada como “falsa”. Os repórteres discorrem sobre o assunto, primeiramente situando o leitor sobre o que é o Pisa, o que a prova avalia e como acontece. E a partir do relatório da Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), que realiza o Pisa, os repórteres trazem dados comparativos com o nível dos outros países. Além disso, trazem diversos relatórios da OCDE, para mostrar a real situação da educação do Brasil.

A quarta frase proferida por Bolsonaro é sobre a arrecadação e dívida pública. Bolsonaro falou que “praticamente metade do que se arrecada é para juros e rolagem de dívida”. A frase foi considerada “falsa”. Os repórteres começam o texto explicando qual foi o gasto com Dívida Pública de acordo com o Plano Anual de Financiamento do Tesouro Nacional de 2017 e explicam ao leitor como os recursos são destinados para o pagamento da dívida. Eles mostram também a diferença entre Dívida Pública interna e externa, para tanto, utilizam o Relatório de Gestão Fiscal da União do 3º bimestre de 2017 do Tesouro Nacional e mostram os dados do déficit. Os checadores também entrevistaram um economista da Faculdade Armando Álvares Penteado (Faap) e utilizaram informações do relatório do Tesouro “Como o governo paga a Dívida Pública” para informar ao leitor que para o governo pagar a dívida, geralmente costuma fazer novas dívidas através da emissão de títulos públicos. O texto também expõe outras maneiras que o governo faz para pagar a dívida. De forma didática, os repórteres vão construindo discursivamente a explicação, tentando deixar um assunto denso mais compreensível. Ao fim, a agência ainda cita *links* para vídeos educativos que explicam mais como funciona o pagamento da Dívida Pública e também matérias jornalísticas de outros veículos, caso o leitor queira se aprofundar no assunto.

A quinta frase considerada “exagerada” e foi novamente sobre a questão dos refugiados em Roraima. Bolsonaro diz que “a média são 350 por dia que entram”. Para checar tal afirmação os repórteres consultaram uma notícia, da Câmara dos Deputados, sobre o

assunto, também obtiveram informações da assessoria de imprensa do Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR), Ministério da Justiça e utilizaram o relatório “Refúgio em Números” de 2018. Através dos dados, chegaram à conclusão que o número apresentado pelo candidato é “exagerado”.

Na sexta frase que foi checada, Bolsonaro afirma que Roraima apesar de ser “um estado riquíssimo em minerais, biodiversidade e terras agricultáveis, nada produz, dada a questão indigenista e ambiental”. A frase ganhou o “coringa falso”. O Truco começou o texto apontando que o presidencialista costuma fazer críticas em relação “às exigências de licenciamento ambiental feitas pelo Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama)”. Para checar a sexta frase, os jornalistas consultaram informações da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), o relatório Acompanhamento da Safra Brasileira – Grãos e o Anuário Mineral Brasileiro 2018.

A sétima frase foi sobre economia. Bolsonaro falou sobre o comprometimento do Orçamento com despesas obrigatórias. E foi considerada “verdadeira”. O Truco utilizou a tabela do Relatório Fiscal do Tesouro Nacional 2017 e expôs os números, explicando o que são as classificações das despesas e o grau de rigidez para os leitores. De forma didática, mais uma vez, os repórteres construíram a linha de raciocínio.

A última frase checada é sobre a geração de energia no estado de Roraima. Bolsonaro ganhou o “coringa falso” pela afirmação. Os repórteres começam explicando de que forma o Estado é abastecido. Eles consultam informações da Eletronorte, da Companhia Energética de Roraima (CERR), matéria jornalística do portal G1, o relatório final do Balanço Energético de 2017, portal do Senado Federal e o site do Ministério do Planejamento - Programa de Aceleração do Crescimento (PAC). Com todos os dados e informações dessas fontes, os repórteres explicam a situação energética do estado.

O texto da Lupa comparado com o do Truco foi: “Bolsonaro derrapa ao falar sobre morte de jornalista na ditadura militar”³⁵, checado por Chico Marés e Nathalia Afonso, publicado dia 13 de julho de 2018. As declarações de Bolsonaro aconteceram no programa da Mariana Godoy Entrevista, da RedeTV! no dia 06 de julho de 2018. Também checaram uma frase dita em entrevista ao Programa Cidade 190, que aconteceu no dia 29 de junho de 2018. Como mencionado anteriormente, a Lupa costuma utilizar como um dos critérios de seleção

³⁵ MARÉS, Chico; AFONSO, Nathália. Bolsonaro derrapa ao falar sobre a morte de jornalista na ditadura militar. **Lupa**. Rio de Janeiro, 13 jul. 2018. Disponível em: < <https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2018/07/13/bolsonaro-jornalista-ditadura/> > Acesso em: 10 nov. 2018

das frases para checar: “quem fala”, “o que fala” e “que barulho faz”. As temáticas também giraram entorno de economia, segurança pública e educação.

Os jornalistas começam checando, justamente, a frase em que Bolsonaro diz: “Ninguém tem prova de nada [sobre a morte de Vladimir Herzog]”. A frase ganhou a etiqueta “falsa”. Os repórteres utilizaram o documento da Perícia da Comissão da Verdade que aponta para a fraude do laudo apresentado, concluindo, portanto, que forjaram o suicídio. Os checadores descrevem o que diz a Perícia e também utilizam informações da Corte Interamericana de Direitos Humanos. Ainda afirmam que Bolsonaro não retornou o contato quando procurado pela equipe.

A segunda frase de Bolsonaro diz: “Lá [nos Estados Unidos], o número de mortes por 100 mil habitantes é na ordem de cinco vezes menos do que aqui”. A afirmação foi considerada “verdadeiro, mas” que significa: “(a informação está correta, mas o leitor merece um detalhamento)”. Primeiro, os checadores utilizam os dados do Atlas da Violência de 2018, depois contextualizam em que momento da entrevista a declaração foi feita, e que o candidato atribui a diminuição por conta do estatuto do desarmamento. Mas, através dos dados obtidos pelo Atlas, fica comprovado que até mesmo em países que há mais restrições em relação ao uso de armas, os índices foram mais baixos.

A última frase checada de Bolsonaro foi dita na entrevista ao Programa Cidade 190: “O Ceará é um dos estados mais violentos do Brasil, mais até do que o Rio de Janeiro”. A frase ganhou a etiqueta “verdadeiro”. Os repórteres consultaram, mais uma vez, o Atlas da Violência 2018 e com os dados obtidos puderam fazer comparações entre os estados brasileiros e chegar ao resultado. Por fim, as checagens das três frases do texto apontaram: uma “falsa”, outra “verdadeiro, mas” e a última “verdadeira”

O outro texto da Lupa sobre as checagens dos discursos de Jair Bolsonaro que fazem parte do *corpus* desta pesquisa tem como título: “Bolsonaro erra ao dizer que general, capitão e sargento ganham basicamente a mesma coisa”³⁶, foi publicado dia 28 de maio de 2018 após checagem realizada por Clara Becker e Nathália Afonso. As frases foram retiradas da sabatina feita pela Rádio Jovem Pan News dia 22 de maio de 2018, e da entrevista ao Café na Política que aconteceu no dia 12 de maio de 2018.

A primeira declaração de Bolsonaro foi sobre os salários dos militares, que ganhou o selo de “falso”. Para verificar, os repórteres utilizaram os dados do Ministério da Defesa que

³⁶ BECKER, Clara; AFONSO, Nathália. Bolsonaro erra ao dizer que general, capitão e sargento “ganham basicamente a mesma coisa”. **Lupa**. Rio de Janeiro, 18 mai 2018. Disponível em: < <https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2018/05/28/bolsonaro-salario-militares/> > Acesso em: 10 nov. 2018

consta quanto General, Sargento e Capitão ganham. Os checadores colocaram uma tabela que mostra o salários do Exército Brasileiro. Bolsonaro ainda foi procurado pela Lupa, depois da checagem, e não comentou o resultado.

Bolsonaro também disse que Ciro “continua falando que quer indulto para o Lula”. A frase foi considerada “falsa”. Para chegar a esse resultado, os repórteres começaram explicando de onde surgiu a ideia do indulto. Um texto da jornalista Mônica Bergamo para a Folha de São Paulo mostra que o Partido dos Trabalhadores “proporia a candidatos de centro- esquerda que apoiassem a medida”. Os checadores foram investigar as declarações de Ciro Gomes sobre o assunto em outras entrevistas e descobriram que Gomes, na realidade, havia criticado a estratégia do PT. Por isso, a frase foi considerada falsa. A pesquisa da Lupa, então, mostrou aos leitores de onde partiu o assunto da possível proposta do pedido de indulto e analisou as entrevistas de Ciro.

A terceira frase, Bolsonaro falou a respeito do índice de rejeição dos pré-candidatos nas pesquisas eleitorais. O dado utilizado na declaração ganhou o selo de “exagerado”. Os repórteres consultaram a pesquisa do Datafolha do mês de abril (2018) e detalharam as porcentagens de rejeição dos principais candidatos à presidência.

A próxima frase checada foi sobre o crescimento econômico do Paraguai. O dado utilizado pelo candidato ganhou o selo de “exagerado”. Os repórteres consultaram as informações do Fundo Monetário Internacional, que mostra o índice de crescimento do Paraguai. Além disso, os checadores explicaram o contexto que tal frase foi dita por Bolsonaro na entrevista. Foi em um momento que o candidato estava falando de acordos bilaterais.

A penúltima frase foi sobre tempo de propaganda na TV, em que Jair Bolsonaro afirmou que “Sozinho, eu tenho a metade do tempo de [propaganda de TV] do Enéas [em 1989]”. Essa fala levou o selo “ainda é cedo para dizer”. Os repórteres explicaram aos leitores que a Lei 9504/97 determina as regras do tempo de televisão e, pela época, ainda não era possível chegar a um resultado de quanto tempo o candidato do PSL teria de propaganda.

A última frase Bolsonaro trata da audiência de custódia: “você sabe que o policial prende o marginal em flagrante e, em menos de 24 horas, metade deles são postos em liberdade”. Pelas análises, os repórteres consideraram como “verdadeira” a declaração. Os checadores consultaram os dados do Conselho Nacional de Justiça que mostram os números de presos em flagrante que são levados a audiência de custódia em alguns estados brasileiros. Por fim, a análise mostrou que das seis frases checadas duas são “exageradas”, duas são “falsas”, uma “verdadeira” e outra ganhou o selo “ainda é cedo para dizer”.

A primeira semelhança observada nas matérias analisadas sobre o candidato Jair Bolsonaro na Agência Lupa e no Projeto Truco é a forma discursiva de referenciar o candidato. Nos textos são encontradas mais a predominância “Bolsonaro” e “pré-candidato”. As três checagens também possuem título, foto do candidato e a matéria acompanhado dos selos (rever página 46). Terceira semelhança, as duas agências também disponibilizam todos os links no meio do texto, para que o leitor possa percorrer o mesmo caminho dos repórteres.

Para a checagem das falas de Bolsonaro, tanto a Lupa quanto o Truco fazem um parágrafo de abertura, contextualizando o evento, palestra ou entrevista que foram dadas, faz um breve resumo dos temas contando o que mais errou e acertou. Nesse caso, como explicado anteriormente, os temas giram prioritariamente em torno de economia, segurança pública e questões trabalhistas, mas também são presentes assuntos de saúde e educação. São disponibilizados para o leitor, embaixo de cada declaração, os links de acesso para assistir a entrevista ou evento na íntegra.

Da mesma forma que foram feitas as checagens de Ciro Gomes, as agências exercem um papel didático, explicam ao leitor de onde surgiu tal dado que o candidato citou, investigam em arquivos, teses acadêmicas e pesquisas, além de privilegiarem consultar fontes oficiais, órgãos e secretarias públicas. A análise dos textos possibilita observar que quando é necessário, as agências entrevistam especialistas.

Outra semelhança é a escolha dos verbos nos enunciados. Na análise, foi possível constatar que há a preferência por verbos dicendi, como por exemplo: “afirmou”, “informa”, “confirma” e “declara”. A escolha por se posicionar dessa forma quando Lupa e Truco expõem algum dado, informação ou até mesmo na entrevista de um algum especialista revela uma maneira de tentar manter a imparcialidade nos discursos. Do mesmo modo que os veículos tradicionais de comunicação geralmente buscam fazer, também nas reportagens e notícias.

Ao final dos textos, as agências costumam também deixar um espaço para avisar ao leitor sobre as possíveis alterações e correções. O que reforça o compromisso de transparência, que é um princípio do ofício do Jornalista.

Pode-se concluir a partir das análises realizadas que o Truco, ao checar, também cumpre o que diz em sua metodologia. Mostra ao leitor o caminho percorrido na análise dando oportunidade dele mesmo ter acesso aos mesmos dados que os repórteres. O texto também cumpre uma função didática de ir além de dar um resultado com os coringas: “Verdadeiro, Sem contexto, Contraditório, Discutível, Exagerado, Distorcido, Impossível provar e Falso.” E também o Truco contextualiza os assuntos provenientes das declarações,

aprofunda a análise dos dados, mostra de onde surge as afirmações que o candidato disse. Traz muito mais fontes para comprovar o que está explicando. Diferentemente da Lupa que traz uma quantidade menor.

O texto é mais extenso se comparado aos da Lupa e muitas vezes evidencia um silenciamento voz do Bolsonaro, que se dilui no texto jornalístico com grande volume de outras vozes que circulam no enunciado. A análise das checagens mostraram que, das duas declarações do candidato sobre economia, uma é “verdadeira” e outra é “falsa”. Uma única declaração de saúde e educação ambas foram classificadas como “falsas”. Bolsonaro também fez duas declarações sobre a situação dos refugiados venezuelanos em Roraima uma frase foi considerada “falsa” e outra é “exagerada”. Ele também disse sobre a geração de energia elétrica no estado de Roraima e foi classificado como “falso” e a declaração sobre produção agrícola do mesmo estado foi considerada como “falsa”.

Isso mostra que Bolsonaro teve quase todas afirmações consideradas como “falsas”, exceto por duas declarações (“verdadeira” e “exagerada”). Em comparação com a checagem também feita pela Pública, sobre o Ciro, o presidenciável teve melhor desempenho de modo geral. Das oito frases, metade foram classificadas como “falsas”.

A Lupa, ao checar Jair Bolsonaro, cumpre exatamente o que diz em sua metodologia: um texto “objetivo, repleto de links que ajudarão a reconstituir o caminho percorrido pelo checador e a entender suas conclusões.” Cumpre um papel educativo ao explicar o leitor os diversos temas que aparecem por conta das declarações. Não tem apenas o objetivo de dar uma resposta ao leitor sobre as declarações utilizando as etiquetas: “Falso, Contraditório, Verdadeiro, Ainda é cedo para dizer, Exagerado, Subestimado, Insustentável, Verdadeiro, mas e De olho”; mas se propõe a explicar as temáticas advindas das declarações, de onde surgem os dados que Bolsonaro utiliza e até mesmo aponta ao leitor se o candidato tem repetido as mesmas afirmações em outras entrevistas.

A análise das checagens mostrou que, das três frases sobre segurança e criminalidade, duas eram “verdadeiras” e outra foi classificada como “verdadeiro, mas”. E uma única frase sobre economia ganhou a etiqueta “exagerado”. Bolsonaro ainda falou sobre os salários dos militares e a frase foi classificada como “falso”. Sobre o indulto para Lula também foi considerado “falso”. O candidato também falou sobre as pesquisas eleitorais e ganhou a etiqueta “exagerado” pela afirmação. A última frase sobre tempo de televisão para propaganda eleitoral foi classificada como “ainda é cedo para dizer”.

Em relação ao assunto economia, na checagem da Lupa, Bolsonaro teve melhor desempenho do que Ciro Gomes. Ao mesmo tempo, chama atenção a afirmação sobre a morte

de Vladimir Herzog considerada “falsa” pelo fato do candidato alegar que “ninguém tem prova de nada” e declaração sobre o salário dos militares considerada “falsa” porque disse que general, capitão e sargento ganham “basicamente a mesma coisa” e tecnicamente o candidato deveria conhecer mais o assunto já que foi um militar e sempre se apresenta como um Capitão da reserva.

Não há muitas diferenças de como a Lupa e o Truco checam o candidato Ciro Gomes em relação ao Jair Bolsonaro, apenas aquelas que já foram apontadas em relação ao processo para checar, as metodologias. Ao longo do texto, na escolha de palavras (verbos e nome de tratamento para se referir aos presidenciáveis), na inserção de *links* e a verificação com mais de uma fonte, Lupa e Truco tentam manter um discurso imparcial e de neutralidade. Diferentemente da construção dos títulos, fotos e linhas finas que serão abordadas mais à frente.

4.3 Lupa: Bolsonaro e Ciro no Roda Viva

O programa Roda Viva, da TV Cultura, ao longo de toda pré-campanha, em 2018, convidou os presidenciáveis para entrevista. A Lupa, por sua vez, procedeu as checagens de praticamente todos os pré-candidatos, como pode ser observado na tabela do Apêndice B. Foram selecionadas duas matérias da agência: a checagem de frases ditas por Jair Bolsonaro durante sua entrevista ao programa e, da mesma forma, a checagem de frases de Ciro Gomes, também no Roda Viva.

O primeiro texto a ser analisado é a checagem feita sobre as declarações do Bolsonaro, publicada no dia 31 de julho de 2018. O título é “Bolsonaro no Roda Viva: erros e acertos do candidato do PSL à Presidência”³⁷ (Anexo G), checado por: Chico Marés, Clara Becker, Leandro Resende e Nathália Afonso. O candidato participou do programa no dia 30 de julho e, das 19 frases verificadas, sete receberam o selo de “falsas”, cinco “verdadeiras”, duas “verdadeiro, mas”, duas “exageradas”, uma “contraditória”, uma “insustentável” e outra “de olho”.

Das 19 frases que a Lupa checou, oito são verificações de discursos do candidato tentando se defender ou falando que fez algo:

³⁷ MARÉS, Chico; BECKER, Clara; RESENDE, Leandro; AFONSO, Nathália. Bolsonaro no Roda Viva: erros e acertos do candidato do PSL à Presidência. **Lupa**, São Paulo, 31 jul. 2018. Disponível em: <<https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2018/07/31/bolsonaro-roda-viva/>> Acesso em: 10 nov. 2018

“O Joaquim Barbosa disse ali [durante o julgamento do Mensalão] que eu fui o único deputado da base aliada que não foi comprado pelo PT” (recebeu a etiqueta de “exagerado”).

“Não defendi em redes sociais [os policiais do Espírito Santo que fizeram paralisação em 2017]” (etiqueta “falso”)

“Nunca falei em metralhar a Rocinha” (“de olho - etiqueta em monitoramento”)

“Eu não gastei R\$ 200 mil [do valor a que tinha direito do Cotão].” (etiqueta “verdadeiro”)

“Eu nunca ataquei banqueiro.” (etiqueta “falso”)

“Eu nunca disse que queria ser vice do Aécio.” (etiqueta “falso”)

“Tenho 500 projetos apresentados [na Câmara dos Deputados].” (etiqueta “exagerado”)

“Nós [a candidatura Bolsonaro] abominamos a tortura.” (etiqueta “contraditório”)

Para analisar tais frases, os repórteres consultaram várias entrevistas do candidato, realizadas em momentos anteriores, outras matérias jornalísticas que já investigaram os temas relacionados a essas frases e dados da Câmara dos Deputados. Interessante destacar a quantidade de frases em que Bolsonaro busca se retratar e construir uma imagem de político experiente, talvez pelo fato do candidato não ser tão conhecido nacionalmente. Ele foi Vereador e Deputado Federal pelo estado do Rio de Janeiro, por 27 anos, conforme citado anteriormente, e começou a ganhar notoriedade por causa de suas declarações polêmicas.

Nas outras 11 declarações Bolsonaro disse:

“A expectativa de vida do policial militar do Rio de Janeiro está muito abaixo de 60 anos de idade” - (etiqueta “insustentável - não há dados públicos que comprovem a informação”)

“Alguns anos atrás, a Inglaterra baixou sua carga tributária de 28% para 21%” - (etiqueta “falso”)

“O pessoal do Rio de Janeiro tem direito a gastar até R\$ 400 mil [de Cotão]” - (etiqueta “verdadeiro”)

“A expectativa de vida do Piauí é de 69 anos de idade” - (etiqueta “verdadeiro, mas”)

“Os transportadores arcam com prejuízo de R\$ 1,5 bilhão por ano, fruto do roubo de cargas no Brasil” - (etiqueta “verdadeiro”)

“Como lá na primeira UPP, a do [Complexo do] Alemão (...)” - (etiqueta “falso”)

“De acordo com a nossa Constituição, ninguém poderá ser considerado culpado sem uma sentença transitada e julgada. Isso não aconteceu no caso do Coronel Carlos Alberto Brilhante Ustra” - (etiqueta “falso”)

“O [então deputado federal] Ulysses Guimarães votou, no dia 11 de abril de 1964, em Castelo Branco para presidente” - (etiqueta “verdadeiro”)

“Há poucos anos, foi votado, por iniciativa do PSOL, um Projeto de Decreto Legislativo para anular a sessão de 2 de abril de 1964” - (etiqueta “verdadeiro, mas”)

“O português nem pisava na África [quando houve escravidão]” - (etiqueta “falso”)

“[Pelo projeto do voto impresso aprovado no Congresso, o eleitor] Não sairia com o papel [comprovante de voto], não” - (etiqueta “verdadeiro”).

Todas as 19 frases checadas os repórteres começaram com uma contextualização sucinta e objetiva sobre cada temática e questões históricas que foram desencadeadas pelas declarações. Foi possível observar que verbos dicendi são presentes nos enunciados, remetendo o que é afirmado à outras fontes, sejam elas pessoais ou documentais. Verificou-se que a Lupa utilizou as seguintes fontes nas checagens: matérias jornalísticas, Diário Oficial da União, site do Governo do Rio de Janeiro, da Câmara dos Deputados, do Senado, Supremo Tribunal Federal, Brasil Escola, IBGE, Fórum Brasileiro de Segurança Pública, Anuário Brasileiro de Segurança Pública (2017) e informações da assessoria de imprensa da Polícia Militar do Rio de Janeiro. A equipe da Lupa informa ao final do texto que entrou em contato com Bolsonaro, mas que não obteve resposta.

A checagem das afirmações feitas por Ciro Gomes em sua entrevista no Roda Viva tem como título: “Ciro diz que número de presas aumentou 500%. Será?”³⁸ (Anexo H), foi publicado no dia 30 de maio de 2018 e checado por Chico Marés e Clara Becker. O candidato participou do programa no dia 28 de maio. Das sete frases verificadas, cinco receberam a etiqueta “exagerado”, uma “falsa” e outra “verdadeiro, mas”.

Ciro Gomes diz:

“[A Transnordestina] tinha 5 mil pessoas trabalhando [antes de Temer assumir a Presidência]” - (etiqueta “exagerado”)

“Foi o Temer assumir [a Presidência] que [a Transnordestina] parou” - (etiqueta “exagerado”)

“Subiu mais de 500%, nos últimos três anos, a quantidade de mulheres apenadas no sistema prisional brasileiro” - (etiqueta “exagerado”)

“[Um país como o nosso tem] 760 mil pessoas aprisionadas” - (etiqueta “exagerado”)

³⁸ MARÉS, Chico; BECKER, Clara. Ciro diz que número de presas aumentou 500% em três anos. Será? **Lupa**, Rio de Janeiro, 30 mai. 2018. Disponível em: < <https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2018/05/30/roda-viva-ciro-gomes/> > Acesso em: 10 nov. 2018

“A política [de drogas] do Uruguai tem mais ou menos a mesma data [que a de Portugal]” – (etiqueta “falso”)

“No Ceará, replicando essas práticas [do município Sobral], nós já temos 77 das 100 melhores escolas fundamentais do país” - (etiqueta “verdadeiro, mas”)

“Um de cada quatro alunos [do Ensino Médio] do Ceará estão nesse tipo de escola [profissionalizantes e de tempo integral]” - (etiqueta “exagerado”)

Os repórteres também contextualizaram os assuntos de forma sucinta e objetiva para o leitor. As fontes utilizadas nas checagens, quase sempre precedidas ou sucedidas por verbos dicendi para deixar evidente quem é a voz discursiva, foram: o Relatório do Tribunal de Contas da União, o Levantamento Nacional de Estatísticas Prisionais (Infopen), Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb) de 2015, site do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), Censo Escolar de 2017, site do Serviço de Intervenção nos Comportamentos Aditivos e nas Dependências de Portugal e do Parlamento do Uruguai. Ciro foi procurado pela equipe da Lupa e não retornou.

Ambas as checagens dos candidatos foram construídas de forma equilibrada, os verbos se mantiveram os mesmos das outras verificações da Lupa, tais como: “informa”, “explica”, “afirmou”, “confirma” e “declara”. Textos objetivos com links para os leitores acompanharem os passos da checagem, de maneira didática e contextualizada.

Interessante observar a escolha da Lupa em selecionar 19 declarações e, dessas, oito serem sobre Bolsonaro tentando se defender ou dizendo que fez algo durante sua vida política. Essa estratégia discursiva evidencia o posicionamento do candidato do PSL na entrevista ao Roda Viva e também diz sobre a Lupa. É possível afirmar que a escolha da agência em checar muitas declarações sobre essas duas posturas do candidato deve-se, justamente, porque muitas vezes são frases polêmicas que Jair repete em outras entrevistas e, por isso, aumenta o interesse da agência em esclarecer para o público. Isso evidencia mais uma vez o caráter que o Jornalismo exerce de informar e pautar assuntos de interesse público.

Sobre a checagem das declarações do Ciro, chama atenção a quantidade de etiquetas com o resultado de “exagerado”. Das sete verificações, cinco receberam esse selo. Ou seja, pode-se depreender que a Lupa associa à Ciro Gomes um sentido de exagero, como alguém que tem conhecimento do que fala, talvez pelos anos de experiência, mas que, numa estratégia discursiva deliberada, ou não, costuma exagerar, ou seja, “a informação está no caminho correto, mas houve exagero”. Por conta disso, a Lupa precisou, em boa parte das declarações, ponderar o que o candidato disse e mostrar os dados e informações corretas.

4.4 Títulos e imagens: espaços privilegiados de construção de sentidos

Para concluir a análise da produção de sentidos operada pelas agências de checagem Lupa e Truco sobre os presidenciáveis, realizamos uma observação mais detalhada da composição formada pelos títulos, subtítulos e fotografias, considerando que essas matérias significantes são elementos privilegiados na construção do discurso jornalístico.

Conforme Diniz (2017), por mais que as agências busquem tratar de forma imparcial os checados, “todo discurso, inclusive o jornalístico, é atravessado por convicções pessoais e coletivas e, portanto, deve ser observado de maneira crítica, ainda que alegue a utópica neutralidade” (DINIZ, 2017, p. 35). Pelas análises, ficou evidente que a construção de sentidos dos candidatos aparece muito mais nas matérias significantes: título, linha fina e foto, do que ao longo do texto como mostrado anteriormente.

Figura 2 – “Em sabatina, Ciro Gomes erra ao falar de segurança no RJ após intervenção”



Fonte: Print da Página Agência Lupa (2018)

Sobre o título, o que se pode depreender é que apesar de ter tido outras frases que foram classificadas como “Exagerado” e “Verdadeiro, mas” a Lupa escolheu privilegiar um assunto na chamada. A Intervenção federal no Rio de Janeiro, que iniciou em fevereiro de 2018, foi amplamente abordada nos veículos de comunicação ao longo desse ano. E, a

segurança pública é um assunto de grande interesse para os brasileiros. Isso mostra que pode ter sido uma estratégia de publicidade para atrair os leitores. Ao mesmo tempo, a Lupa já revela no título o despreparo por conta da falta de informações de Ciro, sobre a situação da Intervenção no RJ. Um assunto que o Presidenciável deveria saber, já que o tema segurança pública é uma das pautas principais nessa campanha eleitoral. A foto também se conecta com o título, mostra o candidato em algum momento da sabatina, e aparentemente sua expressão revela insegurança e desconfiança.

Figura 3- “Ciro: R\$ 1,2 trilhão da dívida pública vence em até quatro dias. Será?”



Fonte: *Print* da Página Agência Lupa (2018)

A Lupa escolheu uma das falas do Ciro para colocar no título. O assunto da checagem é a economia, e a agência resolveu dar destaque sobre a questão do vencimento para pagar a dívida. A Lupa utiliza-se de uma estratégia discursiva, a dúvida, mesmo que os repórteres já saibam a resposta. Ela faz isso para instigar o leitor a seguir com a leitura. Também, dá ao Ciro o benefício da dúvida ao não colocar a resposta da análise no enunciado. A Agência, então, vai se posicionando em relação a Ciro de uma forma menos rígida. A foto que ilustra a checagem não se refere a entrevista do Roda Viva ou do Canal Sol de Outubro. Indica um evento da Força Sindical que o candidato participou. A expressão do Ciro parece mostrar um candidato atento e mais confiante.

Figura 4- “Ciro diz que números de presas aumentou 500% em três anos. Será?”



Fonte: *Print* da Página Agência Lupa (2018)

O título é uma citação indireta de Ciro sobre a questão do encarceramento feminino no Brasil. Interessante observar que a Lupa faz uma pergunta em cima dessa citação. A agência não diz a resposta e instiga os leitores a descobrirem se de fato aconteceu o que o candidato disse. Ao utilizar esse recurso, a Lupa também dá o benefício da dúvida ao candidato. Isto é, não traz uma resposta concreta no enunciado. Se os leitores olharem apenas para o título não saberão se o candidato sabe desse assunto, se acertou, errou ou se enquadra nas outras categorias de etiquetas.

A escolha de colocar em dúvida uma afirmação pode ser benéfico num momento eleitoral. Pois, como escrito, o leitor precisa ler toda a checagem para descobrir. E, já que há muitas possibilidades conforme as múltiplas etiquetas, é criada uma certa neutralidade sobre Ciro em relação ao seu conhecimento sobre o assunto. A foto, pela identificação do cenário, foi tirada em algum momento da entrevista no Roda Viva. E se relaciona, perfeitamente, com a pergunta do título porque a expressão do candidato é de dúvida, parece sentir-se questionado ou questionando alguém. E aparenta que Ciro está dizendo “Será?” ou é a agência que está perguntando ao Ciro “Será?”.

Figura 5- “Bolsonaro no Roda Viva: erros e acertos do candidato do PSL à Presidência”



Fonte: Print da Página Agência Lupa (2018)

No título a Agência buscou manter um equilíbrio e ao ler a análise fica constatado que realmente o candidato errou mais dados que acertou. São sete etiquetas “falsas” e cinco “verdadeiras”. A foto é do momento da entrevista no Roda Viva e mostra o presidenciável sério e atento. Diferentemente do título que foi feito sobre o Ciro na checagem do Roda Viva em que a Lupa dá o benefício da dúvida ao candidato do PDT. Já, nessa checagem, a agência mostra os resultados no próprio enunciado.

Figura 6- “Bolsonaro erra ao dizer que general, capitão e sargento ganham basicamente a mesma coisa”



Fonte: Print da Página Agência Lupa (2018)

Ao privilegiar o assunto sobre o salário dos militares no título em detrimento de outras cinco frases checadas, a Lupa evidencia que o Presidenciável, também Capitão reformado do Exército, não sabe sobre um assunto que teoricamente deveria saber por conta de toda a sua trajetória militar. A foto mostra o candidato no momento da entrevista à Jovem Pan e parece que a foto foi tirada no momento que estava falando.

Figura 7- “Bolsonaro derrapa ao falar sobre morte de jornalista na ditadura militar”



Fonte: Print da Página Agência Lupa (2018)

O título chama atenção por causa da escolha do verbo “derrapa”. Conforme o significado do dicionário Mini Aurélio o termo pode se referir “a escorregar de lado (veículo de rodas), perdendo a direção”. Ao invés dos repórteres escreverem que simplesmente errou ao dizer da morte do jornalista na ditadura eles preferiram o termo derrapa. E, consequentemente, deram destaque para o tema em detrimento de outras afirmações que Bolsonaro fez, em razão da relevância que o assunto tem, e marca um período (1964-1985) na história do Brasil de ditadura, censura, e assassinatos. Teoricamente o candidato que almeja à Presidência da República deveria saber sobre o assunto.

Alguém que “derrapa” ou “escorrega” geralmente fica exposto a situação vexatória e de constrangimento. Pode-se concluir que a produção de sentidos produzido pela Lupa sobre o candidato é de um presidenciável que passou por vexame ao errar sobre um assunto de

História do Brasil. A foto que ilustra a checagem é do presidencialável no programa da Mariana Godoy Entrevista. A expressão mostra seriedade no sentido de alguém que está atento e também espantado.

Então, conclui-se que os sentidos produzidos pela Lupa nas três checagens sobre o Ciro revela um presidencialável que errou sobre um tema de segurança pública importante no atual contexto, porém a Agência é bem menos rígida e enfática ao dizer sobre as declarações dele. Nas outras duas checagens a Lupa trabalhou com perguntas no título concedendo o benefício da dúvida ao presidencialável.

Já a produção de sentidos sobre o Bolsonaro revela um presidencialável que erra sobre um assunto que está diretamente ligado a ele mesmo (o salário dos militares), teve erros e acertos no programa do Roda Viva e, é vexatório errar sobre a morte de jornalista na ditadura. Ou seja, a Lupa é bem mais rígida e enfática com o Bolsonaro sobre suas as declarações.

Figura 8- “Ao falar do Brasil, Ciro Gomes usa dados falsos e exagerados”



Fonte: Print da Página Agência Pública/Projeto Truco

O título apresenta que Ciro utilizou dados falsos e exagerados. E, de fato, há mais etiquetas falsas. Há apenas uma frase classificada como verdadeira. Então, a Pública escolhe construir um título com os resultados que apareceram mais na checagem. Já indicando ao leitor como foi o desempenho do candidato. E na linha fina, os repórteres, exemplificam quais foram esses dados “erros”: educação, segurança e dívida pública e também explicam ao leitor em que contexto as declarações foram ditas: “fóruns e entrevistas na Europa”.

Fica evidente que a Pública buscou, nesse caso, construir o título de uma forma equilibrada, construindo um título que aponta para a maior quantidade de etiquetas da mesma categoria. A foto utilizada chama atenção porque a captação do ângulo é o plano contrapicado. E de acordo com Sousa (2002) esse plano na fotografia, que é tirada de baixo para cima, faz com o que a pessoa fotografada seja valorizada. E, realmente, ao olhar para a imagem do Ciro dá a impressão ao leitor de que ele é uma grande liderança e isso gera a sensação de que o presidenciável parece ser seguro em relação ao que está falando. Porém, o modo como a foto do presidenciável é construída reforçam o sentido da linha fina e do título.

A Pública constrói, assim, o sentido de um candidato que na fotografia passa a imagem de grandeza e de imponência, porém, no contexto em que foi utilizada, o sentido que predomina é de que Ciro Gomes utiliza dados exagerados e errados ao falar sobre segurança e dívida pública.

Figura 9: “Bolsonaro dispara dados falsos de economia, saúde e educação”



Fonte: *Print* da Página Agência Pública/Projeto Truco (2018)

A primeira questão que chama atenção é a escolha do verbo “dispara” no título. No dicionário Mini Aurélio, um dos significados para a palavra é “atirar, lançar, arrojear”. O segundo significado é “descarregar (arma de fogo); desfechar.” Impossível não fazer analogia com Bolsonaro ser militar, Capitão da reserva. Disparar é uma atividade comum no contexto militar e esse verbo evoca uma questão atual que tem sido debatida fortemente ao longo do ano. O plano de governo do Bolsonaro³⁹ prevê que seja revogado o Estatuto do Desarmamento que foi aprovado em 2003.

O título construído remonta à ideia de uma das propostas do Bolsonaro bem conhecida e comentada e “descarregar (arma de fogo)” não é uma atividade tranquila e sim, violenta, mesmo que seja em legítima defesa. Então a construção de sentidos sobre o Jair é de um político que não apenas profere dados falsos de economia, saúde e educação. O Bolsonaro dispara dados falsos. Isso também atribui um sentido de intensidade à atividade. E a foto se relaciona de uma forma coesa com o título: pois a expressão do rosto revela impaciência e

³⁹ ESTARQUE, Marina. Entenda as regras de posse e porte de armas no Brasil e o estatuto do desarmamento. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 22 out. 2018, Cotidiano. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2018/10/entenda-regras-de-posse-e-porte-de-armas-no-brasil-e-o-estatuto-do-desarmamento.shtml>> Acesso em: 10 nov. 2018

Bolsonaro está apontando para frente com a mão e pode ser feita uma alusão ao verbo do título “disparar”.

Além do título, o Truco colocou a seguinte linha fina: “Pré-candidato também utilizou números incorretos sobre segurança pública, mas acertou o percentual comprometido com Orçamento”. Pode-se perceber que o Truco ainda acrescentou mais informações sobre outros assuntos - que o candidato errou e também mostrou que acertou sobre Orçamento Público. E, de fato, na análise, das oito declarações, seis frases são falsas, uma exagerada e outra verdadeira, conforme os selos da agência. Bolsonaro disparou, em alguns alvos errou e outros acertou.

Para finalizar, importante pontuar que as duas agências fazem um trabalho, em termos de rotina produtiva e metodologia, bastante parecido: seguem os princípios basilares do jornalismo como apuração e investigação; cumprem uma função didática de não apenas dar um resultado das checagens, como também se preocupam em contextualizar para o leitor a origem das informações e dados averiguados e que foram proferidos por Ciro Gomes e Jair Bolsonaro.

Com isso, as agências contribuem com a produção jornalística das redações, especialmente em um contexto eleitoral em que o volume de informações cresce em virtude da mediatização. O trabalho das agências revelou suprir uma lacuna dos problemas enfrentados pelas redações, o econômico e o cumprimento de prazos curtos, que impactam diretamente na qualidade da produção. Lupa e Truco ainda colaboram com a qualificação do debate público e reforçam os valores democráticos.

A principal diferença verificada foi em relação ao tamanho dos textos. Truco é mais denso e com maior volume de informações e vozes presentes nos enunciados o que ocasiona a diluição da voz dos presidenciáveis durante o texto. Em contrapartida, a Lupa é mais objetiva no texto e nas explicações. Uma das hipóteses relativas à essa diferença no tamanho dos textos, seja porque a Lupa é uma agência especializada e tenha todos os dias um volume maior de checagens para fazer e, por isso, tendem a ser mais objetivos. Além disso, a agência conta com o investimento financeiro da Editora Alvinegra, empresa do documentarista João Moreira Salles que foi criada para publicar a revista Piauí. Pode-se inferir, portanto, que a Lupa tenha conquistado um espaço e reconhecimento mais rápido na área, sendo também a primeira agência especializada na checagem de fatos no Brasil. Acredita-se, assim, que a agência goze de maior autoridade para checar e ser, por fim, mais objetiva em suas análises.

Já o Projeto Truco nasce dentro da Agência Pública, que é especializada em jornalismo investigativo, possuindo, assim, um estilo de realmente se debruçar nos dados e

informações de forma mais aprofundada e buscar mais fontes para embasar as análises. A Pública funciona com *Crowdfunding*, financiamento dos leitores, com o patrocínio de eventos e projetos, doações de fundações privadas nacionais e internacionais. Talvez isso seja um dos motivos para o Truco buscar produzir longas explicações e contextualizações aos leitores, pois eles são diretamente um dos financiadores do projeto.

Por fim, a análise sobre a construção de sentidos do título, foto e linha fina sobre o Ciro Gomes para as checagens do Projeto Truco revela um presidenciável que emite dados exagerados e falsos ao falar de segurança e dívida pública. E a construção de sentidos verificadas nas mesmas matérias significantes mostram que Jair Bolsonaro não só utiliza dados falsos de economia, saúde e educação e acerta sobre Orçamento público bem como dispara.

Por seu turno, a Lupa é menos rígida nos enunciados ao se posicionar sobre o desempenho do Ciro Gomes, utiliza em vários momentos a estratégia de formular perguntas, o que confere ao presidenciável o benefício da dúvida. Em um título apenas a Lupa aponta que Gomes errou ao falar sobre segurança pública.

Em contrapartida, com Jair Bolsonaro a Lupa é bem mais determinante nos títulos e fotos ao falar do desempenho do presidenciável. No título, privilegia assuntos de interesse público e que Bolsonaro errou, além de, em uma das frases, apontar que o presidenciável passou por vexame, derrapou, ao errar sobre morte de jornalista na ditadura.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As discussões iniciais propostas por essa monografia levantam questões sobre a profusão da circularidade de informações e desinformações, proporcionada por um contexto de mediatização, no qual os sujeitos estabelecem novas e complexas relações com os meios de comunicação.

Inevitavelmente, a produção jornalística, campo historicamente privilegiado de construção de sentidos, passa por impactos com essa nova realidade. O Jornalismo se vê impulsionado a pensar em outro modelo de financiamento e em sua *práxis* também. É nesse contexto que surgem as agências de checagem Lupa e Pública (Projeto Truco), como um novo nicho de mercado para os jornalistas, conforme acreditam os autores utilizados nesta pesquisa. As agências são criadas para reforçar e contribuir com o trabalho jornalístico exercido pelas redações, como amplamente discutido nos capítulos iniciais por Diniz (2017); Souza (2017) e também demonstrado na análise.

As agências de checagem são grandes aliadas dos veículos de comunicação, sejam eles tradicionais ou alternativos, tanto para manter a qualidade do trabalho jornalístico quanto do debate público, especialmente em um contexto eleitoral polarizado em que encontra-se um terreno fértil para a proliferação de boatos em formato de notícias. Além da sobrecarga de trabalho dos jornalistas que enfrentam uma demanda maior de apuração e verificação de informações, prejudicando, entre outras, checar o nível de veracidade das declarações dos presidenciáveis, objeto de análise desta pesquisa.

Mais do que entender o trabalho das agências foi importante analisar as checagens na perspectiva discursiva, compreendendo como discurso jornalístico produz sentidos, é dialógico, polifônico e interativo (BENETTI, 2006). Além disso, o quanto esse discurso está inserido em um contexto e é uma forma de ação, (MAINGUENEAU, 2011). E o contexto atual que a produção de sentidos do discurso jornalístico está inserida é político polarizado e mediatizado.

Como explica Diniz (2017) mesmo que os repórteres tentem manter distância, procurem a imparcialidade e a neutralidade as impressões pessoais e coletivas perpassam o discurso jornalístico. Com base nisso, a pesquisa buscou identificar e analisar os sentidos produzidos por Truco e Lupa nas checagens sobre Ciro Gomes e Jair Bolsonaro nas eleições de 2018. E como mostrou a análise, Lupa e Truco seguem um padrão rigoroso na apuração,

mostrando os caminhos utilizados, explicam, contextualizam e exercem uma função educacional também. Em suma, elas seguem os fundamentos basilares do Jornalismo.

Importante observar que o *corpus* dessa análise é composto por checagens das declarações de Ciro Gomes e Jair Bolsonaro realizadas em eventos, entrevistas e matérias jornalísticas. Não necessariamente boatos, mas que não foram bem checadas inicialmente pelos jornalistas desses veículos. Além disso, as etiquetas atribuem um resultado para as checagens da Lupa e Truco. Interessante ressaltar que para a Lupa a checagem “verifica o grau de veracidade das frases”, isso se evidencia também para o Projeto Truco com a diversidade de selos, não apenas classificam a frase como “verdadeira” ou “falsa”. Pode-se inferir que Lupa e Truco partem da hipótese de que as declarações selecionadas para checagem são falsas, ou no mínimo a informação chama atenção por ser absurda ou estranha e por isso decidem verificar.

Através da análise detalhada sobre a checagem das frases pode-se concluir que Lupa atribui para Bolsonaro mais etiquetas falsas. Ao todo, das 28 frases verificadas, dez eram “falsas”, sete “verdadeiras” e o restante estão nas outras categorias: “exagerado”, “contraditório”, “verdadeiro, mas” e etc. Para o Ciro Gomes a etiqueta que mais se repetiu foi “exagerado”. Ao todo, das 15 frases verificadas, uma era “verdadeira”, quatro eram “verdadeiras, mas (a informação está correta, mas o leitor merece mais explicações)”, três “falsas” e sete “exageradas”. Já o Projeto Truco atribuiu mais etiquetas “falsas” para o Ciro Gomes. Das oito frases checadas, quatro eram “falsas”, uma “exagerada”, outra “verdadeira” e o restante estão nas outras categorias. Com relação ao Bolsonaro o Truco atribuiu mais etiquetas “falsas”. Das oito frases checadas seis eram “falsas”, uma “exagerada” e outra “verdadeira”.

Em relação a checagem desempenhada pelo Truco, o texto é mais extenso e, com frequência, as vozes dos presidentiáveis estavam diluídas entre outras vozes que os jornalistas trazem para os enunciados, como as fontes de informação. Ao passo que a Lupa é mais objetiva nas explicações e traz menos vozes nos enunciados.

Nas matérias significantes de mais destaque na página, como título, foto e linha fina, fica mais evidente a produção de sentidos dos presidentiáveis. Para a checagem das declarações do Ciro, o Truco (da Pública), aponta os erros e exageros no enunciado e escolhe uma foto em que o presidentiável é valorizado (plano contrapicado). O político aparenta ter uma imagem de grande líder que, no entanto, utiliza dados errados e exagerados ao falar de segurança e dívida pública.

Já os sentidos construídos sobre o Bolsonaro nas checagens da Pública evidenciam o posicionamento ideológico do presidencialista sobre a questão do armamento, proposta do plano de governo do PSL que visa rever o Estatuto do Desarmamento aprovado em 2003. Ao utilizar no enunciado o verbo “dispara”, uma ação, combinado com a foto que mostra sua mão estendida, reforça mais uma vez o sentido (disparo). Bolsonaro não só utiliza dados falsos de educação, saúde e economia, ele dispara.

Nas checagens sobre o Ciro, a Lupa é bem menos rígida e usa de perguntas na construção dos títulos, não entrega uma resposta concreta no enunciado sobre seu desempenho. As fotos também reforçam esse sentido, mesmo que em um título a Lupa enuncie que o candidato errou ao falar sobre a Intervenção Federal no Rio de Janeiro

Já com as checagens sobre o Bolsonaro a Lupa é mais enfática em relação ao seus erros na produção do título. Utiliza termos como “derrapa” ao falar que o candidato errou sobre a morte de um jornalista, na ditadura, palavra que corresponde a “vexatório”, “pagar mico”. Pode-se concluir, então, que foi vexatório para Bolsonaro falar da morte de um jornalista na ditadura.

A produção desse sentido sobre Bolsonaro faz relacionar e pensar como a mídia norte-americana fazia a cobertura da corrida eleitoral de Donald Trump nas eleições de 2016. Evidentemente, com as ressalvas que existem entre a mídia estadunidense e a brasileira, é possível lançar uma última reflexão. Em vários momentos da campanha eleitoral, Bolsonaro foi comparado com o Presidente Donald Trump, seja por conta das declarações polêmicas⁴⁰, pelo modo estratégico de conduzir sua campanha⁴¹. Vale ressaltar que no segundo turno, dia 28 de outubro de 2018, Jair Bolsonaro venceu a eleição presidencial.

A mídia dos EUA não tratava de forma séria o presidente norte-americano. “Inicialmente, interpretaram a candidatura de Donald Trump como uma piada, dando por garantida a vitória de Hillary Clinton” (INÁCIO, 2017, p.20). De acordo com a explicação⁴² do internacionalista e mestre em ciência política, Leandro Lima, o presidente estadunidense

⁴⁰ CHARLEAUX, João Paulo. Os motes comuns de Trump e Bolsonaro nas eleições de 2018. **Nexo Jornal**, São Paulo, 06 nov. 2018, Expresso. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2018/11/06/Os-motes-comuns-de-Trump-e-Bolsonaro-nas-eleicoes-de-2018> Acesso em: 10 nov. 2018

⁴¹ SENRA, Ricardo. Steve Bannon declara apoio a Bolsonaro, mas nega vínculo com campanha: “Ele é brilhante”. **BBC Brasil**, São Paulo, 26 out. 2018. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-45989131> Acesso em: 10 nov. 2018

⁴² LIMA, Leandro. Trump e sua difícil relação com a imprensa. **Nexo Jornal**, São Paulo, 29 nov. 2016, Ensaio. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/ensaio/2016/Trump-e-sua-dificil-relacao-com-a-imprensa-norte-americana> Acesso em: 10 nov. 2018

tem um estereótipo totalmente diferente da “política tradicional norte-americana isto não é bem recepcionado por uma imprensa competitiva e dotada de senso de dever público”, conforme artigo publicado no Nexo Jornal no dia 29/11/16, Lima (2016) também afirma que a imprensa tem a tendência de não abraçar “posições radicais”, enquanto Inácio (2017) faz reflexões sobre a mídia dos EUA em relação à cobertura das eleições e a Donald Trump e diz que “os mesmos [meios de comunicação] repetiram e amplificaram a mensagem do candidato ao invés de desafiar as suas narrativas” Azari (2016, apud INÁCIO, 2017, p. 20).

Assim, cabe o questionamento se os sentidos que foram observados nas checagens da Lupa e do Truco sobre o candidato Jair Bolsonaro, reforçando seus erros de uma maneira mais enfática, com termos como “derrapa” e “dispara” por exemplo, não seria uma situação semelhante no Brasil àquela que ocorreu nos Estados Unidos.

Cabe às futuras pesquisas continuar analisando como foi o posicionamento dos meios de comunicação no Brasil e as produções de sentidos em relação à vitória de Jair Bolsonaro nas eleições de 2018; do mesmo modo que jornalistas e pesquisadores norte-americanos têm feito importantes reflexões e críticas em relação ao impacto do papel da mídia na vitória de Trump.

Por fim, espera-se que esta pesquisa possa estimular e contribuir com as discussões no campo da pesquisa e também que vá para além dos muros acadêmicos, gerando reflexões sobre o contexto mediatizado da produção de sentidos jornalísticos das agências de checagem de fatos do Brasil.

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA LUPA. Desenvolvido por OKNGROUP. 2018. Disponível em: <<https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/>>. Acesso em: 17 set. 2018.

AGÊNCIA PÚBLICA. Desenvolvido por Baba's projects. Disponível em: <<https://apublica.org/>>. Acesso em: 17 set. 2018.

ALVES, Rosental Calmon. Jornalismo digital: Dez anos de web... e a revolução continua. **Comunicação e Sociedade**, Austin: Universidade do Texas, 2006, v. 9-10. p. 93-102.

BECKER, Clara; AFONSO, Nathália. Bolsonaro erra ao dizer que general, capitão e sargento “ganham basicamente a mesma coisa”. **Lupa**. Rio de Janeiro, 18 mai 2018. Disponível em: <<https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2018/05/28/bolsonaro-salario-militares/>> Acesso em: 10 nov. 2018

BENETTI, Marcia. Jornalismo e perspectivas de enunciação: uma abordagem metodológica. **Intexto**, Porto Alegre: UFRGS, v. 1, n. 14, jan./jun. 2006, p. 1-11.

BENVENISTE, Émile. O aparelho formal da enunciação. In: **Problemas de Lingüística Geral II**. São Paulo: Pontes, 1989. cap. 5. p. 81-92.

BORGES, Thassio. **Redes sociais foram o combustível para as revoluções no mundo árabe**. Opera Mundi, São Paulo, 04 jan. 2012. Disponível em: <<https://operamundi.uol.com.br/noticia/18943/redes-sociais-foram-o-combustivel-para-as-revolucoes-no-mundo-arabe>> Acesso em: 10 jun. 2018

CASTRO, José Roberto. Qual foi a gravidade da recessão no Brasil e qual a força da recuperação. **Jornal Nexo**, São Paulo, 9 fev. 2018, Expresso. Disponível em: <<https://www.nexojornal.com.br/expresso/2018/02/06/Qual-foi-a-gravidade-da-recess%C3%A3o-no-Brasil-e-qual-a-for%C3%A7a-da-recupera%C3%A7%C3%A3o>>. Acesso em: 13 out. 2018.

CHAPOLA, Ricardo. A trajetória de Bolsonaro, candidato do PSL à Presidência. **Nexo Jornal**, São Paulo, 07 ago, 2018. Expresso. Disponível em: <<https://www.nexojornal.com.br/expresso/2018/08/07/A-trajet%C3%B3ria-de-Bolsonaro-candidato-do-PSL-%C3%A0-Presid%C3%A2ncia>> Acesso em 10 nov. 2018

CHARAUDEAU, Patrick. Discurso Político. Trad. Fabiana Komesu e Dilson Ferreira da Cruz. São Paulo: **Contexto**, 2006.

CHARLEAUX, João Paulo. O que foram afinal, as Jornadas de Junho de 2013. E no que elas deram. **Nexo Jornal**, São Paulo, 17 jun. 2017, Expresso. Disponível em: <<https://www.nexojornal.com.br/expresso/2017/06/17/O-que-foram-afinal-as-Jornadas-de-Junho-de-2013.-E-no-que-elas-deram>> Acesso em: 10 jun. 2018

DINIZ, Amanda Tavares de Melo. Fact-Checking no Ecossistema Jornalístico Digital: práticas, Possibilidades e Legitimação. **Mediapolis: revista de comunicação, jornalismo e espaço público**, Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, [s.l.], n. 5, 2017, p. 23-37.

ESTARQUE, Marina. Entenda as regras de posse e porte de armas no Brasil e o estatuto do desarmamento. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 22 out. 2018, Cotidiano. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2018/10/entenda-regras-de-posse-e-porte-de-armas-no-brasil-e-o-estatuto-do-desarmamento.shtml>> Acesso em: 10 nov. 2018

Facebook anuncia programa contra fake news no ano eleitoral, **Folha de São Paulo**, São Paulo, 10 mai. 2018. Poder, Eleições 2018. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/05/facebook-anuncia-programa-contra-fake-news-no-ano-eleitoral.shtml>>. Acesso em: 14 out. 2018.

FEDERAÇÃO NACIONAL DOS JORNALISTAS – FENAJ. **Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros**. 2007. Disponível em: <http://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2014/06/04-codigo_de_etica_dos_jornalistas_brasileiros.pdf>. Acesso em: 20 out. 2018.

FERRARI, Pollyana. **Jornalismo Digital**. 4. ed. 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2014.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Mini Aurélio Século XXI Escolar: O minidicionário da língua portuguesa**. 4 ed. rev. Ampliada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

FERREIRA, Giovandro Marcus; ANDRADE, Ivanise Hilbig de. **Percurso da reflexão sobre a mediação nos estudos de Eliseo Verón**. Trabalho apresentado no V Colóquio Brasil-Argentina de Ciências da Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Rio de Janeiro, set. 2015.

FREITAS, Ana. O que acontece quando você só vê opiniões parecidas com as suas. **Jornal Nexo**, São Paulo, 18 mar. 2016, Expresso. Disponível em: <<https://www.nexojornal.com.br/expresso/2016/03/18/O-que-acontece-quando-voc%C3%AA-s%C3%B3-v%C3%AA-opini%C3%B5es-parecidas-com-as-suas>>. Acesso em: 17 out. 2018.

Grupos promovem ataques a agências de checagem de fatos. Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo, São Paulo, 16 mai. 2018. Liberdade de Expressão. Disponível em: <<http://abraji.org.br/noticias/grupos-promovem-ataques-virtuais-a-agencias-de-checagem-de-fatos>>. Acesso em: 14 out. 2018.

HJARVARD, Stig. Midiatização: teorizando a mídia como agente de mudança social e cultural. **Revista Matrizes**, São Paulo, ano 5, n. 2 jan./jun. 2012, p. 53-91.

IANDOLI, Rafael. Trump, “fake news” e a guerra declarada contra a imprensa. **Jornal Nexo**, 3 jul. 2017. Expresso. Disponível em: <<https://www.nexojornal.com.br/expresso/2017/07/03/Trump-%E2%80%98fake-news%E2%80%99-e-a-guerra-declarada-contra-a-imprensa>>. Acesso em: 13 ago. 2018

INÁCIO, Ana Rita Justino. **A cobertura mediática de Donald Trump no Observador: Os temas mais mediáticos**. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa - Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, 2017. Disponível em: <<https://run.unl.pt/bitstream/10362/31397/1/Relat%C3%B3rio%20Est%C3%A1gio%20Rita%20In%C3%A1cio.pdf>>. Acesso em: 10 nov. 2018.

LIMA, Leandro. Trump e sua difícil relação com a imprensa. **Nexo Jornal**, São Paulo, 29 nov. 2016, Ensaio. Disponível em: < <https://www.nexojornal.com.br/ensaio/2016/Trump-e-sua-dif%C3%ADcil-rela%C3%A7%C3%A3o-com-a-imprensa-norte-americana> > Acesso em: 10 nov. 2018

MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos de comunicação**. São Paulo: Cortez, 2011.

MANTZARLIS, Alexios. Alexios Mantzarlis: Em defesa da checagem de fatos. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 18 mai, 2018. Opinião. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/opiniaio/2018/05/alexios-mantzarlis-em-defesa-da-checagem-de-fatos.shtml?loggedpaywall#_=_>. Acesso em: 14 out. 2018.

MANUAL DA CREDIBILIDADE. Desenvolvido pelo Instituto para o Desenvolvimento do Jornalismo (Projor) e Universidade Estadual Paulista Júlia de Mesquita Filho (Unesp). Disponível em: <<https://www.manualdacredibilidade.com.br/desinformacao>>. Acesso em: 13 ago. 2018

MARÉS, Chico; BECKER, Clara. **Ciro diz que número de presas aumentou 500% em três anos. Será?** Lupa, Rio de Janeiro, 30 mai. 2018. Disponível em: < <https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2018/05/30/roda-viva-ciro-gomes/> > Acesso em: 10 nov. 2018

MARÉS, Chico; BECKER, Clara; RESENDE, Leandro; AFONSO, Nathália. **Bolsonaro no Roda Viva: erros e acertos do candidato do PSL à Presidência**. Lupa, São Paulo, 31 jul. 2018. Disponível em: <<https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2018/07/31/bolsonaro-roda-viva/>> Acesos em: 10 nov. 2018

MARÉS, Chico; AFONSO, Nathália. **Bolsonaro derrapa ao falar sobre a morte de jornalista na ditadura militar**. Lupa. Rio de Janeiro, 13 jul. 2018. Disponível em: < <https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2018/07/13/bolsonaro-jornalista-ditadura/> > Acesso em: 10 nov. 2018

MARÉS, Chico. **Ciro: “R\$ 1,2 trilhão da dívida pública vence em até quatro dias”**. Lupa, Rio de Janeiro, 20 jul. 2018. Disponível em: < <https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2018/07/20/ciro-operacoes-divida/>> Acesso em: 10 nov. 2018

MARÉS, Chico; AFONSO, Nathália. **Em sabatina, Ciro Gomes erra ao falar de segurança no RJ após intervenção**. Lupa, Rio de Janeiro, 22 mai. 2018. Disponível em: <<https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2018/05/22/sabatina-ciro-gomes-folha/>> Acesso em: 10 nov. 2018

MEDEIROS, Kallianny Bezerra de. O filtro invisível: o que a internet está escondendo de você (PARISER, Eli. O filtro invisível: o que a internet está escondendo de você. Rio de Janeiro: Zahar, 2012). **Temática**, Paraíba, v. 13, n. 2, p.260-264, fev. 2017. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/tematica/article/view/33015/17150>> Acesso em: 20 nov. 2018

MIOLI, Teresa; NAFRÍA, Ismael. **Jornalismo Inovador na América Latina**. E-Book. Disponível em: <<https://knightcenter.utexas.edu/books/PIPortugues.pdf>>. Acesso em: 20 out. 2018.

MORAES, Igor. O que significa esquerda, direita e centro na política? **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 18 mai. 2018, Eleições. Disponível em: <<https://politica.estadao.com.br/noticias/eleicoes,o-que-significam-direita-esquerda-e-centro-na-politica,70002314116>> Acesso em: 10 nov. 2018.

ORTELLADO P. LIBÓRIO B. et al. **Como desbancar fake news e nunca mais chamá-las por esse nome**. Curso online. Austin: Journalism Courses, 05 ago. 2018. Disponível em: <<https://journalismcourses.org/DFN0918.html>>. Acesso em: 17 set. 2018.

PEREIRA JUNIOR, Luiz Costa. **A apuração da notícia: métodos de investigação na imprensa**. Petrópolis (RJ): Vozes, 2010.

Poynter – A global leader in journalism. **International Fact-Checking Network**. Disponível em: <<https://ifcncodeofprinciples.poynter.org/>>. Acesso em : 13 ago. 2018

RUDNITZKI, Ethel; SAKAMOTO, Felipe; MORAES, Maurício; FIGUEIREDO, Patrícia. **Pública**, São Paulo. 18 mai. 2018, Truco. Disponível em: <<https://apublica.org/2018/05/truco-bolsonaro-dispara-dados-falsos-sobre-economia-saude-e-educacao/>> Acesso em: 10 nov. 2018

RUDNITZKI, Ethel; MORAES, Maurício; FIGUEIREDO, Patrícia. Ao falar do Brasil, Ciro Gomes usa dados falsos e exagerados. **Pública**, São Paulo, 17 abr. 2018, Truco. Disponível em: <<https://apublica.org/2018/04/truco-ao-falar-do-brasil-ciro-gomes-usa-dados-falsos-e-exagerados/>> Acesso em: 10 nov.2018

SANTANA, Cássio Santos. **Da Perspectiva mediocêntrica à mediatização: uma démarche analítica**. 2016. 95.p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação: habilitação Jornalismo). Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016.

SENRA, Ricardo. **Steve Bannon declara apoio a Bolsonaro, mas nega vínculo com campanha: “Ele é brilhante”**. BBC Brasil, São Paulo, 26 out. 2018. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-45989131>> Acesso em: 10 nov. 2018

SILVEIRA, Denise Tolfo; CÓRDOVA, Fernanda Peixoto. A Pesquisa Científica. In: GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. (Org.) **Métodos de Pesquisa**. 1 ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

SOLANO, Esther; ORTELLADO, Pablo; MORETTO, Marcio. 2016: o ano da polarização? **Friedrich Ebert Stiftung Brasil**, n. 22, 2017, p. 5-19. Disponível em: <<http://library.fes.de/pdf-files/bueros/brasilien/13249.pdf>>. Acesso em: 10 out. 2018.

STENCEL, Mark. International fact-checking gains ground, Duke census finds. **Reporters Lab**, 28 fev. 2017. Disponível em: <<https://reporterslab.org/international-fact-checking-gains-ground/>>. Acesso em : 13 ago. 2018

SOUSA, Jorge Pedro. **Fotojornalismo: Uma introdução à história, às técnicas e à linguagem da fotografia na imprensa**, 2002. Disponível em: <<http://repositorio.ascs.edu.br/handle/123456789/1690>>. Acesso em: 10 nov. 2018.

SOUZA, Rogério Martins de. **Investigando as fake news: análise das as agências fiscalizadoras de notícias falsas no Brasil**. In: XXII CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUDESTE, 2017, Volta Redonda. **Anais...**. Volta Redonda - RJ: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2017. p. 1 - 15. Disponível em: <<http://portalintercom.org.br/anais/sudeste2017/resumos/R58-0343-1.pdf>>. Acesso em: 04 set. 2018

VENTURINI, Lilian. A trajetória de Ciro Gomes, candidato do PDT à Presidência. **Nexo Jornal**, São Paulo, 09 ago. 2018, Expresso. Disponível em: <<https://www.nexojornal.com.br/expresso/2018/08/09/A-trajet%C3%B3ria-de-Ciro-Gomes-candidato-do-PDT-%C3%A0-Presid%C3%Aancia>> Acesso em: 10 nov. 2018.

VENTURINI, Lilian. O que é o PSL, partido que Bolsonaro escolheu para se candidatar à Presidência. **Nexo Jornal**, São Paulo, 8 jan. 2018, Expresso. Disponível em: <<https://www.nexojornal.com.br/expresso/2018/01/08/O-que-%C3%A9-o-PSL-partido-que-Bolsonaro-escolheu-para-se-candidatar-%C3%A0-Presid%C3%Aancia>> Acesso em: 10 nov. 2018

VERÓN, Eliseo. **Fragmentos de um tecido**. Trad. Vanise Dresch. São Leopoldo (RS): Editora Unisinos, 2004

VÉRON, Eliseo. Teoria da mediatização: uma perspectiva semioantropológica e algumas de suas consequências. **Revista Matrizes**, São Paulo, v. 8, n. 1 jan./jun. 2014, p. 13-19.

VICTOR, Fábio. Como funciona a engrenagem das notícias falsas no Brasil. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 19 fev. 2017, Ilustríssima. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2017/02/1859808-como-funciona-a-engrenagem-das-noticias-falsas-no-brasil.shtml>> Acesso em: 22 out. 2018.

WARDLE, Claire. Claire Wardle: combater a desinformação é como varrer as ruas. Entrevistador: Angela Pimenta. **Observatório da Imprensa**, 14 nov. 2017. Disponível em:

<http://observatoriodaimprensa.com.br/credibilidade/claire-wardle-combater-desinformacao-e-como-varrer-as-ruas/>>. Acesso em: 13 ago.2018

WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação**. 10 ed. Lisboa: Editorial Presença, 2009.

APÊNDICE

APÊNDICE A – Levantamento inicial/Agência Pública (Projeto Truco)

Agência Pública – Projeto Truco: 15 checagens						
Data da publicação	Título da checagem	Evento / Veículo de comunicação	Data	Temas abordados	Resumo do assunto	Link
Abril de 2018						
17 de abril	Ao falar do Brasil, <u>Ciro Gomes</u> usa dados falsos e exagerados	Entrevista à Rádio França Internacional (RFI) e em palestra na Universidade de Sorbonne	29 de março de 2018	Segurança, dívida pública e previdência	Oito frases checadas. <u>Ciro Gomes</u> falou sobre dados da economia do governo Lula, Dilma e também sobre a industrialização do país	https://apublica.org/2018/04/truco-ao-falar-do-brasil-ciro-gomes-usa-dados-falsos-e-exagerados/
26 de abril	Os acertos, exageros e erros de <u>Guilherme Boulos</u>	Sabatina no <u>Twitter</u> ao vivo	10 de abril de 2018	Educação, déficit habitacional, previdência e mídia	Oito frases checadas. Em uma das frases checadas, <u>Boulos</u> acertou ao falar sobre o monopólio da mídia	https://apublica.org/2018/04/trucos-acertos-exageros-e-erros-de-guilherme-boulos/
Maio de 2018						
18 de maio	Bolsonaro dispara dados falsos de economia, saúde e educação	Rádio Super Notícia de Belo Horizonte	11 de maio de 2018	Segurança, saúde, educação e economia	Oito frases checadas. Bolsonaro falou sobre os dados do orçamento federal, crise dos venezuelanos em Roraima e ironizou o relatório da CIA que revelava que Geisel autorizou o assassinato de opositores do regime militar	https://apublica.org/2018/05/truco-bolsonaro-dispara-dados-falsos-sobre-economia-saude-e-educacao/
23 de maio	Meirelles defende governo Temer com dados falsos e distorção	TV Folha	14 de maio de 2018	Inflação, desemprego e previdência	Quatro frases checadas. Meirelles fala sobre inflação no governo Temer e sobre índice de desemprego nos últimos dois anos	https://apublica.org/2018/05/truco-meirelles-defende-governo-temer-com-dados-falsos-e-distorcao/
3 de maio	<u>João Amoêdo</u> usa dado falso sobre homicídios e faz comparação distorcida	Entrevista ao El País	18 de abril de 2018	Carga tributária, saneamento básico e segurança	Três frases checadas	https://apublica.org/2018/05/truco-joao-amoedo-usa-dado-falso-sobre-homicidios-e-faz-comparacao-distorcida/
11 de maio	Marina Silva omite processos, mas acerta sobre meio ambiente	Programa Pânico! Da rádio Jovem Pan	23 de abril de 2018	Questão indígena, meio ambiente e sua trajetória política	Sete frases checadas. Marina Silva fala sobre sua vida pública, gestão do Ministério do Meio Ambiente e aposentadoria	https://apublica.org/2018/05/truco-marina-silva-omite-processos-mas-acerta-sobre-meio-ambiente/
15 de maio	<u>Flávio Rocha</u> cita dados falsos sobre segurança pública	TV Folha	10 de abril de 2018	Segurança pública e número de evangélicos no país	Quatro frases checadas. O candidato também falou sobre o Bolsa Família	https://apublica.org/2018/05/truco-flavio-rocha-cita-dados-falsos-sobre-seguranca-publica/
25 de maio	Em artigo escrito da prisão, Lula distorce dados	Artigo publicado no jornal Le Monde	16 de maio de 2018	Miséria, desemprego e economia	Oito frases checadas. Lula discorreu muito sobre os mandatos, o que fez em seu governo e como está o Brasil atualmente no governo Temer	https://apublica.org/2018/05/truco-em-artigo-escrito-da-prisao-lula-distorce-dados/

30 de maio	Manuela D'Ávila erra dados sobre segurança pública	Entrevista ao Diário Catarinense	21 de maio de 2018	Segurança pública e encarceramento	Cinco frases checadas. Manuela fala sobre a morte de policiais brasileiros, encarceramento, Complexo da Maré e reforma trabalhista	https://apublica.org/2018/05/truco-manuela-davila-erra-dados-sobre-seguranca-publica/
Junho de 2018						
15 de junho	Rodrigo Maia usa dados sem contexto sobre educação	Sabatina realizada pelo Jornal Correio Braziliense	6 de junho de 2018	Educação, saúde e desigualdade social	Quatro frases checadas. O candidato falou sobre creches no Brasil, universidade pública e miséria	https://apublica.org/2018/06/truco-rodrigo-maia-usa-dados-sem-contexto-sobre-educacao/
8 de junho	Aldo Rebelo usa dados falsos sobre golpe de 64, Copa e Amazônia	Entrevista à BBC Brasil	14 de maio de 2018	Preservação ambiental, estádios da Copa e golpe de 64	Oito frases checadas	https://apublica.org/2018/06/truco-aldo-rebelo-usa-dados-falsos-sobre-golpe-de-64-copa-e-amazonia/
Julho de 2018						
18 de julho	Levy Fidelix exagera impostos em medicamentos	TV Correio	?	Impostos em medicamentos e renda nacional	Três frases foram checadas. Taxa de impostos e dívida pública	https://apublica.org/2018/07/truco-levy-fidelix-exagera-impostos-em-medicamentos/
25 de julho	Alckmin acerta evolução do PIB, mas usa dado falso sobre impostos	Sabatina Brasil em Disputa (FGV)	3 de julho de 2018	Imposto, PIB, economia, reforma tributária e sistema prisional	Nove frases checadas. O candidato falou sobre o sistema prisional do Brasil, pré-sal, democracia	https://apublica.org/2018/07/truco-alckmin-acerta-evolucao-do-pib-mas-usa-dado-falso-sobre-impostos/
26 de julho	Paulo Rabello acerta gasto em educação e erra mortes de negros	Vídeo publicado em sua página oficial do Facebook	?	Gastos com educação, homicídio de jovens e negros no país e economia	Nove frases foram checadas. O candidato falou também sobre desemprego e PIB	https://apublica.org/2018/07/truco-paulo-rabello-acerta-gasto-em-educacao-e-erra-mortes-de-negros/
27 de julho	Ciro Gomes exagera dados sobre trabalho, impostos e segurança	Jornal Gente da Rádio Bandeirantes	18 de julho de 2018	Segurança pública e economia	Dez frases checadas. Ciro destacou dados estaduais de saúde e educação básica, carga tributária e despesa previdenciária e diferença salarial entre homens e mulheres	https://apublica.org/2018/07/truco-ciro-gomes-exagera-dados-sobre-trabalho-impostos-e-seguranca/

APÊNDICE B – Levantamento inicial/Agência Lupa

Agência Lupa: 42 checagens						
Data da publicação	Título da checagem	Evento / Veículo de comunicação	Data	Temas abordados	Resumo do assunto	Link
Abril de 2018						
05 de abril	Trem para Guarulhos: Alckmin fala em 'fake news', mas omite convênio que assinou	Entrevista coletiva de Inauguração da estação Aeroporto da Linha 13 – Jade	31 de março de 2018	Obras da Estação Aeroporto	Foram checadas três frases que giraram entorno do atraso das obras da estação	http://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2018/04/05/alckmin-trem-guarulhos
09 de abril	Apoiado pelo MBL, Flávio Rocha exagera dados econômicos do Brasil	Entrevista à Gazeta do Povo e entrevista ao canal "Mamãe, falei", do Youtube	7 de março de 2018 / 28 de março de 2017	Economia	Seis frases checadas. O candidato falou de carga tributária, PIB e iniciativas de emprego para o Sertão	http://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2018/04/09/flavio-rocha-prb/
07 de abril	Checamos o discurso de Lula em São Bernardo do Campo	Discurso em frente ao Sindicato dos Metalúrgicos	07 de abril de 2018	Trajetória política	Dez frases checadas. Discursou sobre o seu governo quando foi presidente e se defendeu de acusações	http://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2018/04/07/discurso-lula-sao-bernardo/
12 de abril	Manuela D'Ávila e Guilherme Boulos: exageros dos dois herdeiros de Lula	Entrevista a revista Carta Capital (Manuela) e Boulos perguntas e respostas organizadas pelo Twitter	Manuela no dia 1 de abril 2018. Boulos no dia 10 de abril de 2018	Processo do Lula e atual governo Temer	Oito frases checadas. Os dois pré-candidatos falaram sobre economia, casos que envolvem o processo do Lula, tráfico de drogas e trabalho	http://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2018/04/12/manuela-boulos-lula/
16 de abril	João Amoêdo: verdades e exageros em discurso 'contra a política tradicional'	Post em página oficial do Facebook	22 e 28 de março de 2018	Economia e financiamento de campanha	Quatro frases checadas. O pré-candidato falou sobre carga tributária, financiamento de campanha nas redes sociais, críticas ao Congresso Nacional	http://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2018/04/16/joao-amoedo/
17 de abril	Os exageros e as verdades dos presidencialistas no Fórum da Liberdade	Evento Fórum da Liberdade	10 de abril de 2018	Economia, educação	Frases do Meirelles, Ciro, Alckmin e Amoêdo. Sete ao todo. Os candidatos falaram de emprego, PIB, educação e sistema político	http://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2018/04/17/presidenciais-forum-liberdade/
19 de abril	Marina Silva: três partidos concentram quase todo o fundo eleitoral. Será?	Entrevista à CBN, coletiva em Belo Horizonte e para blog Coletivo Inconsciente	2,12 e 13 de abril de 2018	Fundo eleitoral	Quatro frases checadas. Marina criticou a divisão do fundo eleitoral	http://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2018/04/19/marina-fundo-eleitoral/

23 de abril	No <u>Datena</u> , Bolsonaro volta a falar sobre salário de mulheres e homens	Programa de TV - Agora é com <u>Datena</u>	22 de abril de 2018	Diferença salarial entre homens e mulheres	Cinco frases. Críticas ao processo e pesquisa eleitoral e salário	http://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2018/04/23/bolsonaro-datena/
24 de abril	Álvaro Dias: total de analfabetos supera toda população argentina. Será?	Entrevistas: rádio CBN, TV Folha, site Notícias Agrícolas e canal da Leda <u>Nagle</u> , <u>Twitter</u> pessoal	4, 12, 16 e 18 de abril de 2018	Sobre sua vida política, analfabetismo	Seis frases. O candidato nas diversas entrevistas falou sobre pobreza, violência, analfabetismo e sua vida política	http://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2018/04/24/alvaro-dias/
Maio de 2018						
02 de maio	Meirelles foca em dados econômicos, mas exagera sobre PIB e Previdência	Entrevista ao portal NSC Total e rádio CBN	24 e 25 de abril de 2018	Economia, PIB, Previdência e Inflação	Cinco frases foram checadas. Meirelles fala sobre	http://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2018/05/02/meirelles-pib-previdencia/
08 de maio	Na sabatina SBT, Folha, UOL, Dias erra ao falar sobre mercado de trabalho	Sabatina feita por SBT, Folha, UOL	07 de maio de 2018	Mercado de trabalho	Cinco frases foram checadas. Dias fala sobre mercado de trabalho, miséria e sua vida política	http://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2018/05/08/alvaro-dias-sabatina-folha
09 de maio	No Roda Viva, <u>Boulos</u> diz que Temer aumentou o déficit do Brasil. Será?	Programa Roda Viva	07 de maio de 2018	Economia, sistema bancário, segurança e questões raciais	Quatro frases foram checadas. <u>Boulos</u> também falou da questão carcerária	http://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2018/05/09/roda-viva-boulos/
17 de maio	O que disseram os presidentiáveis diante da Frente de Prefeitos?	Discurso na 73ª Reunião Geral da Frente Nacional de Prefeitos	08 de maio de 2018	Economia, pobreza e sistema prisional	11 frases checadas. Manuela D'Avila, Marina Silva, <u>Boulos</u> , Alckmin, Dias, Meirelles, Rodrigo Maia, Guilherme Afif, Aldo Rebelo, Paulo de Castro. Cada candidato teve uma frase checada	http://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2018/05/17/prefeitos-presidenciais/
22 de maio	Em sabatina, Ciro Gomes erra ao falar de segurança no RJ após intervenção	Sabatina feita por SBT, UOL e Folha	21 de maio de 2018	Segurança Pública e emprego	Cinco frases checadas. Ciro falou sobre a segurança pública assassinatos de policiais no RJ, índice de emprego no Rio de Janeiro	https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2018/05/22/sabatina-ciro-gomes-folha/
23 de maio	<u>Amoêdo</u> diz que cota não levou mais mulheres às câmaras municipais. Será?	Programa Roda Viva	21 de maio de 2018	Abertura de empresas no país, cotas para mulheres, e gastos do governo federal	Cinco frases checadas. <u>Amoêdo</u> falou sobre a burocracia em abrir empresas no país, cotas para mulheres nas câmaras municipais e dados do desarmamento	https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2018/05/23/amoedo-roda-viva/

24 de maio	Em sabatina, Alckmin erra ao falar das contas de sua campanha em 2014	Sabatina feita por SBT, UOL e Folha	21 de maio de 2018	Sua campanha presidencial em 2014, taxa de homicídios, sistema penitenciário	Cinco frases checadas. Alckmin falou sobre sua campanha presidencial em 2014 e taxas de violência	https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2018/05/24/sabatina-geraldo-alckmin-folha/
24 de maio	Manuela divulga imagem com dados errados sobre o preço da gasolina	Post da página oficial do Facebook (imagem)	24 de maio de 2018	Preço do combustível nos governos FHC, Lula Dilma e Temer	A Lupa checkou uma foto, que foi postada no Facebook da Manuela e, que mostrava dados errados sobre os preços dos combustíveis nos governos anteriores	https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2018/05/24/manuela-preco-gasolina/
25 de maio	Em sabatina, Marina exagera ao falar de tributos sobre preço de combustíveis	Sabatina feita por SBT, UOL e Folha	24 de maio de 2018	Preço do combustível, meio ambiente e casamento LGBT	Cinco frases foram checadas. Marina respondeu uma pergunta de cada tema, exceto sobre desmatamento houve duas	https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2018/05/25/marina-sabatina-folha/
28 de maio	Bolsonaro erra ao dizer que general, capitão e sargento 'ganham basicamente a mesma coisa'	Rádio Jovem Pan News e Café na política	12 e 22 de maio de 2018	Pesquisas eleitorais e tempo de TV	Foram checadas seis frases. Bolsonaro errou ao falar sobre salários de general, capitão e sargento. Também fez declarações sobre audiência de custódia	https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2018/05/28/bolsonaro-salario-militares/
30 de maio	Ciro diz que número de presas aumentou 500% em três anos. Será?	Programa Roda Viva / TV Cultura	28 de maio de 2018	Críticas ao governo Temer, sistema prisional e educação	Sete frases checadas. <u>Ciro</u> falou sobre a <u>Transnordestina</u> , a quantidade de mulheres presas no país e educação no nordeste	https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2018/05/30/roda-viva-ciro-gomes/
Junho de 2018						
01 de junho	Desemprego e ajustes no diesel: erros ouvidos na estreia do 'Café com Boulos'	Programa Café com Boulos (estreia)	28 de maio de 2018	Desemprego, educação e greve dos caminhoneiros	Quatro frases checadas. <u>Boulos</u> falou sobre o aumento do preço do gás de cozinha educação e taxa de desemprego	https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2018/06/01/cafe-com-boulos/
06 de junho	<u>Alvaro</u> Dias gasta R\$ 365 mil do Senado, mas nega recebimento de verba	Programa Roda Viva / TV Cultura	04 de junho de 2018	Recebimento de verba indenizatória, economia e educação	Seis frases foram checadas. Dias falou também sobre foro especial por prerrogativa de função, FMI e política de teto de gastos	https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2018/06/06/alvaro-dias-roda-viva/
07 de junho	Flávio Rocha e Manuela D'Ávila exageram ao falar sobre segurança	Sabatina feita por Revista IstoÉ / em dois momentos separados com Flávio Rocha e Manuela D'Ávila	31 de maio e 4 de junho de 2018	Segurança pública	Quatro frases checadas. Duas de cada candidato. Os dois falaram de segurança. Manuela também falou sobre as intenções de voto e Rocha sobre agricultura	https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2018/06/07/flavio-manuela-istoe/

13 de junho	Meirelles: reforma da previdência beneficia quem se aposenta por idade. Será?	Programa Roda Viva / TV Cultura	11 de junho de 2018	Reforma da Previdência, emprego e PEC do teto de gastos	Cinco frases checadas. O candidato também sobre inflação	https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2018/06/13/meirelles-roda-viva
20 de junho	Amoêdo: Banco Mundial disse que Brasil economizaria 7% do PIB só cortando privilégios?	Rádio Jovem Pan News	12 de junho de 2018	Economia	Quatro frases checadas. O candidato falou sobre PIB e reforma da previdência	https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2018/06/20/amoedo-economia-pib
27 de junho	Em sabatina, Alckmin muda de opinião sobre privatização da Petrobras	Sabatina realizada pelo site Metrópoles	20 de junho de 2018	Economia e votações anteriores	Quatro frases checadas. O candidato mudou de opinião em relação à privatização da Petrobras	https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2018/06/27/alckmin-sabatina-metropoles/
28 de junho	Manuela: Brasil tem uma das 'maiores jornadas de trabalho do mundo'. Será?	Programa Roda Viva / TV Cultura	25 de junho de 2018	Jornada de trabalho, o partido PCdoB e aborto	Foram checadas quatro frases. Além disso, a candidata falou sobre tributação de heranças	https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2018/06/28/roda-viva-manuela/
29 de junho	Quatro exageros do presidencialismo Levy Fidelix em entrevista à Rede TV	Entrevista para Rede TV	18 de junho de 2018	Transporte, PIB, bancos e eleição passada	Foram checadas quatro frases. Todas as frases tiveram o selo exagerado	https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2018/06/29/exageros-levy-fidelix/
30 de junho	Ciro diz ter 'a menor rejeição entre todos os candidatos' à Presidência. Será?	Rádio Jovem Pan	18 de junho de 2018	Dívida pública brasileira e cenário político do país	Quatro frases checadas. Não houve nenhuma frase verdadeira	https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2018/06/30/ciro-jovem-pan/
Julho de 2018						
04 de julho	Erros e acertos de Guilherme Boulos ao falar sobre moradia e segurança pública	Site Metrópoles, IstoÉ e RedeTV!	19, 25 e 29 de junho de 2018	Violência contra mulher, processo do Lula, moradia e segurança pública	Foram checadas nove frases. Boulos falou sobre déficit habitacional no país e eleições	https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2018/07/04/boulos-metropoles-istoe-rede-tv/
05 de julho	Os erros e os acertos de seis presidencialistas no evento com a indústria brasileira	Confederação Nacional da Indústria	04 de julho de 2018	Economia, sociedade, segurança e moradia	12 frases checadas. Seis candidatos participaram: Alckmin, Marina Silva, Ciro, Meirelles, Bolsonaro e Alvaro Dias. Cada um teve duas frases checadas	https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2018/07/05/presidenciais-industria-cni/

06 de julho	Marina erra ao lembrar ação que pediu a cassação da chapa Dilma-Temer no TSE	Site Metrôpoles	05 de julho de 2018	Educação e Cassação da chapa Dilma-Temer	Quatro frases checadas. Marina respondeu uma questão sobre a ação de cassação da chapa Dilma e Temer e o restante sobre educação	https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2018/07/06/marina-sabatina-metropoles/
13 de julho	Bolsonaro derrapa ao falar sobre morte de jornalista na ditadura militar	Programa Marina Godoy Entrevista/ Rede TV e Programa Cidade 190	06 de julho e 29 de junho de 2018	Índice de violência no Brasil e morte do jornalista Herzog	Foram checadas três frases. Apenas uma frase foi falsa (sobre a morte de <u>Hersog</u>)	https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2018/07/13/bolsonaro-jornalista-ditadura/
17 de julho	Na Folha, Alckmin comete deslize histórico, mas acerta sobre desonerações	Entrevista à Folha de S. Paulo	13 de julho de 2018	Economia e eleições	Quatro frases checadas. Apenas uma verdadeira. Alckmin falou sobre a quantidade de senadores por estado, teto de gastos e renúncias fiscais	https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2018/07/17/folha-alckmin-desoneracoes
19 de julho	Meirelles erra mais uma vez ao falar sobre regras de aposentadoria	Site Metrôpoles	18 de julho de 2018	Economia, pesquisa eleitoral e regras da aposentadoria	Quatro frases checadas. Errou ao falar das regras da aposentadoria, exagerou ao sobre as intenções de voto e acertou sobre crescimento do Brasil	https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2018/07/19/meirelles-sabatina-metropoles/
20 de julho	Ciro: 'R\$ 1,2 trilhão da dívida pública vence em até quatro dias'. Será?	Canal Sol de Outubro e Roda Viva	28 de maio de 2018 e 14 de novembro de 2017	Dívida pública brasileira	Três frases checadas. Os temas giraram entorno dos dados sobre a dívida pública	https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2018/07/20/ciro-operacoes-divida/

26 de julho	SUS, CLT e fronteira com produtores de drogas: exageros de Alckmin no Roda Viva	Programa Roda Viva/ TV Cultura	23 de julho de 2018	CLT, SUS e educação	Sete frases checadas. As declarações sobre educação Alckmin acertou e as outras exagerou ou errou	https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2018/07/26/alckmin-roda-viva/
27 de julho	No que acertam e no que erram <u>Amoêdo</u> e <u>Rabello</u> , dois novatos em eleições	Site Metrôpoles	20 e 26 de julho de 2018	Economia, campanha eleitoral, índice de assassinatos de jovens no Brasil	Foram checadas três frases de cada candidato	https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2018/07/27/amoedo-rabello-novatos-metropoles/
28 de julho	Erros e acertos de <u>Ciro</u> <u>Gomes</u> e <u>Jair</u> <u>Bolsonaro</u> nas convenções partidárias	Convenções Nacional dos Partidos	20 e 22 de julho de 2018	Taxa de desemprego, economia, segurança pública	Oito frases checadas. Cada candidato teve quatro frases verificadas. Bolsonaro falou também sobre o Conselho Nacional de Justiça e <u>Ciro</u> sobre a ind. Brasileira	https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2018/07/28/ciro-bolsonaro-convencoes/
30 de julho	<u>Boulos</u> e <u>Vera</u> <u>Lúcia</u> : os discursos das duas chapas puras de esquerda na eleição	Café com <u>Boulos</u> e Discurso na convenção do partido	12,16 e 20 de julho de 2018	Economia, taxa de desemprego, índice de violência contra mulher	Seis frases checadas. Cada candidato teve três frases verificadas. <u>Vera</u> <u>Lúcia</u> também falou sobre dívida pública e <u>Boulos</u> do Mapa da Fome	https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2018/07/30/boulos-vera-esquerda-na-eleicao/

31 de julho	Bolsonaro no Roda Viva: erros e acertos do candidato do PSL à Presidência	Roda Viva / TV Cultura	30 de julho de 2018	Mensalão, violência no país, economia, tortura e eleições	19 frases checadas. O candidato ainda falou sobre <u>Cotão</u> , expectativa de vida no Piauí e escravidão	https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2018/07/31/bolsonaro-roda-viva/
31 de julho	<u>Álvaro</u> <u>Dias</u> : governo descumpriu acordo com senadores na reforma trabalhista. Será?	Programa Central das Eleições/ <u>GloboNews</u>	30 de julho de 2018	Eleições, reforma trabalhista e índice de pobreza	Foram checadas seis frases. <u>Álvaro</u> <u>Dias</u> <u>falou</u> sobre reforma trabalhista, eleições e CPMF	https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2018/07/31/alvaro-dias-globonews/

ANEXO

ANEXO A

← → ↻ 🏠 ⓘ <https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2018/07/20/ciro-operacoes-divida/>

 INÍCIO ASSINE 👤 🔍 ☰

 **Lupa** 📌 📧 📺 📷 📺 📺 📺 📺

A PRIMEIRA AGÊNCIA DE FACT-CHECKING DO BRASIL QUEM SOMOS OMBUDSMAN LUPA EDUCAÇÃO EVENTOS



Foto: Jaelício Santana


Fact-checking:
 o combate à notícia falsa
Curso livre e online
 INSCREVA-SE

ENTENDA NOSSA METODOLOGIA

Ciro: ‘R\$ 1,2 trilhão da dívida pública vence em até quatro dias’. Será?

por **CHICO MARÉS**
 20.JUL.2018 | 07H00 |



Desde o ano passado, o pré-candidato do PDT à Presidência da República, **Ciro Gomes**, tem dito que uma fatia significativa da dívida pública brasileira vence em um período de até quatro dias. Esse seria o prazo de vencimento das operações compromissadas negociadas pelo Banco Central com instituições financeiras e chegaria a quase R\$ 1,2 trilhão. Mas o quanto disso é verdade? E – mais importante – o que significa tudo isso? A **Lupa** checou três frases ditas pelo presidenciável sobre o assunto. Veja a seguir o resultado:

“Há quase R\$ 1,2 trilhão [da dívida pública do Brasil] que o Banco Central emite como operação compromissada”

Ciro Gomes, pré-candidato à presidência da República pelo PDT, em entrevista ao [Roda Viva](#), dia 28 de maio de 2018

VERDADEIRO

Operações compromissadas são uma espécie de empréstimo em curtíssimo prazo. No caso do Banco Central, elas funcionam da seguinte maneira: a instituição coloca títulos da dívida pública à venda, com um prazo pré-fixado para a recompra, e paga juros. A duração desse prazo varia de um a 273 dias. Isso serve como uma ferramenta de controle da liquidez da economia e da taxa Selic. É possível consultar as operações realizadas pelo Banco Central [aqui](#).

No dia 17 de julho de 2018, o [valor de todas as operações compromissadas](#) do Banco Central ainda por vencer estava em R\$ 1,248 trilhão.

Como parte dessas operações são realizadas “overnight”, ou seja, de um dia para o outro, esse valor oscila diariamente, e, portanto, pode

estar ligeiramente acima ou abaixo do patamar de R\$ 1,2 trilhão citado por Gomes, dependendo do dia em a frase for dita.

Segundo a [Secretaria do Tesouro Nacional](#), as operações compromissadas são contabilizadas como parte da chamada Dívida Bruta do Governo Geral (DBGG), a dívida de todo o setor público brasileiro, que [atualmente](#) está em R\$ 5,045 trilhões. Portanto, é correto considerá-la parte da dívida pública brasileira.

Porém, ela não é contabilizada como parte da Dívida Pública Federal (DPF), dívida contraída pela União, hoje em R\$ 3,658 trilhões. Neste caso, o Tesouro Nacional considera os títulos envolvidos como parte da carteira do Banco Central, como um “lastro” ou “garantia” do empréstimo – e não como um título em poder de terceiros.

“Sabe qual o prazo de vencimento destes R\$ 1,2 trilhão? Quatro dias”

Ciro Gomes, pré-candidato à presidência da República pelo PDT, em entrevista ao [Roda Viva](#), dia 28 de maio de 2018

FALSO

O prazo de vencimento das operações compromissadas varia. Nas chamadas operações “overnight”, o Banco Central vende títulos em um dia e se compromete a recomprá-los no dia útil seguinte.

Em 17 de julho, [havia uma operação desse tipo](#), vencendo no dia 18, no valor de R\$ 349,3 bilhões.

Na mesma data, ainda vencia outra operação, no valor de R\$ 8,8 bilhões e prazo de 182 dias (iniciado em janeiro de 2018). Em 17 de julho, não havia títulos com data de vencimento para os três dias seguintes.

Assim sendo, em quatro dias, não venceu R\$ 1,2 trilhão como vem dizendo [Ciro](#). Venceram apenas 28,6% desse total, cerca de R\$ 358 bilhões.

O resto das 44 operações vigentes no dia da análise foi realizada com prazos de 42, 91, 182 ou 273 dias. A maior parte delas, no valor de R\$ 669,1 bilhões, vencerá em 2 de agosto, e foi realizada com prazo de recompra de 42 dias.

Procurado, [Ciro Gomes](#) não retornou.

“[O valor das operações compromissadas] corresponde a 26% da dívida brasileira”

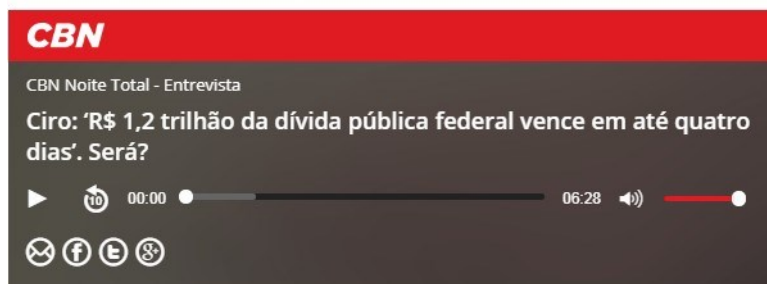
Ciro Gomes, pré-candidato à presidência da República pelo PDT, em entrevista ao [Canal Sol de Outubro](#), 14 de novembro de 2017

EXAGERADO

O dado citado por [Gomes](#) está defasado. Em outubro de 2014, [as operações compromissadas](#) chegavam a atingir 28% do total da Dívida Bruta do Governo Geral (DBGG). À época, a dívida bruta do setor público era de R\$ 3,3 bilhões, e o Banco Central tinha um passivo de R\$ 887 bilhões com operações compromissadas. Em

novembro de 2017, quando Ciro concedeu esta entrevista em particular, o peso era de 23,4%. Em maio de 2018, último mês com dados disponíveis, as operações compromissadas correspondiam a 22,5% da DBGG.

Procurado, Ciro Gomes não retornou.



Editado por: Natália Leal e Cristina Tardáguila





O conteúdo produzido pela Lupa é de inteira responsabilidade da agência e não pode ser publicado, transmitido, reescrito ou redistribuído sem autorização prévia.

A Agência Lupa é membro verificado da International Fact-checking Network (IFCN). Cumpre os cinco princípios éticos estabelecidos pela rede de checadores e passa por auditorias independentes todos os anos

TIPO DE CONTEÚDO

CHECAGEM

ANEXO B

← → ↻ 🏠 ⓘ <https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2018/05/22/sabatina-ciro-gomes-folha/> ☆

 INÍCIO ASSINE

 🔍 ☰

 **Lupa**

A PRIMEIRA AGÊNCIA DE FACT-CHECKING DO BRASIL

QUEM SOMOS OMBUDSMAN LUPA EDUCAÇÃO EVENTOS



Foto: Reprodução



ENTENDA NOSSA METODOLOGIA

Em sabatina, **Ciro Gomes** erra ao falar de segurança no RJ após intervenção

por **CHICO MARÉS, E NATHÁLIA AFONSO**
22.MAIO.2018 | 06H00 |

Na manhã da segunda-feira (21), o pré-candidato à Presidência da República pelo PDT, **Ciro Gomes**, foi sabatinado por SBT, Folha e UOL. A **Lupa** checkou algumas das declarações dadas pelo presidenciável no evento. Confira abaixo o resultado:

“Nenhuma [das estatísticas de criminalidade] cedeu [depois da intervenção no RJ]”

Ciro Gomes, pré-candidato à presidência pelo PDT, em [sabatina feita por SBT, Folha e UOL](#), em 21 de maio de 2018

FALSO

A intervenção federal no Rio de Janeiro começou em fevereiro deste ano e, em abril, o [Instituto de Segurança Pública \(ISP\)](#) registrou queda em dois dos três indicadores considerados estratégicos pela Secretaria de Segurança Pública (SSP). O número de roubos de veículos foi de 4.891, em abril de 2017, para 4.657, em abril de 2018. O total de roubos de rua retrocedeu de 12.652 para 11.057 no mesmo período. O único dos indicadores estratégicos que subiu foi a letalidade violenta: de 539 para 592.

Procurado, [Ciro](#) não respondeu.

“Do dia em que, essa porcaria (a reforma trabalhista) entrou em vigor (...) até hoje foram destruídos 380 mil postos de trabalho”

Ciro Gomes, pré-candidato à presidência pelo PDT, em [sabatina feita por SBT, Folha e UOL](#), em 21 de maio de 2018

EXAGERADO

Dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged), mantido pelo Ministério do Trabalho e Emprego, mostram que [29,7 mil vagas](#) de emprego com carteira assinada foram fechadas desde 11 de novembro de 2017, quando a reforma trabalhista entrou em vigor. O último relatório do [Caged](#) é de abril de 2018.

Procurado, [Ciro](#) não respondeu.

“O Rio de Janeiro foi o estado que mais perdeu empregos [desde 2015]”

Ciro Gomes, pré-candidato à presidência pelo PDT, em sabatina feita por SBT, Folha e UOL, em 21 de maio de 2018

VERDADEIRO, MAS

O Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged) mostra que o Rio de Janeiro perdeu 525 mil vagas de trabalho desde janeiro de 2015. Isso equivale a 3,8% da população em idade para trabalhar do estado. Proporcionalmente, é a maior queda observada nesse período. Em números absolutos, no entanto, São Paulo teve mais vagas fechadas: 778 mil.

Vale ainda ressaltar que a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua Trimestral (PnadC/T), do IBGE, que usa uma metodologia diferente mostra que o número de pessoas empregadas no Rio caiu em 145 mil entre o último trimestre de 2014 e o primeiro trimestre de 2018. Há seis estados com dados absolutos mais altos: Bahia (795 mil), Maranhão (367 mil), Alagoas (236 mil), Pernambuco

(226 mil), Piauí (190 mil) e Rio Grande do Sul (152 mil).

Procurado, Ciro não respondeu.

“Sabe quantos policiais foram assassinados no RJ já nesse ano? Quarenta”

Ciro Gomes, pré-candidato à presidência pelo PDT, em sabatina feita por SBT, Folha e UOL, em 21 de maio de 2018

VERDADEIRO, MAS

Na verdade, o número é ainda maior do que o citado. Ao todo, 53 policiais foram mortos em 2018 no Estado do Rio de Janeiro. A assessoria da Polícia Militar informa que, de janeiro até ontem (21), 51 policiais militares haviam sido mortos no estado. Trinta e três deles estava de folga quando foram assassinados. Outros 13, em serviço e 5 eram da reserva.

A Polícia Civil comunicou, por sua vez, que dois policiais civis – um delegado e um inspetor – foram mortos em 2018. Desses dois agentes, somente o delegado estava trabalhando no momento do

crime.

“[O Brasil tem hoje] 37 milhões [de pessoas] trabalhando sem carteira assinada”

Ciro Gomes, pré-candidato à presidência pelo PDT, em sabatina feita por SBT, Folha e UOL, em 21 de maio de 2018

VERDADEIRO, MAS

A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Trimestral (PnadC/T), do IBGE, mostra, na verdade, um número ainda maior. No primeiro trimestre de 2018 (último dado disponível), 42,4 milhões de pessoas trabalhavam sem carteira assinada no Brasil. Isso inclui empregados do setor privado (10,7 milhões), do setor público (2,2 milhões) e domésticos (4,3 milhões) sem carteira, trabalhadores por conta própria (23 milhões) e trabalhadores familiares auxiliares (2,2 milhões).

**Plínio Lopes, especial para Lupa*

*** Esta reportagem foi publicada pela versão impressa do jornal*

Folha de S.Paulo no dia 22 de maio de 2018.

Editado por: Cristina Tardáguila



O conteúdo produzido pela Lupa é de inteira responsabilidade da agência e não pode ser publicado, transmitido, reescrito ou redistribuído sem autorização prévia.

A Agência Lupa é membro verificado da International Fact-checking Network (IFCN). Cumpre os cinco princípios éticos estabelecidos pela rede de checadores e passa por auditorias independentes todos os anos.

TIPO DE CONTEÚDO

CHECAGEM

TAGS: CIRO GOMES ELEIÇÕES 2018 PDT PRÉ-CANDIDATO PRESIDÊNCIA SEGURANÇA PÚBLICA

ANEXO C



Bolsonaro derrapa ao falar sobre morte de jornalista na ditadura militar

por CHICO MARÉS E NATHÁLIA AFONSO
13.JUL.2018 | 06H01 |



Na sexta-feira (6), o pré-candidato do PSL à Presidência da República, Jair Bolsonaro, foi sabatinado no programa Mariana Godoy Entrevista, da RedeTV!. A **Lupa** analisou algumas das frases ditas pelo deputado federal. Veja o resultado a seguir:

“Ninguém tem prova de nada [sobre a morte de Vladimir Herzog]”
Jair Bolsonaro, pré-candidato do PSL à Presidência da República no programa Mariana Godoy Entrevista do dia 6 de julho de 2018

FALSO

Perícia realizada pela Comissão da Verdade (*atenção: o documento contém imagens fortes*) conclui que – sim – há provas de que o jornalista Vladimir Herzog foi assassinado.

Em seu cadáver, os peritos encontraram dois sulcos distintos de enforcamento, o que indica que o jornalista foi estrangulado e, posteriormente, içado com o objetivo de simular o suicídio. O texto do laudo afirma o seguinte:

“A observação desses dois sulcos (ambos com reações vitais) – um deles típico de estrangulamento e o outro característico daqueles observados em locais de enforcamento (ou em locais onde o corpo foi içado com o objetivo de simular enforcamento) – é incompatível com a versão oficial apresentada de que Vladimir Herzog teria se auto-eliminado”.

A perícia também constatou escoriações no tórax de Herzog e concluiu que elas indicam que o corpo do jornalista foi pressionado durante o enforcamento.

“Essas marcas não foram citadas no laudo e guardavam características de terem sido produzidas por compressão da região torácica contra suporte rígido, podendo a ação compressiva ter sido aplicada nas costas de Vladimir Herzog, o que gerou o contato do tórax com esse suporte rígido”.

Por fim, para os peritos, a nota de confissão de Herzog apresenta fortes indícios de ter sido ditada pelos agentes. “Não é possível afirmar que o texto lançado no documento foi escrito de forma espontânea. As alterações de calibre e espaçamento interlineares e intervocabulários, bem como variações de pressão e de tonalidades do traçado, configuram falta de fluidez própria das escritas espontâneas”.

Para a Corte Interamericana de Direitos Humanos também não há dúvida de que Herzog foi enforcado. A instituição destaca que o jornalista apareceu morto, pendurado por uma cinta, mas que os macacões do DOI-CODI, onde ele morreu, não tinham cinta por

questões de segurança.

Além disso, a corte reuniu testemunhas que ouviram gritos no dia da morte de Herzog, o que indica que ocorreu tortura.

“Nós dois fomos retirados da sala e levados de volta ao banco de madeira onde nos encontrávamos, na sala contígua. De lá, podíamos ouvir nitidamente os gritos, primeiro do interrogador e depois de Vladimir e ouvimos quando o interrogador pediu que lhe trouxessem a ‘pimentinha’ e solicitou ajuda de uma equipe de torturadores. Alguém ligou o rádio, e os gritos de Vladimir se confundiam com o som do rádio”, relatou Rodolfo Osvaldo Konder, que estava preso no DOI-CODI na ocasião da morte de Herzog, à Corte Interamericana de Direitos Humanos.

Procurado, Bolsonaro não retornou.

“Lá [nos Estados Unidos], o número de mortes por 100 mil habitantes é na ordem de cinco vezes menos do que aqui”

Jair Bolsonaro, pré-candidato do PSL à Presidência da República no programa Mariana Godoy Entrevista do dia 6 de julho de 2018

VERDADEIRO, MAS

Segundo o [Atlas da Violência 2018](#), publicado em junho, a taxa de homicídios no Brasil em 2016 foi de 30,3 por 100 mil habitantes. Nos Estados Unidos, no mesmo ano, [estava em 5,4 por 100 mil habitantes](#). Ou seja, a taxa brasileira é 5,6 vezes a americana.

Entretanto, Bolsonaro atribui essa diferença, ao menos em parte, ao estatuto do desarmamento. Em outros países desenvolvidos com políticas de armas mais restritivas que os Estados Unidos, a taxa de homicídios é consideravelmente mais baixa. Em [Inglaterra e País de Gales](#), por exemplo, a taxa no mesmo período foi de 1,2 por cem mil habitantes (total de 709), enquanto na [França](#), mesmo considerando atentados terroristas, essa taxa estava em 1,3 por cem mil (total de 892). No [Japão](#), em 2015 (último dado disponível), a taxa era ainda mais baixa: 0,7 por cem mil (total de 933).

“O Ceará é um dos estados mais violentos do Brasil, mais até do que o Rio de Janeiro”

Jair Bolsonaro, pré-candidato do PSL à Presidência da República em entrevista ao programa Programa Cidade 190 no dia 29 de junho

VERDADEIRO

O Atlas da Violência 2018 mostra que, em 2016, o Ceará teve taxa de 40,6 homicídios por 100 mil habitantes – a 10ª mais alta entre as 27 unidades federativas brasileiras. O Rio de Janeiro, por sua vez, ficou na 14ª posição, com uma taxa de 36,4 homicídios a cada 100 mil habitantes. O estado com a maior taxa foi Sergipe (64,7), e o com a menor foi São Paulo (10,9).

Editado por: Natália Leal e Cristina Tardáguila



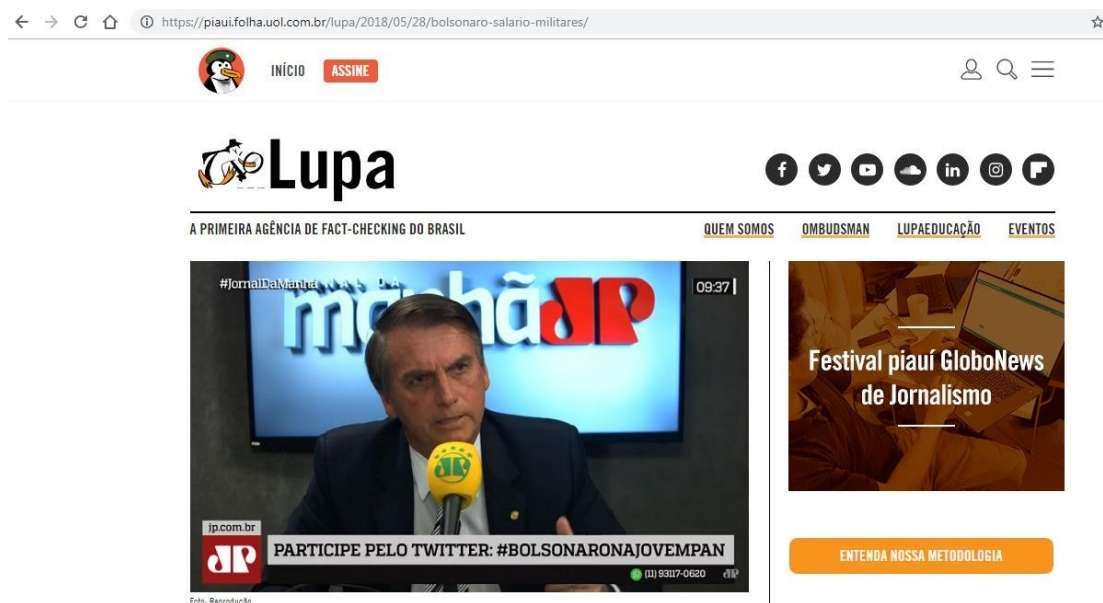
O conteúdo produzido pela Lupa é de inteira responsabilidade da agência e não pode ser publicado, transmitido, reescrito ou redistribuído sem autorização prévia.

A Agência Lupa é membro verificado da International Fact-checking Network (IFCN). Cumpre os cinco princípios éticos estabelecidos pela rede de checadores e passa por auditorias independentes todos os anos.

TIPO DE CONTEÚDO

CHECAGEM

ANEXO D



Bolsonaro erra ao dizer que general, capitão e sargento ‘ganham basicamente a mesma coisa’

por CLARA BECKER E NATHÁLIA AFONSO
28.MAIO.2018 | 16H00 |



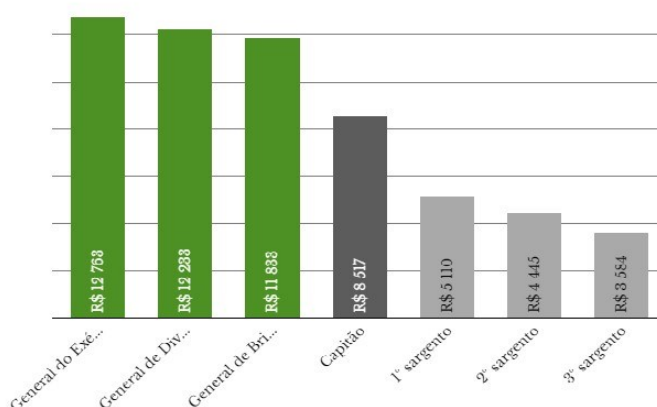
Na semana passada, o pré-candidato do PSL ao Palácio do Planalto, Jair Bolsonaro, foi sabatinado pela Rádio Jovem Pan News. Ele falou sobre pesquisas eleitorais e tempo de TV. Além disso, a **Lupa** também checkou outras entrevistas que o político deu no início de maio. Veja abaixo o resultado:

“[General, capitão e sargento] ganham basicamente a mesma coisa”
Jair Bolsonaro, pré-candidato do PSL à Presidência da República, em entrevista ao Café na Política do dia 12 de maio de 2018

FALSO

Procurado o Ministério da Defesa informou que um General do Exército – posto mais alto do Exército brasileiro em tempos de paz – recebe, atualmente, R\$ 12.763 por mês. Um terceiro sargento, por sua vez, ganha mensalmente R\$ 3.584. As remunerações não são, portanto, “basicamente a mesma coisa”, como diz Bolsonaro. Há uma diferença de pelos menos R\$ 3 mil entre os salários de sargento e capitão e de outros R\$ 3 mil entre as remunerações mensais atuais de capitão e general.

Salários do Exército Brasileiro



Fonte: Ministério da Defesa (maio de 2018)

Share

Lupa

Procurado, Bolsonaro disse que não comentaria.

“Ele [Ciro] continua falando que quer indulto para o Lula”

Jair Bolsonaro, pré-candidato do PSL à Presidência da República, em sabatina na Rádio Jovem Pan News, no dia 22 de maio

FALSO

A possibilidade de um indulto ao ex-presidente Lula apareceu pela primeira vez na coluna que a jornalista Mônica Bergamo publicou no jornal Folha de S.Paulo no dia 3 de maio. O texto afirmava que o PT proporia a candidatos de centro-esquerda que apoiassem a medida. “Esse deve ser um dos pontos centrais do discurso de campanha do partido [PT] caso tenha candidato próprio [em 2018]: tirar Lula da cadeia para que possa concorrer em 2022”.

Dois dias depois, o pré-candidato do PDT à Presidência, Ciro Gomes, falou sobre o assunto e criticou a estratégia, dizendo que seria “uma burrice”. “O presidente Lula está a meio caminho de recursos [na Justiça]. Se a burocracia do PT cria uma campanha pelo indulto, o que ela está dizendo? Que o Lula será condenado em última instância”, afirmou Ciro. “Isso nega a estratégia dos advogados do Lula (...) Eu não vou cair nessa burrice”.

No dia 15 de maio, na Suécia, Ciro foi questionado mais uma vez sobre o assunto e disse que dar o benefício à Lula seria uma loucura e que o ex-presidente não aprovaria. “Indulto é apenas para aqueles que já foram condenados em todas as instâncias. E Lula ainda está recorrendo da decisão que o condenou”.

Procurado, Bolsonaro disse que não comentaria.

“Todo mundo está próximo disso [rejeição de 50% nas pesquisas]”

Jair Bolsonaro, pré-candidato do PSL à Presidência da República, em sabatina na Rádio Jovem Pan News, no dia 22 de maio

EXAGERADO

A última pesquisa Datafolha, divulgada em abril, indica que apenas dois dos 19 nomes cotados como pré-candidatos à presidência da República têm rejeição próxima de 50%. São eles: o atual presidente, Michel Temer (MDB), com 64% de rejeição, e o ex-presidente e atual senador Fernando Collor (PTC-AL), com 41% (página 49).

Lula e Bolsonaro, que se alternam na liderança das intenções de voto nos cenários levantados pelo Datafolha, aparecem com 36% e 31% de rejeição, respectivamente. Geraldo Alckmin tem 29%; Ciro Gomes, 23%; Marina Silva, 22%; e Rodrigo Maia, 21%, enquanto outros onze políticos aparecem com um índice que varia entre 19% e 12%. O levantamento mostra ainda que 4% dos entrevistados rejeita todos os candidatos analisados pela pesquisa.

Procurado, Bolsonaro disse que não comentaria.

“Estão crescendo 7% [no Paraguai]”

Jair Bolsonaro, pré-candidato do PSL à Presidência da República, em sabatina na Rádio Jovem Pan News, no dia 22 de maio

EXAGERADO

De acordo com dados do Fundo Monetário Internacional, o Paraguai cresceu 4,3% no ano passado. Em 2016, o crescimento foi de 4% e, em 2015, de 3% – bem abaixo dos 7% citados por Bolsonaro. O pré-candidato citou o país latino ao falar de suas ideias sobre

política externa e defender a validade de acordos bilaterais.

Procurado, Bolsonaro disse que não comentaria.

“Sozinho, eu tenho a metade do tempo [de propaganda de TV] do Enéas [em 1989]”

Jair Bolsonaro, pré-candidato do PSL à Presidência da República, em sabatina na Rádio Jovem Pan News, no dia 22 de maio

AINDA É CEDO PARA DIZER

O tempo reservado para cada candidato no horário eleitoral de TV só será conhecido depois de registradas todas as candidaturas – o que poderá ser feito até 15 de agosto. A propaganda partidária de candidatos à presidência vai durar 12 minutos e 30 segundos, de acordo com a Lei 9.504/97. Desse tempo, 90% vai ser dividido de acordo com o número de deputados de cada coligação e 10%, igualmente entre todos os candidatos. Como esse número ainda não é conhecido, é impossível dizer, agora, quanto tempo cada candidato terá.

Na campanha de 1989, o candidato do extinto Prona, Enéas Carneiro (1938-2007), tinha 15 segundos de TV em cada bloco de horário eleitoral gratuito. As regras para divisão do tempo de propaganda naquela época não eram as mesmas da eleição deste ano. Portanto, não é possível fazer essa comparação.

Procurado, Bolsonaro disse que não comentaria.

“Audiência de custódia: você sabe que o policial prende o marginal em flagrante e, em menos de 24 horas, metade deles são postos em liberdade”

Jair Bolsonaro, pré-candidato do PSL à Presidência da República, em sabatina na Rádio Jovem Pan News, no dia 22 de maio

VERDADEIRO

Segundo o Conselho Nacional de Justiça, 46% dos presos em flagrante levados a audiências de custódia são liberados. Mesmo assim, respondem a processo pelo crime que motivou a prisão.

O estudo do CNJ foi divulgado em 2017 e levou em conta 955

audiências de custódia realizadas no Distrito Federal, no Rio Grande do Sul, na Paraíba e em Tocantins, Santa Catarina e São Paulo.

Editado por: Cristina Tardáguila e Natália Leal





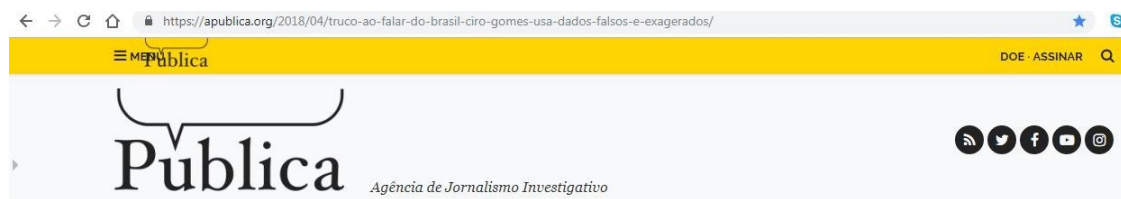
O conteúdo produzido pela Lupa é de inteira responsabilidade da agência e não pode ser publicado, transmitido, reescrito ou redistribuído sem autorização prévia.

A Agência Lupa é membro verificado da International Fact-checking Network (IFCN). Cumpre os cinco princípios éticos estabelecidos pela rede de checadores e passa por auditorias independentes todos os anos

TIPO DE CONTEÚDO

CHECAGEM

ANEXO E



CHECAGEM

Ao falar do Brasil, Ciro Gomes usa dados falsos e exagerados

Presidenciável citou números errados sobre segurança, dívida pública e Previdência ao participar de fóruns e entrevistas na Europa

17 de abril de 2018

Ethel Rudnitzki, Mauricio Moraes, Patrícia Figueiredo



Ciro Gomes em palestra na UFABC, em 2017; no exterior, pré-candidato mencionou dados falsos



10.8K

10.8K
SHARES

O PDT lançou Ciro Gomes como pré-candidato à presidência em 8 de março. A primeira vez que ele disputou o cargo foi em 1998, e esta será a sua terceira tentativa. O político começou sua pré-candidatura com entrevistas e viagens falando sobre suas propostas. Ainda em março, Ciro foi à Europa para participar de fóruns e entrevistas sobre a conjuntura política e econômica brasileira em diversas universidades.

O **Truco** – projeto de fact-checking da **Agência Pública** – selecionou e checkou oito falas de Ciro Gomes ditas em entrevista à **Radio França Internacional (RFI)** e em **palestra na Universidade de Sorbonne**. A assessoria de imprensa do presidenciável foi procurada, mas não divulgou a origem dos dados citados. Após análise, a maioria das afirmações do pré-candidato foi considerada falsa. A assessoria de Ciro foi comunicada sobre os selos dados às frases – pela metodologia do **Truco**, essa é a segunda chance que os políticos têm de se manifestar –, mas, de novo, preferiu não responder. Leia abaixo o resultado da checagem.



10.8K

10.8K
SHARES

A taxa de esclarecimento de homicídios citada por [Ciro Gomes](#) na entrevista à RFI costuma ser bastante repetida por figuras públicas. O **Truco** já [checou](#) afirmações parecidas ditas pelo ministro do Supremo Tribunal Federal (STF) [Gilmar Mendes](#) e pelo senador [Wilder Moraes](#) (PP-GO), autor do Estatuto do Armamento. Os números provocam impacto por mostrarem a ineficiência da polícia, mas o dado é falso.

O Instituto Sou da Paz atribui a repetição desse dado a um [documento oficial da Estratégia Nacional](#)

de Segurança Pública (Enasp). “Ele cita uma pesquisa que não existe, porque não existe indicador nacional para os casos de esclarecimento de homicídios no Brasil. O que existe são pesquisas regionais que precisam ser avaliadas por não seguirem um mesmo padrão”, explica Bruno Langeani, gerente de sistemas de justiça e segurança pública do Sou da Paz.



10.8K



No documento da Enasp, a informação é atribuída a uma pesquisa da Associação Brasileira de Criminalística, que por sua vez, diz que a fonte é o livro [O Inquérito Policial no Brasil: uma pesquisa empírica](#), de Michel Misse. “Não existe taxa nacional [de solução de homicídios]. (...) Há aproximações como a do CNJ [Conselho Nacional de Justiça] e até hoje só a vejo sendo repetida. [No meu trabalho, encontramos uma taxa média para cinco capitais entre 10% e 15%.](#) Mas não é uma taxa nacional”, disse Misse, em entrevista ao **Truco**.

A reportagem também procurou documentos do Ministério da Justiça e levantou dados do estudo [“A Investigação de Homicídios no Brasil”](#). Porém, não encontrou números nacionais padronizados e consolidados.



10.8K

10.8K
SHARES

Como são resolvidos os homicídios

Pesquisa	UF	Período	Taxa de esclarecimento
Soares et al. (1996)	RJ	1992	8 %
Rifiotis (2007)	SC	2000-2006	43 %
Ratton e Cireno (2007)	PE	2003-2005	15 %
Misse e Vargas (2007)	RJ	2000-2005	14 %
Sapori (2007)	MG	2000-2005	15 %
Costa (2010)	DF	2003-2007	69 %

Fontes: Ribeiro (2009) e Costa (2010)



O Sou da Paz fez um levantamento de diversos dados disponíveis sobre registro e esclarecimento de homicídios no Brasil como parte de uma campanha de combate à violência. A conclusão foi publicada no estudo [“Onde Mora a Impunidade: porque o Brasil precisa de um indicador nacional de esclarecimento de homicídios”](#). “O que o Sou da Paz defende é que seja feito um indicador nacional oficial que aplique uma só metodologia, não só para poder combater a impunidade, mas para poder comparar um estado ao outro”, explica Langeani.

“A dívida absolutamente explosiva tem hoje R\$ 1,184 trilhão, ou seja 26% da dívida pública, vencendo em 4 dias.”



Ao responder a uma pergunta sobre os problemas mais urgentes do Brasil no final da entrevista à RFI, [Ciro Gomes](#) afirmou que o país está quebrado. Para exemplificar essa situação, o pré-candidato à Presidência citou que 26% da dívida pública do Brasil, que corresponderiam a R\$ 1,184 trilhão, venceria em quatro dias. O **Truco** confrontou essa afirmação com os dados disponíveis no [Relatório da Dívida Pública Federal de fevereiro, elaborado pela Secretaria do Tesouro Nacional](#), e descobriu que a afirmação é falsa.

Os números mostram que o estoque da dívida pública do governo federal em fevereiro, ou seja, seu valor total, era de R\$ 3,582 trilhões. O cálculo de 26% dessa quantia corresponde a R\$ 931,32 bilhões, o que é inferior ao R\$ 1,184 trilhão mencionado pelo presidencial. A informação de que esse percentual venceria em quatro dias também é falsa. De acordo



com o documento, 17,76% da dívida – isto é, R\$ 637,29 bilhões – vencem dentro de 12 meses. O restante vai vencer em prazos maiores: de 1 a 2 anos (14,16%); de 2 a 3 anos (14,79%); de 3 a 4 anos (16,93%); de 4 a 5 anos (12,18%); mais de 5 anos (24,15%).

Outro indicador importante presente no documento é o prazo médio de vencimento da dívida. Em fevereiro, ficou em 4,27 anos. Logo, não há nenhuma urgência para que o pagamento ocorra dentro de quatro dias. Além disso, a dívida de prazo mais curto é bem menor do que o valor citado por [Ciro Gomes](#) – sua duração chega a até um ano. Os números não confirmam a tendência alertada pelo presidencial, o que torna a sua frase falsa.

“O déficit da Previdência, depois de subtraídos os seus recursos pela DRU [Desvinculação de Receitas da União], chegou a R\$ 180 bilhões ano passado.”

10.8K
SHARES

A definição sobre se existe ou não um déficit na Previdência é discutível. O governo considera um conjunto de receitas e despesas como parte da seguridade social – que engloba a Previdência – para calcular o rombo no sistema. Entidades como a Associação Nacional dos Auditores Fiscais da Receita Federal (Anfip) e a Confederação Brasileira de Aposentados, Pensionistas e Idosos (Cobap) defendem outra metodologia para essa conta, que especialistas consideram igualmente válida.

Ao falar sobre o tema na entrevista à RFI, Ciro Gomes adotou a metodologia do governo federal para dizer que, em 2017, o déficit chegou a R\$ 180 bilhões, se for desconsiderada a Desvinculação de Receitas da União (DRU). A DRU é um mecanismo por meio do qual o governo pode redirecionar até 30% de todos os tributos federais vinculados por lei a fundos e despesas para outras áreas. Críticos da reforma da Previdência afirmam que a retirada desses recursos acaba por aumentar o

déficit. O número usado por Ciro, no entanto, é falso.

Os dados do Ministério do Planejamento mostram que o valor do déficit em toda a seguridade social no ano passado, sem considerar a DRU, foi de R\$ 192,1 bilhões. Levando-se em conta a desvinculação, o número sobe para R\$ 292,4 bilhões. Em 2016 e 2017, o uso da DRU atingiu os valores recordes de R\$ 92 bilhões e R\$ 100,4 bilhões, respectivamente. Entre 2013 e 2015, manteve-se na casa dos R\$ 60 bilhões. Já o déficit apenas da Previdência Social foi de R\$ 268,8 bilhões.

“O Brasil está se desindustrializando como nenhum outro país no mundo.”

10.8K
SHARES

Não há consenso entre especialistas sobre se o Brasil está de fato se desindustrializando, como disse Ciro à RFI. Existem diferentes hipóteses sobre o tema e até sobre o próprio conceito de desindustrialização. “O assunto é muitas vezes abordado sem uma definição clara do termo e que há também excessiva concentração da pesquisa aplicada em torno da participação da indústria no valor adicionado”, diz Gabriel Squeff, pesquisador do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), em seu estudo “Desindustrialização: Luzes e Sombras no Debate Brasileiro”.

Se considerada a desindustrialização apenas como redução persistente da participação da



10.8K

10.8K
SHARES

indústria no Produto Interno Bruto (PIB), isso está de fato acontecendo no Brasil. De acordo com dados do Banco Mundial, a porcentagem da indústria manufatureira brasileira no PIB nacional diminuiu 17,9 pontos percentuais de 1960 para 2016 – antes representava 29,6% e passou a representar 11,7%.

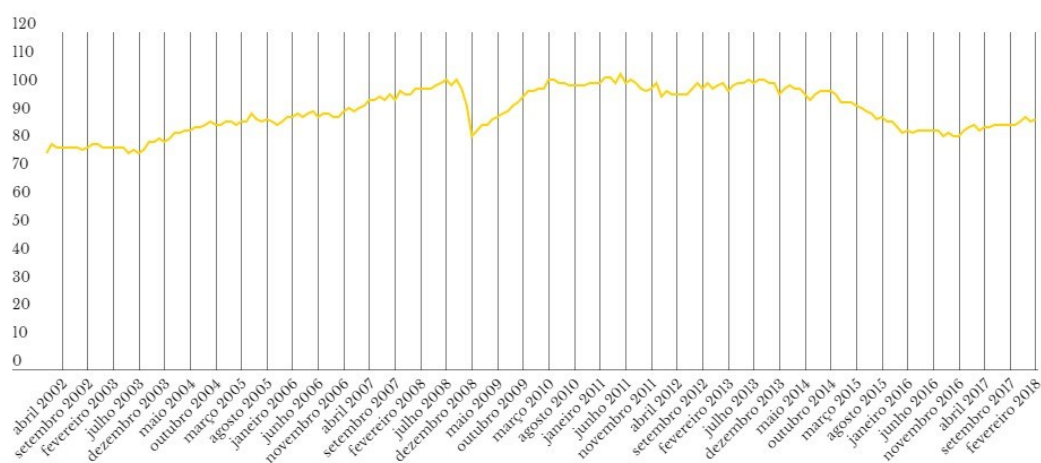
Outro defensor dessa tese é o economista coreano Ha-Joon Chang que, em entrevista ao *El País*, avaliou a situação brasileira como excepcional. “O Brasil está experimentando uma das maiores desindustrializações da história da economia”, avaliou. Segundo ele, a indústria de transformação representava 30% da produção nacional nos anos 80 e 90 e atualmente não chega a 12%.

Se forem observados outros fatores como evolução do emprego e produtividade, no entanto, a desindustrialização não se observa de maneira tão evidente. Dados da Pesquisa Industrial Mensal – Produção Física do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) mostram que houve aumento de janeiro de 2012 a fevereiro de 2018. Nesse intervalo, a produção industrial foi de 77,2 para 89,1 – número índice formulado a partir

de dados de 2012 – um aumento de 13%. Em alguns períodos, como em março de 2011, o crescimento chegou a 26% – foi de 77,2 para 104,8.

Produção Física Industrial

Seções e atividades industriais - Indústria geral



Índice de base fixa com ajuste sazonal (Base: média de 2012 = 100)
Fonte: IBGE - Pesquisa Industrial Mensal - Produção Física



10.8K

0.8K
SHARES



0.8K
HARES

Outros fatores também podem explicar a redução estatística da indústria no PIB sem significar uma real redução da participação industrial na economia. Em entrevista ao **Truco**, o pesquisador Mauro Oddo Nogueira, do Ipea, cita um deles. “O processo de terceirização na indústria produz uma percepção de desindustrialização que não necessariamente é verdade”, diz. Ele explica que quando um serviço industrial é terceirizado, o valor adicionado e as contratações relacionadas a ele entram como serviços nas estatísticas do PIB, não como indústria, fazendo com que aparentemente a porcentagem da indústria diminua.

A terceirização de serviços industriais também é citada, entre outras coisas, como fator de contradição sobre a desindustrialização no artigo [“Uma crítica aos indicadores mais usuais de desindustrialização no Brasil”](#), do professor da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR) Ricardo Lobato Torres e do economista e pesquisador Henrique Cavalieri. “[Uma] segunda causa de ilusão estatística seriam as mudanças metodológicas nas formas de apresentação dos dados do IBGE, como possível realocação de empresas antes classificadas como industriais para outros setores de atividade econômica”, acrescenta o estudo.

Além disso, se confrontada com outros países, a situação brasileira pode ou não ser considerada excepcional, dependendo do período analisado e dos fatores comparados. O [relatório de 2016 da Conferência das Nações Unidas para Comércio e Desenvolvimento](#), mostra que, de 1970 para 2014, a participação da indústria no valor econômico adicionado no comércio do Brasil caiu de 27,4% para 10,9%, a maior queda de todos os países destacados no estudo.

Contudo, como mostram [dados do Banco Mundial](#), a participação da indústria no PIB brasileiro foi de 28% para 21% de 2005 a 2016 – 7 pontos percentuais de redução. No mesmo período, o Chipre teve redução de 9 pontos percentuais. Na Finlândia, a redução foi de 10 pontos percentuais. Na Noruega, foi de 11 pontos percentuais.

A redução para o mesmo período em toda a América Latina e Caribe foi de 7 pontos percentuais – a mesma que o Brasil.

Levando-se em conta outros fatores como a produção industrial na conta da desindustrialização, a situação brasileira é melhor do que a de outras economias. Segundo as [estatísticas mundiais de produção manufaturada da UNCTAD](#), o Brasil teve um crescimento de 6,2% no último quadrimestre de 2017 – acima da média de países com economias industriais emergentes, que foi de pouco mais de 4% em comparação com o mesmo quadrimestre do ano retrasado. A África do Sul, por exemplo, teve crescimento inferior, de apenas 2%.

A classificação da afirmação do pré-candidato, portanto, depende dos critérios utilizados e não é unânime entre especialistas. Como se pode chegar a conclusões diferentes por meio de critérios igualmente válidos, foi classificada como discutível.



0.8K
HARES



0.8K
HARES

E o Lula entrega pra Dilma a valor constante com taxa de câmbio de R\$ 1,75. Ou seja, na constância do governo Lula o povo aumentou em 4 vezes a capacidade de consumir.”

f
10.8K
SHARES



Por mais que a taxa de câmbio entre o real e o dólar tenha diminuído de janeiro de 2003, quando Luiz Inácio Lula da Silva (PT) tomou posse, até janeiro de 2011, quando Dilma Rousseff (PT) ocupava a Presidência, os valores citados pelo presidencialista estão ligeiramente inflados. Além disso, em sua palestra na Sorbonne, em 28 de março, Ciro dá a entender que essa flutuação resulta em um aumento direto na capacidade de consumir, o que não é necessariamente verdade. O professor Paulo Feldmann, da Faculdade de Economia e Administração da Universidade de São Paulo (FEA-USP), explica que não é possível dizer que a taxa de câmbio aumenta o poder de compra.

“É uma questão muito importante e polêmica entre os economistas. Não é tão simples assim.” Por isso, a afirmação foi classificada como exagerada.

Segundo dados do Banco Central, no dia 2 de janeiro de 2003 (primeira cotação do ano), a taxa de câmbio era de R\$ 3,52/dólar. Corrigido pela inflação (IPCA) de março de 2018, o valor seria de R\$ 8,54 – menor que os R\$ 9,20 citados pelo presidencialista. Oito anos depois, em 3 de janeiro de 2011, primeira cotação com Dilma no governo, a taxa de câmbio havia diminuído para R\$ 1,65 /dólar, valor próximo ao citado pelo pré-candidato. Hoje, o valor corresponderia a R\$ 2,55.

f
10.8K
SHARES

LEIA
TAMBÉM

Ciro Gomes exagera dados ao criticar Previdência

Valor destinado a 2% dos beneficiários não corresponde a um terço do total, como afirmou o político do PDT

Ainda que a taxa de câmbio tenha diminuído 3,3 vezes, corrigindo-se os valores pela inflação, isso não se reflete imediatamente no consumo da população. É possível perceber isso ao analisar o crescimento do Produto Interno Bruto em paridade do poder de compra de 2003 a 2011. Segundo levantamento do Banco Mundial, o PIB per capita em paridade do poder de compra brasileiro aumentou 64%

Desabafo de Ciro Gomes escondido pela Globo é notícia falsa

Corrente de WhatsApp diz que entrevista de ex-governador teria sido ocultada, mas depoimento ocorreu em programa da RedeTV!

nesse período – foi de US\$ 9.690,58 para US\$ 14.973,01. Portanto, houve acréscimo no poder de compra de 1,5 vezes, não de 4 vezes como aponta o pré-candidato.

Outras variáveis ainda podem explicar essa alteração no poder de compra, não necessariamente relacionados à taxa de câmbio. Feldmann cita a criação do Bolsa Família e o

aumento do salário mínimo durante o governo Lula como os principais fatores.

Além disso, para muitos economistas uma baixa taxa de câmbio pode inclusive diminuir o poder de compra. “A taxa de câmbio baixa, como está hoje, dificulta a exportação porque deixa o real muito alto, e incentiva a importação. Assim, no Brasil nós não geramos emprego como poderíamos gerar, pois importamos produtos que poderiam ser produzidos no território nacional”, explica o professor.

f
10.8K
SHARES

“O governo federal faz uma intervenção no Rio, mas constrangeu o Rio de Janeiro, num acordo recente pelo colapso fiscal, a não repor policiais aposentados. Está proibido de fazer concurso no Rio.”



É verdade que a União e o governo do Rio de Janeiro firmaram um acordo em resposta à situação financeira do estado. Porém, ao contrário do que **Ciro** afirmou, em palestra na Sorbonne, o contrato não proíbe o Rio de repor policiais aposentados nem de realizar concursos. Na realidade, a contratação nesses casos é uma das únicas permitidas.

O Termo de Compromisso foi assinado no dia 5 de setembro de 2017 pelo presidente Michel Temer (MDB) e pelo governador Luiz Fernando Pezão (MDB). Sua cláusula 6ª determina que o estado se

comprometa em “IV – não admitir ou contratar pessoal, a qualquer título, ressalvadas as exceções previstas no art. 22, IV, da Lei Complementar nº 101/2000 e as reposições de cargos de chefia e de direção que não acarretem aumento de despesa e aquelas decorrentes de vacâncias de cargos efetivos ou vitalícios das carreiras típicas de estado; V – não realizar concurso público, exceto para as reposições previstas no item IV desta cláusula”.

As exceções estão citadas na Lei Complementar nº 101/2000 que regulamenta a gestão fiscal dos estados pela União. O artigo 22, inciso IV, prevê a vedação de “provimento de cargo público, admissão ou contratação de pessoal a qualquer título, ressalvada a reposição decorrente de aposentadoria ou falecimento de servidores das áreas de educação, saúde e segurança”.

Policiais, civis ou militares, são servidores públicos da área de segurança. Assim, a reposição por aposentadoria deles está mantida, sendo permitida a realização de concurso para as vagas. Portanto, a fala do pré-candidato foi considerada falsa.

“O Brasil tem a mais perversa distribuição de renda de todas as sociedades organizadas que eu me dei a observar. Olha o número: cinco pessoas têm fortuna equivalente a 100 milhões de nacionais, que vem a ser a metade da nossa população.”



Para avaliar o nível de desigualdade social de um país, economistas utilizam principalmente índices que comparam a concentração de renda e a concentração de patrimônio nas populações selecionadas. Em sua afirmação durante palestra na Sorbonne, **Ciro** Gomes explora os dois dados, afirmando que a distribuição de renda no Brasil é a mais perversa “de todas as sociedades organizadas” que ele observou e também que, no país, cinco pessoas detêm uma fortuna equivalente à de 100 milhões de brasileiros.



10.8K

10.8K
SHARES

10.8K

10.8K
SHARES

10.8K

0.8K
SHARES



O **Truco** checou as informações em relatórios e pesquisas sobre desigualdade social e concluiu que a afirmação é verdadeira. A concentração de renda no Brasil é a maior do mundo no recorte que analisa a renda do grupo que compõe o 1% da população mais rico. Já em relação à concentração de riquezas, de acordo com um estudo da Oxfam publicado em janeiro de 2018, cinco bilionários concentram patrimônio equivalente ao da metade mais pobre da população brasileira, o que corresponde a aproximadamente 100 milhões de pessoas, como afirma **Ciro Gomes**.

O dado está no estudo “Recompensem o trabalho, não a riqueza”. A pesquisa é da Oxfam, confederação de ONGs que atua em 94 países e faz estudos sobre concentração de riqueza e desigualdade social. O levantamento foi feito com base em dados do Global Wealth Databook 2017, compilado anualmente pelo banco Credit Suisse.

De acordo com o relatório, cinco brasileiros possuem a mesma riqueza que a soma do que possui a metade mais pobre da população, mais de 100 milhões de pessoas. Trata-se do patrimônio acumulado pelos cinco bilionários mais ricos do Brasil: Jorge Paulo Lemann, Joseph Safra, Marcel Herrmann Telles, Carlos Alberto Sicupira e Eduardo Saverin. O

resumo do estudo, preparado pela Oxfam Brasil, extrai trechos do estudo e destaca os dados relacionados ao país.



Há outros documentos que desenharam um panorama da concentração de riquezas no Brasil e no mundo. Publicada em dezembro de 2017, a Pesquisa Desigualdade Mundial 2018, coordenada pelo economista francês Thomas Piketty, avalia quais países têm maior concentração de renda nas parcelas mais ricas de sua população. De acordo com o estudo, em 2015, último ano analisado, o líder em uma das categorias era mesmo o Brasil. Aqui, o 1% mais rico detinha 27,8% da renda do país naquele ano, índice mais alto dentre todos os países pesquisados. Os dados estão disponíveis no banco de dados World Inequality Database (WID), que monitora a evolução da concentração de renda no mundo nos últimos anos. No entanto, a pesquisa destaca que a análise da renda concentrada no 1% mais rico não é a única possível.

No recorte que compara os 10% mais ricos em relação ao resto da população, o Brasil não está em primeiro lugar. O país fica atrás da África do Sul, onde o grupo mais rico

concentra 65% da renda nacional. O Brasil, com 55,6%, também fica ligeiramente atrás de alguns países do Oriente Médio, como o Líbano, com 57,1%, e dos Emirados Árabes Unidos, com 56% de concentração de renda nos 10% mais ricos.



Apesar disso, a pesquisa destaca que os dados desses países muitas vezes não são tão recentes quanto o apurado para o Brasil, tanto para o recorte do 1% mais rico quanto para a análise dos 10% mais ricos. Os dados para África do Sul, Líbano e Emirados Árabes são de 2012, 2014 e 2009, respectivamente. O número apurado para o Brasil é relativo a 2015. A pesquisa não contempla todos os países do mundo: diversas nações africanas, onde a desigualdade é considerada alta, ficam de fora do estudo comandado por Piketty devido a dificuldades metodológicas.

O banco de dados World Inequality Database (WID) também reúne estatísticas sobre concentração de patrimônio, mas, neste parâmetro, não há dados do Brasil ou outros países em desenvolvimento.



10.8K

0.8K
HARES

Atualização (17/04, às 17 horas): Alterado o limite máximo da DRU citado no texto, de 20% para 30%. A mudança ocorreu com a Emenda Constitucional nº 93/2016. Ciro também afirmou que o déficit sem a DRU foi de R\$ 180 bilhões.

Atualização 2 (17/04, às 18h50): O selo da frase em que Ciro Gomes afirma que cinco pessoas têm fortuna equivalente à de 100 milhões de brasileiros foi alterado de *Exagerado* para *Verdadeiro*. A checagem tinha se baseado em um estudo de setembro de 2017, mas a Oxfam fez uma análise mais recente, com outra metodologia, divulgada em janeiro, que chega a essa conclusão. 



ANEXO F

← → ↻ 🏠 🔒 <https://apublica.org/2018/05/truco-bolsonaro-dispara-dados-falsos-sobre-economia-saude-e-educacao/> ☆ 📱

MENU DOE · ASSINAR 🔍

Pública Agência de Jornalismo Investigativo

95.2K

📧

📧

📧

📧

📧

📧

15.2K HARES

CHECAGEM

Bolsonaro dispara dados falsos de economia, saúde e educação

Pré-candidato também utilizou números incorretos sobre segurança pública, mas acertou porcentual comprometido do Orçamento

18 de maio de 2018

[Ethel Rudnitzki](#), [Felipe Sakamoto](#), [Maurício Moraes](#), [Patrícia Figueiredo](#)



95.2K

📧

📧

📧

📧

📧

📧

15.2K HARES

Em entrevista à rádio Super Notícia, Jair Bolsonaro (PSL) errou ao falar sobre questões que envolvem Roraima

Fabio Rodrigues Pozzebom/Ag



95.2K



95.2K
SHARES

Tradicionalmente afeito às pautas de segurança pública, Jair Bolsonaro, deputado federal e pré-candidato à Presidência pelo Partido Social Liberal (PSL), tem abordado também temas como educação, economia e saúde em entrevistas na imprensa. No dia 11 de maio, o presidenciável falou à rádio Super Notícia, de Belo Horizonte, e destacou assuntos como a crise dos venezuelanos em Roraima, o comprometimento do Orçamento federal com despesas obrigatórias e os gastos com a dívida pública.

Apesar disso, a entrevista ganhou repercussão principalmente por conta do trecho em que Bolsonaro ironiza o relatório da CIA, revelado pelo pesquisador Matias Spector, no qual o então presidente Ernesto Geisel autoriza o assassinato de opositores do regime militar. “Quem nunca deu um tapa no bumbum do filho e, depois, se arrependeu?”, disse o pré-candidato quando questionado, acrescentando ainda que a revelação do relatório teria como objetivo prejudicar a sua candidatura.

O Truco – projeto de checagem de fatos da Agência Pública – verificou oito frases da entrevista de Bolsonaro para a rádio. O pré-candidato havia sido checado em abril de 2017. Além dele, outros oito políticos que pretendem disputar a Presidência já foram verificados. Bolsonaro acertou ao falar sobre rigidez orçamentária, mas errou ao abordar questões de saúde e de educação. O deputado também utilizou dados incorretos para falar de hidrelétricas, crise de refugiados venezuelanos e violência em Roraima. A assessoria de imprensa do parlamentar foi procurada pela reportagem, mas não se pronunciou – nem quando questionada sobre as fontes das informações usadas, nem quando informada sobre o resultado da checagem.

Leia mais:

Flávio Rocha cita dados falsos sobre segurança pública

Marina Silva omite processos, mas acerta dados ambientais

Os exageros e imprecisões nas falas de Álvaro Dias

“[Em Roraima, com a chegada de refugiados venezuelanos], a violência multiplicou-se por quatro.”



As solicitações de refúgio feitas por venezuelanos ao governo federal cresceram 2.073% entre 2015 e 2017, de acordo com dados do Ministério da Justiça. Nesse mesmo período agravou-se a crise econômica e política na Venezuela. Os números mais recentes disponíveis sobre criminalidade na região, no entanto, mostram que a quantidade de crimes variou muito pouco entre 2014 e 2016. Nenhum desses indicadores teve seu número quadruplicado. A afirmação de Jair Bolsonaro é falsa.

Ainda não há informações consolidadas de 2017 para Roraima, mas as mortes por crimes violentos no estado, compiladas pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública, não quadruplicaram no período entre 2014 a 2016. Na



95.2K



95.2K
SHARES

categoria “Mortes violentas intencionais” – que engloba a soma das vítimas de homicídio doloso, latrocínio, lesão corporal seguida de morte e mortes decorrentes de intervenções policiais em serviço e fora – foi registrada uma taxa de 15,70 crimes a cada 100 mil habitantes em 2014, de 20,17 por 100 mil em 2015 – um aumento de 28,4% em relação ao ano anterior, ou de 1,3 vezes – e de 19,8 por 100 mil em 2016 – último dado disponível, com queda de 1,8% em relação ao ano anterior. O número absoluto de vítimas passou de 78, em 2014, para 102, em 2015 – aumento de 30%, ou de 1,3 vezes –, e 102, em 2016.

Se forem considerados os crimes violentos letais intencionais, que englobam homicídio doloso, latrocínio e lesão corporal seguida de morte, foram registrados 76 casos em 2015 e 86 em 2016 – variação de 13,1%, ou de 1,1 vezes. Já os casos de estupro em Roraima diminuiram 15,8% em um período de três anos. Foram de 278, em 2014, para 234, em 2016.

Existem outras estatísticas de segurança pública usadas por pesquisadores para medir a violência, além do índice de mortes violentas. Dados como roubos e furtos ajudam a entender o panorama da violência em cada estado. De acordo com o Fórum de Segurança

Pública, nesses indicadores os casos aumentaram 45,4%, ou 1,4 vezes. Em 2014, foram 827 crimes, enquanto em 2016 aconteceram 1.203 casos.

“A questão [de saúde] bucal é responsável por 30% dos prematuros.”



Não é a primeira vez que o pré-candidato cita dados que associam saúde bucal a partos prematuros. Em entrevista coletiva em Manaus, Bolsonaro também apresentou como proposta de campanha o investimento em odontologia na saúde pré-natal para diminuir o número de prematuros, a mortalidade infantil e os altos custos com neonatal. De acordo com pesquisas e especialistas, não é possível estabelecer as exatas causas de prematuridade, e a saúde bucal não está nem entre os principais fatores de risco. Por isso, a afirmação

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), cerca de 15 milhões de crianças nascem antes de completarem 37 semanas de gestação todos os anos no mundo, configurando prematuridade. Além disso, complicações geradas pelo nascimento prematuro foram responsáveis pela morte de quase 1 milhão de bebês em 2013. No Brasil, segundo os últimos dados disponíveis no DataSUS, 317 mil partos prematuros foram realizados em 2016, 11,3% do total de partos no ano.

LEIA
TAMBÉM

João Amoêdo usa dado falso sobre homicídios e faz comparação distorcida

Presidenciável, que estreia na política, disse ainda frase discutível sobre o quanto do que se produz vira impostos

Para diminuir a incidência da prematuridade, a OMS lançou um guia de recomendações pré-natais e neonatais. Dentre as recomendações estão a administração antenatal de corticoides para melhorar desfechos clínicos nos prematuros e o uso do sulfato de magnésio para prevenção de complicações neurológicas no feto, entre outras coisas. O órgão também possui um documento de orientações



95.2K



95.2K
SHARES



95.2K



5.2K
SHARES

f 95.2K
95.2K
HARES

f 95.2K
95.2K
HARES

f 95.2K
95.2K
HARES

Os acertos, exageros e erros de Guilherme Boulos

Presidência usou dados corretos sobre investimento em educação e déficit habitacional, mas exagerou ao falar sobre Previdência e concentração da imprensa

gerais para o pré-natal. Em nenhum momento menciona-se algo sobre cuidados na saúde bucal da gestante no pré-natal.

Estudos indicam que condições odontológicas como a doença periodontal, que é uma infecção na gengiva, podem estar associadas ao parto prematuro ou de bebês com baixo peso. Mas alguns relatórios dessas pesquisas explicam que

qualquer tipo de infecção, seja ela na boca – como a doença periodontal – ou em qualquer parte do corpo, leva à liberação de prostaglandinas e outras substâncias inflamatórias com atividade hormonal, que favorecem o trabalho de parto prematuro”.

A pesquisadora e obstetra da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) Giuliane Lajos, responsável pelos Estudos Multicêntricos de Investigação de Prematuridade (EMIP), explica que não é possível estabelecer causa exata para partos prematuros, apenas fatores associados. “As infecções de maior risco para a prematuridade são a urinária e vaginal”, diz.

Os EMIP avaliaram mais de 5 mil partos em 20 hospitais brasileiros no período de abril de 2011 a julho de 2012, com a ocorrência de 4.150 casos de partos prematuros. Foram constatados diversos fatores de risco para parto prematuro. Os mais comuns foram a ausência de acompanhamento pré-natal conforme recomendado, baixo ganho de peso durante a gravidez, abuso de substâncias antes e durante a gravidez, vaginose bacteriana e infecção urinária.

Também constatou-se que 17% das gestantes que tiveram parto prematuro apresentavam doença periodontal, contra 16% das gestantes com parto dentro do período ideal. O coordenador dos estudos, Renato Passini, afirma que os EMIP não tiveram tamanho amostral suficiente para avaliar esse aspecto. No entanto, ele assume que “existem, de fato, estudos demonstrando associação entre aspectos da saúde bucal com a ocorrência de partos pré-termo.”

Principais fatores de risco para parto prematuro

Condições da gestante durante a gravidez	Parto Prematuro	Parto no tempo certo	Diferença
Cuidado pré-natal	95,5%	98,6%	-3,1%
Visitas adequadas ao atendimento pré-natal	67,3%	75,8%	-8,5%
Ganho de peso até 7kg	86,5%	91,7%	-5,2%
Abuso de substâncias	6%	3,6%	2,4%
Vaginose bacteriana	15%	10,9%	4,1%
Candidíase	18,2%	12,3%	5,9%
Infecção urinária	33,5%	29,7%	3,8%
Periodontite (ou doença periodontal)	17,1%	16,1%	1%

Fonte: EMIP

Share

Publica

Outra pesquisa realizada pela Coordenadoria de Serviços Sociais da Unicamp, em 2006, constatou que gestantes com quadro de doença periodontal têm risco 3,47 vezes maior de um parto prematuro e outras ocorrências perinatais. Foram acompanhadas 334 gestantes fazendo consultas pré-natais no Hospital das Clínicas da Unicamp. O estudo não garante que a doença tenha sido a causa dos partos prematuros. Outras variáveis podem ter levado

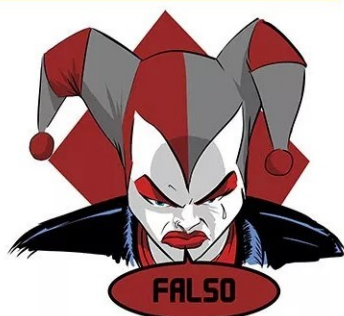
à prematuridade. Para a cirurgiã dentista responsável pelo estudo, Marianna Vogt, dizer que essa infecção e outros problemas relacionados à saúde bucal representam 30% dos partos prematuros no Brasil “é muita coisa”.

Apesar de antigo, não houve no Brasil outro estudo de magnitude mais recente sobre a relação entre saúde bucal e parto prematuros, apenas revisões de literatura estrangeira. A Universidade Federal de Minas Gerais realizou uma revisão de diversos estudos que relacionam a doença ao parto prematuro e concluiu que “a doença periodontal pode ser incluída como fator de risco para o mecanismo de indução do parto prematuro de crianças de baixo peso”. Mesmo sendo um fator de risco, nenhum desses estudos estabelece uma porcentagem para a quantidade de partos prematuros causados por condições associadas à saúde bucal.

O acompanhamento pré-natal inferior ao recomendado é um fator de risco maior do que a saúde bucal. Segundo os EMIP, um terço das mulheres que tiveram partos prematuros não realizaram as consultas pré-natais conforme recomendado pela OMS. Isso representa 33% dos prematuros. Nas recomendações da OMS não estão incluídas visitas a

profissionais de odontologia. Lajos, da Unicamp, explica que consultas ao dentista são recomendadas no pré-natal, mas não é o principal acompanhamento a ser feito. “A saúde bucal deve ser acompanhada em todas fases como saúde geral, durante a gestação não é diferente”, afirma.

“Hoje em dia nós temos o pior índice de educação do Brasil. Na penúltima prova do Pisa no Brasil nós ficamos nos últimos lugares entre 64 países.”



colocados na prova do Programa Internacional de Avaliação de Alunos (Pisa) nos dois últimos anos da avaliação (2015 e 2012). Porém, o país teve melhora de seu desempenho desde a primeira edição do ranking e também mostrou elevação em outros índices de educação nos últimos anos. Por isso, a afirmação do pré-candidato foi considerada falsa.

O Pisa é um teste realizado pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) a cada três anos desde 2000. A avaliação compara o

desempenho de alunos de diversos países. São analisados três tipos de conhecimento (ciências, matemática e leitura) e a cada ano um deles têm o foco maior. Também são avaliadas questões como de equidade de gênero e histórico social dos estudantes.

O último relatório publicado pelo programa é de 2015. Nesse ano, de 70 países participantes, o Brasil ficou em 63º lugar em ciências (401 pontos), 59º em leitura (407



pontos), e 65º em matemática (377 pontos). Na penúltima avaliação, de 2012, os resultados foram um pouco melhores. De 65 países participantes, o Brasil ficou em 58º lugar em matemática (391 pontos), 55º lugar em leitura (410 pontos) e 59º lugar em ciências (405 pontos).

Por mais que o desempenho dos estudantes brasileiros tenha caído de 2012 para 2015, não é correto afirmar que temos o pior índice de educação no país. Os próprios resultados do Pisa indicam que a educação no Brasil melhorou de 2000 para 2015. De acordo com o último relatório, a média brasileira aumentou em todas as áreas do conhecimento desde a primeira aplicação do exame. Em ciências, de 2006 a 2015, e em leitura, de 2000 para 2015, a elevação foi de aproximadamente 10 pontos, aumento considerado irrelevante estatisticamente. Já em matemática, apesar do recuo de 11 pontos de 2012 para 2015, a média aumentou 21 pontos de 2003 para o último ano da prova.

Comparativamente também, o desempenho do Brasil no Pisa não é o pior registrado. Na primeira edição da avaliação, o país ficou em último lugar nos três conhecimentos avaliados – 31º lugar de 31 países. Nos últimos anos, os resultados estão entre os 10% piores.

Outros indicadores também mostram que a educação no Brasil melhorou nos últimos anos. De acordo com o estudo “Um olhar sobre a educação”, publicado pela OCDE em 2016, o Brasil teve aumento do investimento em educação entre 2005 e 2014 – cerca de 1 ponto percentual do Produto Interno Bruto (PIB), enquanto a média dos países avaliados foi de 0,2 ponto.

Estudos internos realizados no Brasil também indicam melhora no ensino nas últimas décadas. O relatório Indicadores Nacionais de Desenvolvimento Brasileiro de 2001-2012, mostra que no período, a taxa de frequência ao ensino básico aumentou em todas as faixas etárias avaliadas. A taxas de permanência no estudo também cresceu, a de analfabetismo diminuiu e a média de anos de estudo para pessoas de 25 a 30 anos foi de 7,4 para 9,9 nesse intervalo de tempo.

O Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb) também mostrou evolução na educação brasileira, apesar de nem todas as metas terem sido atingidas. O indicador é

calculado a partir das taxas de aprovação dos estudantes e desempenho em exames nacionais. De 2005 a 2015, o índice foi de 3,8 para 5,5 pontos para alunos dos anos iniciais do ensino fundamental, de 3,5 para 4,5 para anos finais do ensino fundamental, e de 3,4 para 3,7 no ensino médio.

“Hoje em dia, praticamente metade do que se arrecada é para juros e rolagem de dívida.”



À primeira vista, a afirmação parece verdadeira. Isso porque, no ano passado, o gasto com a dívida pública foi de R\$ 654 bilhões, de acordo com o Plano Anual de Financiamento do Tesouro Nacional. Como a arrecadação federal foi de aproximadamente R\$ 1,34 trilhão em 2017, o gasto com a dívida seria equivalente a 48% da arrecadação total. No entanto, esses recursos empregados na manutenção da dívida pública não são originários





da arrecadação de impostos do governo federal. A maior parte dos recursos destinados para o pagamento da dívida é levantada pelo Tesouro

Nacional por meio de operações de refinanciamento ou emissão de novos títulos, ou seja, em operações com os chamados títulos mobiliários.

Isso significa que os recursos destinados à rolagem da dívida são decorrentes de novas dívidas que o governo cria, e não do gasto de parte das receitas arrecadadas. Recursos de impostos que poderiam ser empregados em áreas como saúde, educação e segurança pública, por exemplo, não estão sendo direcionados para a dívida, como sugere a afirmação do pré-candidato. A frase de Bolsonaro é falsa.

A dívida pública é composta principalmente de títulos emitidos pelo Tesouro Nacional para cobrir o déficit orçamentário do governo federal, ou seja, de dívidas emitidas para pagar despesas que ficam acima da arrecadação com impostos e tributos. Estes débitos baseados em títulos públicos são chamados de dívida mobiliária federal. Os títulos do

Tesouro Direto, que podem ser comprados por qualquer cidadão, são um exemplo de título de dívida mobiliária. Quando as operações com os títulos são feitas em reais, a dívida é classificada como interna. Quando ocorrem em moeda estrangeira, especialmente em dólar, trata-se de dívida externa.

No Relatório de Gestão Fiscal da União do 3º bimestre de 2017 do Tesouro é possível verificar que, ao somar o valor da rubrica “dívida mobiliária federal interna”, que é de aproximadamente R\$ 3,43 trilhões, com a externa, que é R\$ 111 bilhões, chega-se ao valor de R\$ 3,5 trilhões. Já a dívida pública total, de acordo com o mesmo documento, é de R\$ 5,37 trilhões. Portanto, a dívida mobiliária corresponde a aproximadamente 65% da dívida pública total.

Para o pagamento da dívida pública o governo se utiliza de duas fontes: recursos provenientes de emissões de novos títulos (ou seja, do refinanciamento da dívida mobiliária) e outras fontes financeiras vinculadas à dívida. No Orçamento de 2017, as despesas para pagamento da dívida, juros e amortização foram fixadas em R\$ 1,7 trilhão. Apesar disso, o próprio orçamento definiu que 84% dessas despesas devem ser pagas com

recursos provenientes de novos empréstimos.

O restante é financiado com as chamadas receitas “de não emissão”. Elas não são provenientes da cobrança de tributos, mas de bens e direitos financeiros da União, como os rendimentos de aplicações financeiras e os dividendos de empresas estatais das quais a União é acionista. Outro exemplo é o retorno de empréstimos concedidos a estados e municípios.

O uso dessas receitas no pagamento da dívida reduz a necessidade de emissão de novos títulos, ou seja, de novos empréstimos para honrar as obrigações próximas do vencimento. São, na maior parte dos casos, receitas legalmente vinculadas ao pagamento da dívida, que por força de lei precisam necessariamente ser empregadas para este fim.

Outra fonte de receita que pode ser utilizada para o pagamento da dívida é o superávit primário. O superávit ocorre apenas quando as receitas arrecadadas pelo governo federal com impostos são superiores às despesas primárias. Caso as despesas do Estado sejam maiores que as receitas primárias, ocorre um déficit primário.





95.2K

95.2K
SHARES

Desde 2014 a União está registrando sucessivos déficits primários, como mostram os relatórios anuais de Resultado do Tesouro Nacional. Em 2017, último ano apurado, o déficit foi de R\$ 124 bilhões. Quando ocorre déficit, a dívida da União aumenta, porque é preciso emitir títulos mobiliários para cobrir o rombo, para além da emissão dos títulos necessários para o refinanciamento da dívida anterior. “O abandono do superávit primário levou a uma distorção entre receita e despesa, obrigando o governo a aumentar a emissão de títulos tendo em vista também o aumento dos gastos”, explica o economista Eduardo Mekitarian, professor do departamento de economia da Faculdade Armando Álvares Penteado (Faap).

Em 2013, último ano em que foi registrado superávit primário, os recursos dessa sobra de fato foram destinados ao pagamento dos juros da dívida pública. O superávit foi de R\$ 75 bilhões, apenas R\$ 2 bilhões acima da meta prevista pelo Ministério da Fazenda. Em comparação com o orçamento para o ano de 2013, o superávit foi cerca de 3,5% do total. Nos anos seguintes, como não houve sobra, a dívida aumentou, e não foi empregado recurso de superávit para quitação dos débitos.

Há diversos materiais produzidos pelo próprio Tesouro Nacional que explicam o conceito de dívida pública e por que o dinheiro usado para sua manutenção não tem relação direta com investimentos em outras áreas ou com a arrecadação federal. Um exemplo é o relatório “Como o governo paga a Dívida Pública”, que é acompanhado de um vídeo educativo.

“Quando comparamos as despesas da dívida pública com os gastos de outros setores, como saúde e educação, podemos ter a falsa impressão de que os pagamentos da dívida consomem a maior parte da arrecadação de tributos”, explica o relatório. “No entanto, as despesas com juros e amortização no orçamento terão como contrapartida, na maioria das vezes, os recursos levantados por meio da rolagem da dívida, ou seja, via refinanciamento, e os recursos oriundos de receitas financeiras.”

Também são comuns reportagens dedicadas apenas a explicar o conceito de dívida pública e os principais mitos sobre o assunto, como a publicada pela Folha de S.Paulo em dezembro de 2017, na qual são consultados especialistas em economia que debatem a validade de um gráfico feito pela organização Auditoria Cidadã da Dívida.

O grupo, que é contra o pagamento da dívida externa sem a realização de auditoria prévia, destaca na imagem a mesma comparação feita por Bolsonaro na frase selecionada. O gráfico coloca lado a lado as despesas com juros e amortização da dívida e recursos destinados a áreas como Previdência Social, saúde e segurança pública. No entanto, a figura não mostra que os recursos relacionados à dívida não provêm da arrecadação de impostos como os dedicados às outras áreas citadas.



95.2K

95.2K
SHARES

“A média são 350 [refugiados da Venezuela] por dia que entram [em Roraima].”



A afirmação de Bolsonaro é exagerada. A assessoria de imprensa do parlamentar não forneceu a fonte dos dados, mas os números se aproximam daqueles citados em uma notícia da Câmara dos Deputados publicada em 16 de fevereiro. Entre 1º e 25 de janeiro, 354,6 estrangeiros entraram por dia em Roraima somente pelo posto da Polícia Federal instalado em Pacaraima. Contudo, a reportagem não informa quantas pessoas voltaram para a Venezuela nesse período.

A assessoria de imprensa do Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR) disse ao **Truco** que não são todos os venezuelanos que pedem refúgio no Brasil. “Os venezuelanos podem entrar no país com identidade e têm permanência de 90 dias por conta de acordos com o Mercosul. Alguns também solicitam residência temporária”, informou.

Há uma diferença entre ser refugiado e imigrante. Para ganhar o status de refugiado, segundo o Ministério da Justiça, a pessoa que deixa o seu país por medo de perseguição por motivos de raça, religião, nacionalidade, grupo social, opiniões públicas ou grave violação de direitos humanos deve solicitar um termo à Polícia Federal. De acordo com o relatório “Refúgio em Números” de 2018, elaborado pelo Ministério da Justiça, somente 18 venezuelanos foram reconhecidos como refugiados pelo governo federal (4 em 2015 e 14 em 2016).

Segundo a assessoria da ACNUR, é comum a população não ter conhecimento sobre os termos, como imigração, refúgio e visto humanitário. Dessa forma, expandindo a discussão para os 17.865 venezuelanos que solicitaram o status de refugiados em 2017, cerca de 49 requerentes da Venezuela entraram no país por dia. Ainda assim, o número não se aproxima do de 350 refugiados citados por Bolsonaro.

A Polícia Federal calcula que 48.024 venezuelanos entraram em Roraima e não tiveram a sua saída registrada de 1º de janeiro de 2017 até 17 de abril deste ano. Portanto, é possível afirmar que 102 pessoas por dia ficaram no país nesse intervalo de tempo. Para descobrir quantos venezuelanos entraram e ficaram no Brasil apenas em 2018, foram subtraídos desses 48.024 os 41.755 que permaneceram por aqui ao longo do ano passado. Neste ano, 6.269 pessoas estabeleceram-se no país, ou seja, 58 por dia, em média.



“[Apesar de Roraima ser] um estado riquíssimo nas suas riquezas minerais, biodiversidade e terras agricultáveis, é um estado que nada produz, dada a questão indigenista e ambiental.”



O presidenciável Jair Bolsonaro costuma criticar as exigências para licenciamento ambiental feitas pelo Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama) e também as restrições que existem para exploração de terras indígenas, algumas delas previstas na Constituição. Para sustentar a tese de que essas limitações afetam o desenvolvimento de algumas regiões do país, ele afirmou que, por conta desses impedimentos, o estado de Roraima nada produz. Os dados mostram que a frase de Bolsonaro é falsa.

A produção agrícola de Roraima está longe de estar entre as maiores do país, mas não se

pode afirmar que seja inexistente, de acordo com informações da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab). O relatório “Acompanhamento da Safra Brasileira – Grãos”, de maio de 2018, mostra, na página 27, que o volume superou o de outros nove estados – Acre, Alagoas, Amapá, Amazonas, Espírito Santo, Paraíba, Pernambuco, Rio de Janeiro e Rio Grande do Norte – nas safras de 2016/2017 (230,7 mil toneladas) e de 2017/2018 (270,1 mil toneladas). A produtividade também foi melhor do que a de 21 estados em 2016/2017 (4.210 quilos por hectare) e que a de 18 estados em 2017/2018 (3.903 quilos por hectare). Roraima superou outras cinco unidades da Federação em área plantada – Acre, Amazonas, Amapá, Espírito Santo e Rio de Janeiro – nas safras de 2016/2017 (54,8 mil hectares) e 2017/2018 (69,1 mil hectares).

Ainda que a produção mineral seja bem pequena na comparação com outros estados, também não pode ser considerada nula. De acordo com o Anuário Mineral Brasileiro 2018, elaborado pelo Departamento Nacional de Produção Mineral – órgão do Ministério de Minas e Energia que acompanha as atividades mineradoras do país –, o valor da produção mineral comercializada de Roraima no ano passado foi de R\$ 18,2 milhões, superando o do estado do Acre (R\$ 6,5 milhões). Há extração principalmente de minerais não-metálicos, usados na área de construção civil (areia, argila, basalto, cascalho, granito e laterita) e de água mineral.

“93% do Orçamento hoje é comprometido com despesas obrigatórias.”



A frase é verdadeira. Os números apresentados pelas tabelas do Relatório Fiscal do Tesouro Nacional 2017 confirmam o diagnóstico de elevada rigidez das despesas públicas no Brasil. O documento, elaborado anualmente pelo Tesouro Nacional, apresenta diversos resultados e avalia, dentre outros aspectos, os diferentes graus de rigidez das despesas primárias.

Há indicadores e métricas para medir o grau de comprometimento das despesas orçamentárias.



Há indicadores e métricas para medir o grau de comprometimento das despesas orçamentárias.

Quando os indicadores são agregados, eles resultam

em três cenários diferentes. As despesas são classificadas dentro de cada conceito de acordo com o seu grau de rigidez, ou seja, com o nível de comprometimento de cada gasto.

As despesas que são agrupadas no conceito restrito são benefícios previdenciários e assistenciais, gastos de pessoal, abono e seguro desemprego, emendas parlamentares obrigatórias, despesas de custeio e investimentos nas áreas de saúde e educação, além de direitos individuais e coletivos como Bolsa Família, complementos necessários para o Fundo de Garantia do Tempo de Serviço (FGTS) e recursos para compensação do Regime Geral de Previdência Social (RGPS), por exemplo.

Já o conceito ampliado considera também como despesas rígidas as obrigações assumidas pelo governo mediante contratos e convênios assinados com empresas ou consórcios. No conceito de rigidez estendido, o mais abrangente de todos, adicionam-se ainda as despesas conhecidas como “restos a pagar”, que são obrigações assumidas em exercícios

anteriores que pressionam o caixa do Tesouro Nacional porque foram empenhadas, mas não chegaram a ser liquidadas.

Em 2017, no grau de conceito ampliado, a rigidez alcança 93,7% do orçamento, número muito próximo do indicado pelo pré-candidato. “A pequena margem remanescente para abrigar as despesas não rígidas ou discricionárias (6%) torna-se ainda mais estreita quando se adiciona a concorrência dos Restos a Pagar inscritos e não cancelados na disputa por espaço na execução financeira do orçamento de cada exercício”, atesta o relatório. “Neste caso, o indicador de rigidez (Conceito Estendido) se eleva para 97,6% em 2017, tendo alcançado o maior valor da série histórica em análise.”

Publicado em março de 2018, o relatório foi utilizado como base de diversas reportagens que abordam o grau de comprometimento do orçamento nacional. O levantamento do Tesouro Nacional destaca ainda que o grau de rigidez do orçamento em 2017 atingiu os níveis mais altos desde 2001, quando tem início a série histórica.

“Você não pode ter uma hidrelétrica [em Roraima] para produzir energia para o estado.”



Roraima é o único estado brasileiro isolado do Sistema Interligado Nacional, que garante a distribuição de eletricidade em todo o país. Para que suas necessidades sejam atendidas, compra até 200 megawatts do complexo hidrelétrico de Guri e Macaguá, na Venezuela. Usinas termelétricas também costumam ser acionadas, principalmente em casos de emergência. Isso não ocorre porque é proibido construir hidrelétricas na região, como sugere Bolsonaro, mas porque até hoje foi feita apenas uma usina desse tipo, de pequeno porte. A hidrelétrica de Jatapu, revitalizada recentemente,

fornece 10 megawatts para três cidades do sul do estado.



Ainda nos governos de Luiz Inácio Lula da Silva e Dilma Rousseff (PT) foram definidas duas linhas de ação para resolver os problemas de abastecimento de eletricidade em Roraima. Uma delas consiste na construção de uma hidrelétrica de grande porte, enquanto a outra prevê a interligação do estado ao resto do país por meio de uma linha de transmissão. A primeira iniciativa está atrasada e a segunda, o Linhão de Tucuruí, enfrenta questionamentos por atravessar território indígena.

Muito criticado, o projeto da usina hidrelétrica de Bem-Querer está em andamento em ritmo lento, com previsão de gerar 708 megawatts. Esse volume de energia seria capaz de suprir toda a demanda do estado. A obra foi incluída na segunda etapa do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC 2), em 2011, mas está ainda nos seus estágios iniciais. A Empresa de Pesquisa Energética (EPE), ligada ao Ministério de Minas e Energia, por enquanto fez apenas duas licitações relacionadas ao projeto, para estudos das questões indígenas e ambientais.

O custo estimado da obra era de R\$ 3,9 bilhões. Havia a ideia de construir mais três

barragens em Paredão, o que subiria o gasto para R\$ 5,5 bilhões, em valores de 2012. Isso faria a geração de energia subir para 1.050 megawatts de potência instalada. A área alagada, no entanto, seria similar à de Belo Monte, para um potencial de geração dez vezes menor. Além disso, a construção afetaria profundamente as populações locais, com grande impacto social e econômico. O projeto, contudo, até hoje não foi abandonado ou impedido, o que torna falsa a frase de Bolsonaro.



Veja outras checagens dos presidentiáveis



ANEXO G

← → ↺ 🏠 ⓘ https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2018/07/31/bolsonaro-roda-viva/ ☆

 INÍCIO ASSINE 👤 🔍 ☰

 **Lupa** f t y d i n i

A PRIMEIRA AGÊNCIA DE FACT-CHECKING DO BRASIL QUEM SOMOS OMBUDSMAN LUPA EDUCAÇÃO EVENTOS

 #RodaViva Foto: YouTube/Reprodução

Bolsonaro no Roda Viva: erros e acertos do candidato do PSL à Presidência

por CHICO MARÉS, CLARA BECKER, LEANDRO RESENDE E NATHÁLIA AFONSO
31 JUL. 2018 | 12H00 |

f t e

Candidato à Presidência da República pelo PSL, o deputado federal pelo Rio de Janeiro Jair Bolsonaro foi o entrevistado do programa Roda Viva, da TV Cultura, da última segunda-feira (30). A **Lupa** checou algumas das frases do presidenciável. Veja o resultado:

“O Joaquim Barbosa disse ali [durante o julgamento do Mensalão] que eu fui o único deputado da base aliada que não foi comprado pelo PT”

Jair Bolsonaro, candidato à Presidência pelo PSL, durante o programa Roda Viva, da TV Cultura, no dia 30 de julho de 2018

FAKE NEWS

ENTENDA NOSSA METODOLOGIA

QUEM SOMOS A DEBATE DO LUPA

SUGESTÃO DE CHECAGEM?

ETIQUETAS

VERDADEIRO
A informação está comprovadamente correta

VERDADEIRO, MAS
A informação está correta, mas o leitor merece mais explicações

AINDA É CEDO PARA DIZER
A informação pode vir a ser verdadeira. Ainda não é

EXAGERADO
A informação está no caminho correto, mas

EXAGERADO

Em seu voto no julgamento do Mensalão, o ex-ministro do Supremo Tribunal Federal Joaquim Barbosa citou a votação da Lei das Falências, em 2003, como um dos exemplos da compra de votos no Congresso Nacional. Barbosa disse que, naquele caso, “os líderes dos quatro partidos [PTB, PP, PL e PMDB] cujos principais parlamentares receberam recursos em espécie do PT orientaram suas bancadas a aprovar o projeto (...). Somente o sr. Jair Bolsonaro, do PTB, votou contra a aprovação da referida lei”. Mas o ex-ministro também afirma que “vários parlamentares do PT também desobedeceram à orientação da liderança do partido e do governo e votaram contra”.

Vale lembrar que, em 2018, o ex-ministro disse, em entrevista, que considera Bolsonaro “um risco para o país”, junto com o presidente Michel Temer (MDB) e a possibilidade de um golpe militar.

Procurado, o candidato não respondeu.

CONTRADITÓRIO

A informação contradiz outra difundida antes pela mesma fonte

SUBESTIMADO

Os dados são mais graves do que a informação

INSUSTENTÁVEL

Não há dados públicos que comprovem a informação

FALSO

A informação está comprovadamente incorreta

DE OLHO

Etiqueta de monitoramento

SEÇÕES

“De acordo com a nossa Constituição, ninguém poderá ser considerado culpado sem uma sentença transitada e julgada. Isso não aconteceu no caso do Coronel Carlos Alberto Brilhante Ustra”
Jair Bolsonaro, candidato à Presidência pelo PSL, durante o programa Roda Viva, da TV Cultura, no dia 30 de julho de 2018

FALSO

Em 2015, uma condenação contra Carlos Alberto Brilhante Ustra transitou em julgado, depois que o Supremo Tribunal Federal (STF) negou recurso impetrado por ele. O militar foi condenado pela tortura da militante de esquerda Maria Amélia Teles. A ação era declaratória, e, portanto, não estabelecia uma indenização à família ou uma punição ao coronel. O trânsito em julgado, confirmado em dezembro de 2015, foi decretado um mês e meio após sua morte.

Ustra foi o chefe do Destacamento de Operações de Informações do Centro de Operações de Defesa Interna (DOI-Codi) de 1970 a 1974. Em 2008, a Justiça de São Paulo reconheceu que o coronel prendeu e torturou Maria Amélia na frente dos dois filhos dela, à época com

cinco e quatro anos. Foi a primeira vez que um militar foi reconhecido pela Justiça como torturador.

Ustra recorreu da decisão, mas, em 2012, o Tribunal de Justiça de São Paulo (TJ-SP) decidiu manter a sentença. Ele recorreu novamente ao Superior Tribunal de Justiça (STJ) e, finalmente, ao Supremo Tribunal Federal (STF). O ministro Marco Aurélio Mello negou prosseguimento pois, no seu entendimento, “o Colegiado de origem procedeu a julgamento fundamentado de forma consentânea com a ordem jurídica”. O processo foi declarado como transitado em julgado no dia 1.º de dezembro de 2015 – um mês e meio após sua morte.

Procurado, Bolsonaro não respondeu.

“Não defendi em redes sociais [os policiais do Espírito Santo que fizeram paralisação em 2017]”

Jair Bolsonaro, candidato à Presidência pelo PSL, durante o programa Roda Viva, da TV Cultura, no dia 30 de julho de 2018

FALSO

No dia 6 de fevereiro de 2017, Bolsonaro publicou um vídeo em suas redes sociais negando a existência da greve da Polícia Militar do Espírito Santo e defendendo os policiais. “O que aconteceu é que alguns familiares bloquearam a saída de alguns batalhões da Polícia Militar. E as viaturas não saindo, o policial não foi para rua”, afirmou o atual candidato.

No entanto, no mesmo dia, a Justiça do ES considerou a paralisação irregular. “O aquartelamento dos militares corresponde a uma ‘greve branca’, uma vez que representa a tentativa de busca de melhores condições salariais, daí a ilegalidade do movimento, haja vista a vedação expressa do exercício do direito de greve aos militares”, diz a decisão do desembargador Robson Luiz Albanes. Também no dia 6, o governo do estado solicitou o apoio das Forças Armadas no policiamento.

Apesar de dizer que não havia greve, Bolsonaro pediu ao governador em exercício à época, Cesar Colnago (PSDB-ES), que abrisse um canal urgente de negociação com quem de direito dentro da PM: “Sabemos das dificuldades que os senhores têm, mas o policial também tem”.

No dia 6 de fevereiro de 2017, Bolsonaro publicou um [vídeo](#) em suas redes sociais negando a existência da greve da Polícia Militar do Espírito Santo e defendendo os policiais. “O que aconteceu é que alguns familiares bloquearam a saída de alguns batalhões da Polícia Militar. E as viaturas não saindo, o policial não foi para rua”, afirmou o atual candidato.

No entanto, no mesmo dia, a Justiça do ES considerou a paralisação irregular. “O aquartelamento dos militares corresponde a uma ‘greve branca’, uma vez que representa a tentativa de busca de melhores condições salariais, daí a ilegalidade do movimento, haja vista a vedação expressa do exercício do direito de greve aos militares”, diz a [decisão](#) do desembargador Robson Luiz Albanez. Também no dia 6, [o governo do estado](#) solicitou o apoio das Forças Armadas no policiamento.

Apesar de dizer que não havia greve, Bolsonaro pediu ao governador em exercício à época, Cesar Colnago (PSDB-ES), que abrisse um canal urgente de negociação com quem de direito dentro da PM: “Sabemos das dificuldades que os senhores têm, mas o policial também tem”.

Atualmente, um processo contra participantes da paralisação e parentes de policiais [tramita no Tribunal de Justiça do ES](#). Um dos réus é o Capitão Assumção, ex-deputado federal e aliado mencionado por Bolsonaro no Roda Viva.

Procurado, Bolsonaro não respondeu.

“Nunca falei em metralhar a Rocinha”

Jair Bolsonaro, candidato à Presidência pelo PSL, durante o programa [Roda Viva](#), da TV Cultura, no dia 30 de julho de 2018

DE OLHO

Bolsonaro teria falado em “metralhar a Rocinha” em fevereiro, durante evento do banco de investimentos BTG Pactual. Segundo a empresa, [não há registros em vídeo ou áudio](#) da fala do deputado, e a imprensa não participou do encontro. Mesmo assim, [Folha de S. Paulo](#), [Valor Econômico](#) e [Buzzfeed News](#) noticiaram o evento – e não mencionaram que Bolsonaro tivesse falado sobre “metralhar a Rocinha”.

A frase foi atribuída ao deputado pelo colunista do jornal O Globo Lauro Jardim, em nota publicada no dia 11 de fevereiro, como “receita para resolver a guerra da Rocinha”. “Bolsonaro disse que mandaria um helicóptero derramar milhares de folhetos sobre a favela, avisando que daria um prazo de seis horas para os bandidos se entregarem. Findo este tempo, se a bandidagem continuasse escondida, metralharia a Rocinha”, escreveu o colunista. O texto de Jardim foi atualizado com manifestação da assessoria de imprensa do deputado, que não desmente o uso do verbo metralhar, mas afirma que ele se referia a um episódio específico ocorrido na favela em setembro de 2017, quando “marginais estavam claramente afastados da comunidade e, portanto, passíveis de sofrer efetiva ação policial para prisão”.

O jornalista Augusto Nunes, que entrevistou Bolsonaro no evento do banco, disse à rádio Jovem Pan que ele não usou o termo metralhar. “Ele não falou em nenhum momento sobre metralhar a Rocinha, isso seria demais”.

Procurado, Bolsonaro não respondeu.

“A expectativa de vida do policial militar do Rio de Janeiro está muito abaixo de 60 anos de idade”

Jair Bolsonaro, candidato à Presidência pelo PSL, durante o programa Roda Viva, da TV Cultura, no dia 30 de julho de 2018

INSUSTENTÁVEL

Tanto a Polícia Militar do Rio de Janeiro, quanto o Fórum Brasileiro de Segurança Pública dizem desconhecer estudos sobre expectativa de vida de policiais militares no RJ. O Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2017 indica que a polícia que mais morreu em confrontos no ano de 2016 foi a do Rio de Janeiro, mas não há dados sobre a idade que esses policiais tinham ao morrer.

Procurado, o candidato não respondeu.

“Alguns anos atrás, a Inglaterra baixou sua carga tributária de 28% para 21%”

Jair Bolsonaro, candidato à Presidência pelo PSL, durante o programa Roda Viva, da TV Cultura, no dia 30 de julho de 2018

FALSO

Segundo dados da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico, a carga tributária no Reino Unido hoje é de 33,2%. Nos últimos 10 anos, ela nunca foi menor do que 31,5%. Vale lembrar ainda que a tributação em cima do total das receitas fiscais inglesa é maior do que a brasileira, que está em 32,2%. Os relatórios da OCDE foram publicados em 2018, com ano base de 2016.

Procurado, o candidato não respondeu.

“O [então deputado federal] Ulysses Guimarães votou, no dia 11 de abril de 1964, em Castelo Branco para presidente”

Jair Bolsonaro, candidato à Presidência pelo PSL, durante o programa Roda Viva, da TV Cultura, no dia 30 de julho de 2018

VERDADEIRO

Deputado federal pelo PSD de São Paulo, em 1964, Ulysses Guimarães votou em Castelo Branco para Presidência da República na sessão do dia 11 de abril daquele ano, 10 dias após a deposição do então presidente João Goulart do poder. Foram 361 votos para Castelo Branco, 72 abstenções, 2 votos para Eurico Gaspar Dutra e 3 votos para Juarez Távora, naquela que foi a primeira eleição indireta realizada durante a ditadura militar.

“Há poucos anos, foi votado, por iniciativa do PSOL, um Projeto de Decreto Legislativo para anular a sessão de 2 de abril de 1964”

Jair Bolsonaro, candidato à Presidência pelo PSL, durante o programa Roda Viva, da TV Cultura, no dia 30 de julho de 2018

VERDADEIRO, MAS

Em 21 de novembro de 2013, o Congresso Nacional aprovou o Projeto de Resolução 4/2013, anulando a sessão do dia 2 de abril de 1964. Nesta sessão foi declarada vaga a Presidência da República, então ocupada por João Goulart. A decisão culminou na eleição do

Marechal Castelo Branco como presidente do país – em processo de candidato único no Congresso – dando início ao período da ditadura militar brasileira.

Mas a iniciativa de pedir a anulação da sessão não foi apenas do PSOL. O texto é de autoria de dois senadores: Pedro Simon (PMDB-RS) e Randolfe Rodrigues (à época no PSOL, mas hoje na Rede). A declaração de vacância da Presidência foi considerada inconstitucional porque a perda do cargo só se daria em caso de viagem internacional sem autorização do Congresso e o presidente João Goulart se encontrava no Rio Grande do Sul, local conhecido e dentro do país.

“O pessoal do Rio de Janeiro tem direito a gastar até R\$ 400 mil [de Cotão]”

Jair Bolsonaro, candidato à Presidência pelo PSL, durante o programa Roda Viva, da TV Cultura, no dia 30 de julho de 2018

VERDADEIRO

Bolsonaro fazia referência à Cota para exercício da atividade parlamentar, conhecida como Cotão. Trata-se de uma verba destinada a custear os “gastos dos deputados exclusivamente vinculados ao exercício da atividade parlamentar” e varia conforme o estado pelo qual o político foi eleito. Os deputados do Rio de Janeiro podem gastar até R\$ 429.108 por ano em passagens aéreas, telefonia, manutenção de escritórios, alimentação, locação ou fretamento de aeronaves e automóveis, contratação de consultoria, entre outros – o que equivale a um gasto mensal de R\$ 35.759.

“Eu não gastei R\$ 200 mil [do valor a que tinha direito no Cotão]”

Jair Bolsonaro, candidato à Presidência pelo PSL, durante o programa Roda Viva, da TV Cultura, no dia 30 de julho de 2018

VERDADEIRO

Bolsonaro usou, em 2017, R\$ 222.949 do Cotão. Deixou, portanto, de gastar R\$ 206.159 aos quais tinha direito. Com isso, foi o 47º entre os deputados fluminenses no ranking de gastos com essa cota. Veja

aqui a lista com valores utilizados por cada congressista.

“O português nem pisava na África [quando houve escravidão]”

Jair Bolsonaro, candidato à Presidência pelo PSL, durante o programa Roda Viva, da TV Cultura, no dia 30 de julho de 2018

FALSO

Os portugueses, assim como outras nações europeias, participavam ativamente do comércio de escravos na África e estabeleceram feitorias no continente a partir do século 15. Mais tarde, os portugueses colonizaram áreas na África – tanto que, atualmente, cinco países africanos têm o português como língua oficial, Angola, Moçambique, Guiné Bissau, Cabo Verde e São Tomé e Príncipe.

Estima-se que 4,8 milhões de africanos foram trazidos para o Brasil por europeus entre os séculos 16 e 19, descontando os que morreram durante o transporte. Junto com o Caribe, o Brasil foi o principal destino do tráfico negreiro no período.

Procurado, o candidato não respondeu.

“A expectativa de vida do Piauí é de 69 anos de idade”

Jair Bolsonaro, candidato à Presidência pelo PSL, durante o programa Roda Viva, da TV Cultura, no dia 30 de julho de 2018

VERDADEIRO, MAS

Bolsonaro questionava setores de esquerda que diziam que pessoas com 65 anos “se aposentariam mortas”, e mencionou que a expectativa de vida no Piauí era superior a isso, o que está correto. Mas, segundo a mais recente tábua de mortalidade do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, a esperança de vida de um piauiense ao nascer em 2016 era de 71,1 anos – ou seja, ainda maior do que o citado pelo candidato.

O estado com pior desempenho neste indicador é o Maranhão, com 70,6 anos. Já o melhor índice brasileiro é o de Santa Catarina: 79,1 anos. A média nacional é de 75,8 anos. Os dados são mais atuais são referentes ao ano de 2016.

“Eu nunca ataquei banqueiro”

Jair Bolsonaro, candidato à Presidência pelo PSL, durante o programa Roda Viva, da TV Cultura, no dia 30 de julho de 2018

FALSO

Em discurso na Câmara dos Deputados no dia 5 de dezembro de 2002, Bolsonaro fez uma crítica aos banqueiros: “realmente os banqueiros são muito privilegiados neste país, onde falta patriotismo”. O comentário foi feito como um elogio ao pronunciamento da então deputada comunista Vanessa Grazziotin que criticava o sistema bancário no Brasil. Após endossar a parlamentar, Bolsonaro atacou a indicação do embaixador José Viegas ao cargo de ministro da Defesa do primeiro governo petista.

Em outra ocasião, em 1999, no programa *Câmera Aberta*, o deputado também atacou o relacionamento entre banqueiros e alguns parlamentares ao falar sobre a CPI dos Bancos, que investigou irregularidades no sistema financeiro.

Procurado, o candidato não respondeu.

“Os transportadores arcam com prejuízo de R\$ 1,5 bilhão por ano, fruto do roubo de cargas no Brasil”

Jair Bolsonaro, candidato à Presidência pelo PSL, durante o programa Roda Viva, da TV Cultura, no dia 30 de julho de 2018

VERDADEIRO

Segundo a Associação Nacional de Transporte Rodoviário de Cargas e Logística (NTC&Logística), em 2017, o prejuízo do setor de transportes com roubo de cargas chegou a R\$ 1,57 bilhões no país. Foram 25.970 ocorrências em todo o Brasil. De acordo com a entidade, os estados do Rio de Janeiro e de São Paulo concentram 81,56% dos casos.

“Eu nunca disse que queria ser vice do Aécio”

Jair Bolsonaro, candidato à Presidência pelo PSL, durante o programa Roda Viva, da TV Cultura, no dia 30 de julho de 2018

FALSO

Em entrevista ao portal [Infomoney](#), publicada no dia 22 de maio de 2014, Bolsonaro disse que se não fosse candidato à Presidência, gostaria de ser vice na chapa de Aécio Neves, presidenciável pelo PSDB naquele pleito. “Seria uma grande honra pra mim”, afirmou.

Procurado, o candidato não respondeu.

“Como lá na primeira UPP, a do [Complexo do] Alemão (...)”

Jair Bolsonaro, candidato à Presidência pelo PSL, durante o programa [Roda Viva](#), da [TV Cultura](#), no dia 30 de julho de 2018

FALSO

A Unidade de Polícia Pacificadora (UPP) do Complexo de favelas do Alemão, na Zona Norte do Rio de Janeiro, foi inaugurada em 30 de maio de 2012, quase quatro anos depois do início do programa de policiamento de favelas na capital fluminense. A primeira UPP do Rio foi a da Santa Marta, no bairro de Botafogo, na Zona Sul, aberta [em dezembro de 2008](#), durante o governo Sergio Cabral.

Procurado, o candidato não respondeu.

“[Pelo projeto do voto impresso aprovado no Congresso, o eleitor]

Não sairia com o papel (*comprovante de voto*), não”

Jair Bolsonaro, candidato à Presidência pelo PSL, durante o programa [Roda Viva](#), da [TV Cultura](#), no dia 30 de julho de 2018

VERDADEIRO

No artigo 59-A da [Lei das Eleições](#), incluído pela minirreforma eleitoral aprovada em setembro de 2015 pelo Congresso Nacional, está previsto que no processo de votação eletrônica o registro impresso de cada voto “será depositado, de forma automática e sem contato manual do eleitor, em local previamente lacrado”. Ou seja, o eleitor não poderia sair com o papel na mão.

“Tenho 500 projetos apresentados [na Câmara dos Deputados]”

Jair Bolsonaro, candidato à Presidência pelo PSL, durante o programa [Roda Viva](#), da [TV Cultura](#), no dia 30 de julho de 2018

EXAGERADO

Em sete mandatos como deputado federal, Bolsonaro apresentou 172 projetos para criar ou mudar leis no país. Desses, 162 são Projetos de Lei (PL), um é Projeto de Lei Complementar (PLC) e cinco são Propostas de Emenda à Constituição (PEC). Há, neste momento, 81 propostas desse tipo de Bolsonaro (ou que tem o deputado como um dos autores) tramitando na Congresso Nacional.

Existem outras 470 proposições apresentadas pelo deputado nos arquivos da Câmara, mas não são projetos de lei. São emendas a processos correntes em comissões, indicações de autoridades para que prestem informações em casos analisados pela Câmara, além de mensagens e manifestações no plenário da Casa.

Procurado, o candidato não respondeu.

“Nós [a candidatura Bolsonaro] abominamos a tortura”

Jair Bolsonaro, candidato à Presidência pelo PSL, durante o programa Roda Viva, da TV Cultura, no dia 30 de julho de 2018

CONTRADITÓRIO

Em entrevista ao programa Câmera Aberta, da TV Bandeirantes, no dia 23 de maio de 1999, Bolsonaro disse ser favorável à tortura. “Sou favorável à tortura, você sabe disso, e o povo também é”, disse.

No mesmo programa, o atual candidato defendeu, na CPI dos Bancos, no Senado, que Chico Lopes, ex-presidente do Banco Central, fosse submetido ao “pau-de-arara, técnica de tortura na qual a pessoa fica suspensa em um travessão de madeira ou metal, com braços e pés amarrados, enquanto sofre afogamentos, golpes com palmatórias e choques elétricos, por exemplo. Bolsonaro disse, ainda, que fecharia o Congresso Nacional caso fosse presidente e que “através do voto, não vai mudar nada” no Brasil. “[O voto] não muda absolutamente nada. Só vai mudar quando nós partimos para uma guerra civil aqui dentro”.

Procurado, o candidato não respondeu.

*****Esta checagem foi atualizada às 14h do dia 1º de agosto de 2018.***

***** Parte desta checagem foi publicada no jornal Folha de S.Paulo do dia 1º de agosto de 2018.***

Editado por: Natália Leal





O conteúdo produzido pela Lupa é de inteira responsabilidade da agência e não pode ser publicado, transmitido, reescrito ou redistribuído sem autorização prévia.

A Agência Lupa é membro verificado da International Fact-checking Network (IFCN). Cumpre os cinco princípios éticos estabelecidos pela rede de checadores e passa por auditorias independentes todos os anos.

TIPO DE CONTEÚDO

CHECAGEM

ANEXO H

← → ↻ 🏠 🔍 https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2018/05/30/roda-viva-ciro-gomes/ ☆

 INÍCIO ASSINE

 🔍 ☰

A PRIMEIRA AGÊNCIA DE FACT-CHECKING DO BRASIL [QUEM SOMOS](#) [OMBUDSMAN](#) [LUPA EDUCAÇÃO](#) [EVENTOS](#)

 #RodaViva

Foto: Reprodução

Ciro diz que número de presas aumentou 500% em três anos. Será?

por CHICO MARÉS E CLARA BECKER
30.MAIO.2018 | 12H00 |

Pré-candidato à Presidência da República pelo PDT, o ex-ministro **Ciro Gomes** participou, na noite da última segunda-feira (28), do programa *Roda Viva*, da TV Cultura. A **Lupa** analisou algumas das declarações feitas pelo presidencialiável. Confira abaixo o resultado:

“[A Transnordestina] tinha 5 mil pessoas trabalhando [antes de Temer assumir a Presidência]”
Ciro Gomes, pré-candidato do PDT à Presidência da República, em entrevista ao Roda Viva no dia 28 de maio de 2018

EXAGERADO

Festival piauí GloboNews de Jornalismo

ENTENDA NOSSA METODOLOGIA

FALE COM A REDAÇÃO NO LUPA@LUPA.NEWS

SUGESTÃO DE CHECAGEM?

ETIQUETAS

VERDADEIRO
A informação está comprovadamente correta

VERDADEIRO, MAS
A informação está correta, mas o leitor merece mais explicações

AINDA É CEDO PARA DIZER
A informação pode vir a ser verdadeira. Ainda não é

EXAGERADO
A informação está no caminho correto, mas

Relatório do Tribunal de Contas da União mostra que, em abril de 2016, antes de Michel Temer assumir a Presidência da República de forma interina, 2.856 pessoas trabalhavam nas obras da Transnordestina – não 5 mil como afirmou Ciro na TV. Em junho de 2016, já com Temer no poder, o número de funcionários na obra da ferrovia caiu. Passou para 1.122 pessoas. A Transnordestina é uma obra ferroviária de 1,7 mil quilômetros que pretende integrar os estados do Piauí, Pernambuco e Ceará e fortalecer a economia regional.

Procurado, Ciro não retornou.

“Foi o Temer assumir [a Presidência] que [a Transnordestina] parou”

Ciro Gomes, pré-candidato do PDT à presidência da República, em entrevista ao Roda Viva no dia 28 de maio de 2018

EXAGERADO

As obras da ferrovia Transnordestina tiveram o repasse de recursos suspenso em 16 de maio de 2016 – quatro dias depois de Temer assumir a Presidência de forma interina. A decisão, no entanto, é decorrente de um processo que tramitou no Tribunal de Contas da União (TCU) e que investigava o descompasso entre os valores destinados à construção e o percentual executado da obra. Ou seja: não há qualquer relação com a saída de Dilma Rousseff ou a chegada de Temer à Presidência.

O processo do TCU começou em 28 de abril 2016, ainda no governo petista. A interrupção na obra, ordenada por medida cautelar, foi revogada um mês depois, e a construção voltou a andar. Em janeiro de 2017, no entanto, o TCU decidiu, mais uma vez, que os repasses deveriam ser suspensos. E a obra está parada desde então, com 56% de seu projeto concluído.

De acordo com o tribunal, o empreendimento tem alto risco de não ser concluído e de gerar dano aos cofres públicos. Por ora, a suspensão deverá ser mantida até que a empresa Transnordestina Logística S.A explique por que a obra está atrasada. Segundo consta no acórdão 67/2017 do TCU, a construção da ferrovia tinha, em 2006, um orçamento de R\$ 4,5 bilhões e data de entrega prevista

CONTRADITÓRIO

A informação contradiz outra difundida antes pela mesma fonte

SUBESTIMADO

Os dados são mais graves do que a informação

INSUSTENTÁVEL

Não há dados públicos que comprovem a informação

FALSO

A informação está comprovadamente incorreta

DE OLHO

Etiqueta de monitoramento

SEÇÕES

para 2010. Em 2015, o projeto foi reavaliado em R\$ 11,2 bilhão e sua conclusão postergada para 2017.

Procurado, Ciro não retornou.

“Subiu mais de 500%, nos últimos três anos, a quantidade de mulheres apenadas no sistema prisional brasileiro”

Ciro Gomes, pré-candidato do PDT à presidência da República, em entrevista no Roda Viva no dia 28 de maio de 2018

EXAGERADO

O último Levantamento Nacional de Estatísticas Prisionais (Infopen), publicado em 2017, mostra que, nos últimos três anos, ou seja, de 2013 a 2016, o crescimento da população carcerária feminina foi de 28,9%, passando de 32,9 mil para 42,4 mil mulheres presas. O crescimento de mais de 500% citado por Ciro Gomes se deu num período de 16 anos, desde 2000, quando o país tinha 5,6 mil presas.

Procurado, Ciro não retornou.

“[Um país como o nosso tem] 760 mil pessoas aprisionadas”

Ciro Gomes, pré-candidato do PDT à presidência da República, em entrevista no Roda Viva no dia 28 de maio de 2018

EXAGERADO

A versão mais recente do Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias (Infopen), mostra que o país tinha um total de 726.712 detentos em junho de 2016 – 33 mil a menos do que citou Ciro Gomes no Roda Viva. Já pelo Geopresídios, do Conselho Nacional de Justiça, são 682.721 pessoas encarceradas. O dado é de 2018.

Procurado, Ciro não retornou.

“A política [de drogas] do Uruguai tem mais ou menos a mesma data [que a de Portugal]”

Ciro Gomes, pré-candidato do PDT à presidência da República, em entrevista no Roda Viva no dia 28 de maio de 2018

FALSO

A política de drogas vigente hoje em dia em Portugal foi aprovada em 2000 e entrou em vigor em 2001 – ou seja, há 17 anos. Já a Lei do Cannabis, do Uruguai, foi aprovada no final de 2013, mais de 12 anos depois. Além disso, as duas políticas são completamente diferentes entre si.

Portugal descriminalizou o consumo e a posse de pequenas quantidades de qualquer tipo de droga, mas isso ainda é considerado uma contravenção. Quando alguém é flagrado portando ou consumindo drogas, é encaminhado a uma comissão formada por médicos, assistentes sociais e advogados para avaliação, e esse grupo pode recomendar que a pessoa passe por um tratamento. Ela, no entanto, tem o direito de aceitá-lo ou não. Em Portugal, o que distingue o uso do tráfico é a quantidade de droga

apreendida. Segundo a lei local, a posse é “a quantidade necessária [de drogas] para o consumo médio individual durante o período de 10 dias”. Essa quantia é definida pelo Estado – não pelo consumo individual de cada usuário.

No Uruguai, somente a compra e o uso de maconha são legalizados. Outras drogas seguem proibidas. A maconha é vendida em farmácias, com regulação do Estado. Para comprar, é preciso ser maior de idade e fazer um registro junto ao governo. Também é possível plantar até seis pés de maconha em casa para consumo próprio. Mas o produto resultante desse cultivo não pode ser vendido.

Procurado, *Ciro* não retornou.

“No Ceará, replicando essas práticas [do município Sobral], nós já temos 77 das 100 melhores escolas fundamentais do país”

Ciro Gomes, pré-candidato do PDT à presidência da República, em entrevista no Roda Viva no dia 28 de maio de 2018

VERDADEIRO. MAS

No Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb) de 2015, último disponível, o Ceará emplacou 77 escolas municipais na lista das 100 melhores do país, mas apenas na categoria “anos iniciais”, que vai do primeiro ao quinto ano do ensino fundamental. Nos anos finais desse mesmo segmento, ou seja do sexto ao nono, o Ceará colocou 35 unidades no ranking das 100 melhores escolas, um número inferior ao citado por Ciro. Dessas, uma é federal e 34 são municipais. Os dados estão disponíveis para consulta [no site do INEP](#).

“Um de cada quatro alunos [do Ensino Médio] do Ceará estão nesse tipo de escola [profissionalizantes e de tempo integral]”

Ciro Gomes, pré-candidato do PDT à presidência da República, em entrevista no Roda Viva no dia 28 de maio de 2018

EXAGERADO

Segundo o Censo Escolar de 2017, 17,5% dos alunos cearenses do Ensino Médio estudam em horário integral. Na rede estadual, essa proporção é de 19,1% – algo como um em cada cinco alunos, e não em quatro, como dito por Ciro. É um número relativamente alto, considerando a média brasileira (de 7,9%), mas abaixo do citado pelo pré-candidato na TV. Já o número de alunos em ensino profissionalizante está próximo do citado por Gomes: 23,6%.

Procurado, Ciro não retornou.

Editado por: Cristina Tardáguila e Natália Leal



O conteúdo produzido pela Lupa é de inteira responsabilidade da agência e não pode ser publicado, transmitido, reescrito ou redistribuído sem autorização prévia.

A Agência Lupa é membro verificado da International Fact-checking Network (IFCN). Cumpre os cinco princípios éticos estabelecidos pela rede de checadores e passa por auditorias independentes todos os anos

TIPO DE CONTEÚDO

CHECAGEM